

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**RUBENS VENÂNCIO**

**ESPAÇOS DA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇOS DA MEMÓRIA:**  
Narrativas e Imagens entre os Canoeiros do rio Acaraú

Fortaleza/CE  
Agosto de 2009

RUBENS VENÂNCIO

***ESPAÇOS DA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇOS DA MEMÓRIA:***  
**Narrativas e Imagens entre os Canoeiros do rio Acaraú**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante

Fortaleza /CE  
Agosto de 2009

RUBENS VENÂNCIO

***ESPAÇOS DA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇOS DA MEMÓRIA:***

**Narrativas e Imagens entre os Canoeiros do rio Acaraú**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva

Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

## AGRADECIMENTOS

Mesmo achando que às vezes as palavras não dão conta de alguns sentimentos:

Agradeço a minha família, em especial, minha mãe Socorro e avó Valderez pela paciência e apoio sem medida.

Sem a paciência e a solicitude de todos os dias desses canoieiros, nada disso existiria, nenhuma imagem, nem palavra. Agradeço a vocês, que são esta pesquisa.

Aos amigos de vários encontros, Paulo Daniel, Igor Monteiro, Joannes Paulus, Patrick Walsh, Diocleide Lima, Rogério “Lama”, Tiago Coutinho. Aos amigos de mestrado, Radames, Natália, Robson, Madeixas, Gilva, Secundo. À Natália Maia pelo apoio à pesquisa. A Estácio Júnior e Lia de Paula, que me ajudaram em várias viagens a Sobral. À Gecíola Fonseca pelo “apoio gráfico”.

À Raquel Chaves, jornalista, linda, e com quem divido noites e dias de carinho e apoio.

Agradeço à professora Peregrina Capelo pela atenção e empenho destinado a estes mais de dois anos de pesquisa. Assim como aos professores Francisco Damasceno, amigo de ideias e sociabilidades feirianas; Nilson Almino pelo olhar atento, de morador e pesquisador da cidade de Sobral; e Cristian Paiva, pela sensibilidade do olhar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo apoio financeiro à pesquisa.

## RESUMO

*Espaços da experiência como espaços da memória:* narrativas e imagens entre os canoieiros do rio Acaraú é fruto de uma investigação social que versa sobre as experiências de memória de um grupo que mantém vivo um ofício secular em meio às adversidades da modernização socioeconômica. Por meio das trajetórias de vida dos canoieiros, procuro compreender a construção de narrativas amparadas na memória e sua relação com a cidade de Sobral/CE, principalmente no que diz respeito ao saber da canoagem no rio Acaraú e às transformações urbanísticas ocorridas no trecho do rio que passa pela cidade.

**Palavras-chave:** Trajetórias de vida. Memória. Fotografia. Espaço. Saber.

## ABSTRACT

*Areas of experience as spaces of memory:* narratives and images among the boatmen of the river Acaraú is the result of a social research that focuses on the experiences of memory from a group that keeps alive a secular profession in the adversities of the socio-economic modernization. Through the life trajectories of the boatmen, I seek to understand the construction of narratives backed in memory and its relationship with the city of Sobral/CE, mainly with regard to the knowledge of canoeing on the river Acaraú and the urban transformations that have occurred in the stretch of river that runs through the city.

**Keywords:** trajectories of life. Memory. Photography. Space. Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>07</b>
<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>15</b>
Uma aventura da sensibilidade	
<b>CAPÍTULO 1. UMA ESCUTA SENSÍVEL DA ALTERIDADE: A PROBLEMÁTICA DOS TESTEMUNHOS</b> .....	<b>21</b>
<b>1.1 Espaços da experiência</b> .....	<b>21</b>
<i>1.1.1 Fontes orais: condições de produção, circulação e organização</i> .....	<b>25</b>
<b>1.2 Espaços da experiência como espaços da memória: entre o esquecer e o lembrar</b> .....	<b>33</b>
<i>1.2.1 Os trabalhos da memória e a construção do conhecimento</i> .....	<b>33</b>
<i>1.2.2 A memória e o narrador</i> .....	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 2. TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO DE SOBRAL</b> .....	<b>49</b>
<b>2.1 A trajetória de uma cidade</b> .....	<b>50</b>
<b>2.2 Rodagens de água: o rio Acaraú na formação do espaço urbano</b> .....	<b>53</b>
<b>2.3 Intervenções contemporâneas no espaço urbano de Sobral: o projeto da Margem Esquerda e o Tombamento do Sítio Histórico</b> .....	<b>58</b>
2.3.1 O processo de tombamento .....	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO 3. AS TRAVESSIAS DE UM SABER: A CANOAGEM NO RIO ACARAÚ</b> .....	<b>76</b>
<b>3.1 Canoeiro “vét”:</b> os que se foram e os aposentados.....	<b>76</b>
<b>3.2 Rio abaixo:</b> quando as estradas eram poucas .....	<b>81</b>
<b>3.3 A memória e a imaginação fotográfica</b> .....	<b>86</b>
<b>3.4 Com quantas memórias se faz uma canoa:</b> os feitos .....	<b>91</b>

<b>3.5 <i>Trabalhar por conta: o dono da canoa e os horários de trabalho...</i></b>	<b>97</b>
<b>3.6 <i>Rotas de embarque, violência e sociabilidade .....</i></b>	<b>105</b>

**CAPÍTULO 4. DE ENCHENTES E REGATAS: AS INSCRIÇÕES DA MEMÓRIA NO RIO ACARAÚ .....**116

<b>4.1 <i>Da beira do rio à beira-rio: espaços construídos entre usos e contra-usos .....</i></b>	<b>116</b>
<b>4.2 <i>Quando antigamente era melhor?: a Ponte Molhada e a Ponte Nova .....</i></b>	<b>121</b>
<b>4.3 <i>Quando é água até pra matar cururu: as enchentes no rio Acaraú e suas inscrições na memória .....</i></b>	<b>126</b>

**A GERAÇÃO DAS CANOAS NÃO ACABOU: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....**137

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....**141

**APÊNDICE .....**146

## INTRODUÇÃO

*Espaços da experiência como espaços da memória:* narrativas e imagens entre os Canoeiros do rio Acaraú, é fruto de uma investigação social que versa sobre as experiências de memória<sup>1</sup> de um grupo que mantém vivo um ofício secular em meio às adversidades da modernização socioeconômica. Para isso, procuro compreender a construção de narrativas amparadas na memória e sua relação com a cidade de Sobral/CE<sup>2</sup> – principalmente no que diz respeito ao rio Acaraú e às transformações urbanísticas ocorridas no trecho do rio que corta a cidade.

*Lugares, acontecimentos e personagens* são elementos constitutivos da memória<sup>3</sup>, que compõem o cenário desta pesquisa e virão à tona por meio das trajetórias de vida desses canoeiros. Os testemunhos orais são fontes privilegiadas e constituem a principal via de acesso ao conhecimento, atuando na articulação das categorias analisadas com o trabalho de campo.

Passando pela ponte sobre o rio Acaraú, avisto ao longe o movimento de pequenas embarcações. São homens pescando, levando mercadorias, passeando? A rapidez do ônibus e do olhar desatento não prendem a atenção. No dia seguinte, com a intenção de conhecer a margem recém-urbanizada, tão falada, fui caminhar pelo calçadão em meio a ciclistas e crianças brincando, até me deparar com homens atravessando pessoas entre uma margem e outra.

Dois impactos: esses homens, em suas pequenas embarcações e grandes remos; e a margem oposta à minha localização, paupérrima e abandonada. Essas imagens inquietavam meu olhar, que crescia em interrogações. O rio, os canoeiros, algumas situações desafiavam-me, convidavam ao conhecimento, à interpretação.

Na confusão perceptiva, vieram-me ao pensamento imagens do livro de Malinowski (1978), do qual fazem parte fotos captadas pelo autor dos trobriandeses em suas imponentes embarcações. O impacto visual oferecido pelas duas margens também me deixou em estado

---

<sup>1</sup> Conceito pensado à luz de autores clássicos e contemporâneos, como Halbwachs, Nora, Connerton, Portelli, Pollak, Gondar, entre outros.

<sup>2</sup> Cidade da região norte do Ceará, localizada a 235 km de Fortaleza.

<sup>3</sup> Esses elementos são trabalhados por Michael Pollak no texto *Memória e identidade social* (1992).



de contemplação. A chamada *margem direita* é onde se encontram alguns bairros da periferia de Sobral, como o Dom Expedito. Olhando para essa margem, facilmente se identificam elementos de pobreza: esgotos a céu aberto, casebres, falta de saneamento e limpeza, graves problemas sociais.



Mapa da divisão oficial dos bairros da cidade de Sobral (Fonte: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Já a outra margem – à *esquerda* – é símbolo do projeto de urbanização da Prefeitura Municipal de Sobral à época da gestão Cid Gomes (1997-2004), atualmente governador do Ceará, eleito em 2006. Na *margem esquerda* encontram-se museu de arte, biblioteca, anfiteatro, calçadão para passeio e o famoso *espelho d'água*.



Vista da margem esquerda, com a ponte José Euclides ao fundo (Fonte: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

O objetivo daquela visita, à guisa de um passeio, logo virou objetivo de indagações. As primeiras impressões – que carrego até hoje, numa atitude de estranhamento – fizeram-me voltar e conhecer a margem direita, entrar nas embarcações, conhecer os canoieiros. Arrisco-me: foi nesse momento em que – conscientemente ou não – passei de transeunte a pesquisador. Uma reconversão do olhar. Um olhar de iniciado, daquele que estranha, fuxica.

Com exceção de Chiquim, 25 anos, Roberto, com 42, e Bubu, 41, os demais canoieiros têm pelo menos 27 anos de ofício e média de idade de 60. Seu Valécio<sup>4</sup> tem 63 anos de atividade, 80 de vida, era o mais velho na labuta. Seu Chico Gavião começou entre os 12 e 16 anos, ele completaria 96 anos em agosto de 2008, se não tivesse falecido no mês anterior (junho de 2008). Todo agente social pode ser um narrador (BENJAMIM, 1994), mas esses

---

<sup>4</sup> Desde 2006 que Seu Valécio figurava nesta pesquisa e era tido como o canoieiro mais velho em atividade. Em junho deste ano ele se aposentou, o que não me impedi de evidenciar suas experiências como canoieiro, tendo em vista que em quase toda a pesquisa ele ainda estava trabalhando.

canoeiros<sup>5</sup> é que estão recompondo memórias e experimentações do vivido: Coco, Ivan e Roberto em atividade; Seu Valécio e Mestre Dé, aposentados<sup>6</sup>.

A partir das trajetórias de vida desses cinco homens, destaco momentos e acontecimentos que versam sobre a vida deles enquanto canoeiros. Ao contrário do que se pode pensar a trajetória de canoeiro não se resume ao ambiente canoa. Ao procurar reflexivamente pontos de encontro e divergência entre a tessitura coletiva da memória e a particularidade da lembrança, aspectos da história da cidade vieram à tona: as enchentes de Sobral, as mudanças sofridas pelo rio e as transformações ocorridas no entorno onde eles trabalham.

De uma forma abrangente, estes aspectos são destacados por eles, ao mesmo tempo em que determinados conhecimentos e saberes sobre a canoagem, sobre o rio e a cidade vão sendo construídos. Quem foram os canoeiros antigos; porque o rio tornou-se uma estrada fluvial para os canoeiros; a relação de outras cidades com os canoeiros; particularidades e sociabilidades da canoagem em Sobral, suas rotas, os fatores de canoa, a relação com os passageiros; a importância dos canoeiros nas enchentes passadas e atuais, os momentos de sofrimento vividos pelos desabrigados e os serviços prestados pelos canoeiros; a relação com o poder público e as projeções para o futuro das canoas. E a partir dessas narrativas, fui elencando vários momentos, onde cada canoeiro ia se debruçando mais sobre determinados assuntos em detrimento de outros, a partir da seletividade da sua memória.

Enfim, toda uma rede de informações e acontecimentos que se relacionam com momentos históricos e coletivos e envolve tanto a trajetória do ofício como a cidade de Sobral. Vale dizer que a trajetória desses homens enquanto canoeiros envolve a família, a moradia, sua vida íntima; um todo maior e complexo que fluem durante as narrativas, indissociável do homem-canoeiro.

Assim, a idéia de apreender certas complexidades individuais (por exemplo, o fato de um indivíduo não ser o 'mesmo' em diferentes contextos da vida social) não corresponde à pesquisa ilusória da totalidade complexa de uma pessoa singular. No entanto, sob o pretexto de que evidentemente é impossível compreender de forma exaustiva o que há de mais singular em cada indivíduo, o pesquisador não é

---

<sup>5</sup> Nesta pesquisa me debrucei sobre 5 trajetórias de vida, 3 desses canoeiros estão na ativa e os outros aposentados. Mas existem outros 5 canoeiros vivos e 4 deles são citados – ver apêndice.

<sup>6</sup> A maioria dos canoeiros – aposentados, mortos e na ativa – são conhecidos pelo apelido. O nome completo dos canoeiros que são fontes privilegiadas nessa pesquisa está no apêndice. Contudo, existem outros canoeiros citados pelo apelido onde não consta o nome verdadeiro devido a impossibilidade de localizá-los. A maioria foi citada pelos canoeiros vivos que só os conheciam pelo apelido.

obrigado a optar pelo caminho inverso, ou seja, as caricaturas de estilos, perfis ou hábitos individuais. (LAHITE, 2004: VIV)

No sentido de evidenciar esses saberes e tirar do anonimato a experiência social desses indivíduos, outros personagens figuram nessa pesquisa, como: Dona Graça, mãe de três filhos canoieiros e viúva de Seu Chagas, canoieiro respeitado em Sobral e que viveu as dores e alegrias do ofício de canoieiro; Seu Cócica, genro de Bubu e morador de Sobral que vivenciou vários momentos narrados pelos canoieiros. Assim como Bubu e Lácio, ambos canoieiros, mas que tiveram relações distintas com a canoagem. Todos, indivíduos que vivenciaram experiências distintas e ao mesmo tempo fornecerem elementos para uma visão mais ampla sobre os canoieiros do rio Acaraú.

Os canoieiros, a partir das 5 horas da manhã, dão as primeiras canoadas, atravessando diariamente a população que se desloca entre as margens do rio Acaraú, no trecho que passa pela cidade de Sobral e localiza-se entre a Ponte Oto de Alencar (construída em 1932) e a Ponte Doutor José Euclides (conhecida como *Ponte Nova*, construída em 2000). Utilizando embarcações que comportam seis pessoas sentadas (eu já vi mais), eles levam trabalhadores, estudantes, moradores e passantes de uma margem à outra.

O preço pela travessia é variado, depende da disponibilidade e da vontade do agrado, bem como da familiaridade dos clientes com os canoieiros e de quantas vezes uma pessoa faz a travessia por dia. Há usuários que não pagam. O valor não é fixo; existem algumas variáveis na formação do preço, que já revela formas de convivência, de trocas. *Dê o que puder*, dizem eles, cujo valor dificilmente é maior do que vinte e cinco centavos (R\$ 0,25). Um senhor que atravessa com a mulher e os três filhos diz que paga pouco porque *é a família toda*.

A própria denominação das margens sugere uma análise ao se pensar quais foram os critérios e referências para definir onde é o lado esquerdo e onde é o lado direito. O esquerdo, em outro trecho do mesmo rio – em Santana do Acaraú, por exemplo –, pode ser o direito e vice-versa dependendo do referencial adotado.

Mas geralmente, quando se fala dos lados de um rio, a referência é a sua nascente e onde ele desemboca, ou seja, o curso do rio. Nesse caso, o lado esquerdo é o que passou pelas intervenções urbanas, reforçando a ideia da Margem Esquerda – denominação que foi incorporada em documentos e projetos oficiais. Uma distinção espacial que reflete práticas e que vale a pena problematizá-las.

Conversar com pessoas com média de 60 anos de idade – assim como os canoeiros mais novos - é um desafio para o ouvinte, imerso num universo plural de acontecimentos. Mesmo com as citadas faixas etárias, eles estão trabalhando ativamente, em condições precárias, como sol intenso e sem proteção, a não ser um chapéu ou boné, e submetido a uma atividade que requer força física.

Excetuando-se as entrevistas mais formais, é difícil conversar por algum tempo sem ser interrompido quando eles estão trabalhando. Além de remar, eles deslocam a canoa da areia, empurrando com uma grande vara, utilizando o peso do corpo e a força. Passantes de outras cidades e da própria Sobral se admiram vendo os mais velhos trabalharem.

Mesmo não esquecendo que o Estatuto do Idoso fixa o início da velhice aos 65 anos, levo em consideração as falas recorrentes dos canoeiros mais antigos em dizer que estão velhos para o serviço, ao mesmo tempo em que continuam trabalhando, sem saber quando vão parar por não possuírem outra fonte de renda.

A velhice aparece para os canoeiros mais antigos em outras dimensões e momentos de sua vida, como a vontade de se aposentar de Coco: *Só falta seis anos, quero aproveitar a vida* (Entrevista realizada com Coco em 11 de maio de 2008). Coisa que, para Valécio, não faz mais sentido, por já ser aposentado há muitos anos e achar que *se parar, fico entrevado* (Entrevista realizada pelo pesquisador em junho de 2007). Todos eles resistem à construção de duas pontes e não foi fácil acumular experiências em meio a tanto concreto e tornarem-se narradores ao estilo proposto por Benjamim (1994) – com as devidas reconsiderações – onde a memória está ao lado da experiência acumulada.

Com tantas adversidades, vale lembrar, o Acaraú é conhecido como um rio seco<sup>7</sup>, alternando por muito tempo o ciclo das chuvas com o período em que ficava seco, só sendo perenizado em 1958 por conta da construção do açude Araras na cidade de Varjota a 86 quilômetros de Sobral (MELO, 2001: 30). Mesmo após o Araras, os canoeiros alternavam uma parte do ano como operários das fábricas de sabão, algodão, tecido ou tijolos; e a outra, na canoa.

---

<sup>7</sup> O rio Aracaú ainda seca em vários trechos, tanto em Sobral como em outras cidades cortadas por ele. Não seca no trecho onde trabalham os canoeiros por causa do represamento da água a partir da barragem construída embaixo da ponte Oto de Alencar. Na última cheia de 2008, quando as comportas foram abertas para liberar a água, foi possível ver em alguns trechos pequenas formações de areia.

Na época da seca, o Rio baixava o nível, impossibilitando a entrada das canoas, sendo construída uma ponte de madeira entre uma margem e outra, ligando o centro da cidade ao Dom Expedito e a outros bairros da periferia sobralense. Chegando o inverno, a própria chuva levava a ponte e começavam as canoadas. Foi assim durante vários anos, até que o Rio foi represado e, em 2000, surgiu a ponte nova e o número de canoeiros – que se revezavam em três turnos – baixou de cerca de 14 para sete.

Mesmo com a Igreja Matriz construída de costas para o rio, assim como o quintal de muitas casas, *a cidade de Sobral foi erguida em suas margens e suas águas alimentavam o comércio e as imigrações. Era a estrada fluvial numa região sem estradas* (MELO, 2001: 28) – tendo que conviver com as variações e o ciclo do rio. As grandes inundações de 1924 e 1974 foram as mais famosas de outras tantas – como a de 2004, que inundou a recém-urbanizada margem esquerda. E a de 2009, que destruiu uma parte do calçadão.

Mesmo os canoeiros não confirmando essa versão, um fato curioso visto em algumas regiões banhadas pelo Acaraú são os mitos e lendas contadas pelas populações ribeirinhas atingidas pelas inundações, despertando medo e aterrorizando-as. O trabalho de Denis Melo (2001) reporta-se à antiga lenda sobre a inundação de Sobral que se fixou no imaginário popular, onde a praça da Sé seria uma *cama de baleia*<sup>8</sup>.

A vivência do espaço onde trabalham é algo fundamental no ofício dos canoeiros: de conhecer o rio, de acompanhar suas transformações e singularizá-lo com suas formas de utilização. A narrativa dos canoeiros é pautada pela interferência do espaço e suas recíprocas apropriações. Botar canoa se o vento não está muito forte; a construção da ponte; o local da canoa define a área de embarque; acompanhar e fazer parte do crescimento dos bairros da periferia; o Rio como estrada para transportar pessoas e mercadorias. Parado ou no meio da travessia, a vida é contada, fofocada pelos passantes.

A Prefeitura de Sobral, à época da gestão Cid Gomes, com o discurso da modernização, realizou mudanças racionalizadoras do espaço na cidade e no trecho em que trabalham os canoeiros. *Qualificar* o espaço urbano significou derrubar a casa dos moradores, invadir parte do espaço das que ficaram, aterrar o leito do rio, construir biblioteca, anfiteatro,

---

<sup>8</sup> A *cama de baleia* é uma alusão às regiões que são inundadas pelas chuvas, que de tanta água daria pra formar até uma *cama de baleia*.

calçadão, além da segunda ponte<sup>9</sup> para melhorar o trânsito das pessoas. No discurso da Municipalidade, requalificar o espaço urbano é análogo à noção de limpeza, assepsia, tirar o que destoa do suposto conjunto harmônico.

A racionalização do espaço urbano, própria dos processos de modernização e *requalificação* urbana, modifica a paisagem para fins turísticos, comerciais e de lazer, dando lugar à homogeneização do espaço e de suas vivências, relegando grupos e determinados usos à marginalidade – quando não, limando-os.

Os supracitados sentidos são incorporados pelas práticas da Prefeitura de Sobral. Em geral, essa é a visão do poder público, de alguns urbanistas, do capital financeiro e da própria população, o que não elimina a participação de grupos sociais que criam e elaboram vivências que qualificam a cidade como um lugar singular e híbrido, fazendo com que os espaços sejam apropriados para diversas vivências, cotidianamente ressignificadas.

Dessa forma, trajetórias de vida são marcadas pela construção/imposição de um espaço que comporta tempos distintos, atuantes na memória. Se a memória restaura a experiência pelo ato de narrar, esta contempla lembranças, acontecimentos e *causos* recortados de uma vivência de si e da forma de se relacionar com o contexto histórico.

O tempo histórico em que se situa o relato mistura-se com o atual, onde residem os interesses de formular uma imagem útil ao presente e ao futuro, numa intenção entre o ato de esquecer e lembrar – ações que envolvem tanto a produção da memória como quem irá conservá-la.

O esquecimento faz parte da evocação da memória, da forma de recuperá-la: (...) *a essência da memória não se reduz à conservação das lembranças, mas significa, principalmente, o resgate do esquecimento* (BORELLI, 1992: 88). Nós próprios – pesquisadores – fazemos escolhas quando elegemos o que estudar e por que, estando implícito aquilo que almejamos lembrar.

Mesmo imprecisas, adotamos noções de memória social. No pensamento de Halbwachs (1990) – autor comentado neste estudo –, a noção de memória social e memória coletiva parece misturar-se, ao mesmo tempo em que apreendemos que a memória se torna social quando lança mão das experiências exteriores dos indivíduos e se mistura às

---

<sup>9</sup> Inaugurada em 22 de abril de 2000.

experiências individuais, sendo composta por um conjunto de lembranças comuns, implicando elementos simbólicos, materiais e discursivos.

A memória dos canoieiros está entrelaçada com as mudanças que atingem os espaços em que estão inseridos e das sociabilidades de que fazem parte. Se a memória está posta nesse âmbito de mudança, sua própria evocação remete à transformação – de quem lembra; uma memória refeita a partir de experiências atuais, de um passado não cristalizado, que não pode ser tratada como imune às transformações por que passa o indivíduo. Uma memória que não é sonho, mas trabalho (BOSI, 1994).

## **PERCURSO METODOLÓGICO:**

### **Uma aventura da sensibilidade**

(...) despreza-se tudo que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina da vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos complementar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou à nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura da sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. (FREYRE, 120: 205)

Ao passar por tantas questões, pergunto-me: como lidar com trajetórias de vida? Investigando memórias de um regime militar, as fontes testemunhais são enormes; e ao lidar com narrativas onde só restam alguns indivíduos?

Apesar de os canoieiros ocuparem a posição de informantes em primeiro grau, o trabalho de garimpo que envolve a prática do pesquisador que mergulha no campo me levou a procurar documentos escritos, fotografias, jornais, desenhos, tanto em acervos públicos<sup>10</sup> como particulares, concomitantemente ao levantamento bibliográfico das temáticas aqui exploradas (entenda-se: livros, dissertações, teses e artigos). Nesta pesquisa, tanto a fotografia

---

<sup>10</sup> Biblioteca Municipal Lustosa da Costa, Casa do Capitão-Mor, Biblioteca do Centro de Humanidades da UEVA – em Sobral. Biblioteca Municipal Dolor Barreira, Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC, NUDOC (Núcleo de Documentação / Departamento de História – UFC) e Arquivo Nirez – em Fortaleza.



como os testemunhos são tratados como documentos, como evidências da experiência. Assim como Pollak (1992) pensa da elaboração do passado, as narrativas analisadas *também são tributárias da intermediação do documento*.

Os elementos constituintes da memória – lugares, personagens e acontecimentos – citados anteriormente também dizem respeito à organização dos aspectos metodológicos. Os personagens que povoam este experimento sócio-antropológico são os homens remanescentes do ofício de canoeiro: três que ainda botam canoa e dois aposentados. Friso aqui, com grande pesar, a morte de Seu Chico Gavião, aos 95 anos, em junho de 2008. Seu Chico era o canoeiro vivo mais velho e tive a oportunidade de realizar uma entrevista com pouco mais de uma hora em sua casa na presença de três filhos e um neto<sup>11</sup>.

As entrevistas ocorreram em suas casas e no Rio enquanto trabalham. Admito que é difícil encaminhar uma entrevista enquanto eles trabalham, uma entrevista no sentido formal, sendo gravada e composta de roteiro em aberto – apenas em suas casas esse tipo de entrevista foi possível.

Mas ressalto as valiosas informações obtidas e as situações presenciadas na ribeira do Rio, só possíveis naquele local. São informações que foram anotadas em diário de campo ou gravadas, e os diversos acontecimentos que, observados, forneciam-me instrumentos para interpretar e compreender aquele cotidiano integrado de sentidos e sociabilidades: o encontro e o cruzamento entre as entrevistas e as situações do dia-a-dia de canoeiro.

O momento de tirar água da canoa, quando botar as estopas nas frestas por onde passa água, o horário do cliente certo, a *embromação* para esperar a canoa encher, os clientes que eles evitam e a circulação dos burburinhos do dia-a-dia. São parte de uma série de relações invisíveis, constituídas sob os olhos de todos e que só vêm à tona mediante atencioso trabalho de campo.

Até o presente momento, tenho entrevistas gravadas, vasto material escrito e um acervo de fotografias antigas e produzidas durante o trabalho de campo; bem como as informações anotadas em diário de campo durante as travessias nas canoas e caminhando pelas margens.

---

<sup>11</sup> Quem me deu a notícia foi Seu Valécio. Quando me encontrou foi a primeira coisa que disse: *Rapaz, seu Chico Gavião morreu*. E com muita resignação continuou: *É... a morte é uma das coisas mais justas... não vê rico nem vê pobre* (Diário de Campo, junho de 2008).

Dois momentos são importantes no que diz respeito ao trabalho de campo. Entre 2006 e 2007, durante sete meses, realizei viagens quinzenais a Sobral por conta da aprovação do projeto intitulado *Duas águas*<sup>12</sup> em um edital de fomento à cultura, por meio do qual realizei um ensaio fotográfico sobre o cotidiano dos canoeiros e outros ribeirinhos. Foi da realização desse projeto que surgiu a ideia de desenvolvê-lo no âmbito do mestrado em Sociologia, e que me proporcionou um rico contato com os canoeiros, com suas histórias, dilemas e um melhor conhecimento da cidade de Sobral.

Após entrar no mestrado, no primeiro ano, não pude permanecer com mais frequência em Sobral em razão da quantidade de disciplinas que estava cursando. Esse pouco tempo em campo foi contrabalanceado pela pesquisa bibliográfica e leituras afins, ocasião em que os acervos em Fortaleza foram visitados. No segundo ano, em 2008, passei a intensificar o trabalho de campo em Sobral.

O trabalho do pesquisador, ou do *nativo de lá*, na perspectiva do interlocutor (SILVA, 2006: 55), exige determinadas compreensões sobre o trabalho de campo. Os lugares da minha investigação extrapolam o espaço onde os canoeiros se encontram e se expandem por outros locais e cidades. Se, às margens ou entre as margens, são onde o campo se configura com maior intensidade, ao mesmo tempo elas exigem o deslocamento espacial da investigação.

Em Santana do Acaraú, cidade da região norte do Ceará, aportavam há algumas décadas canoeiros que vinham de Sobral transportando mercadorias. Na cidade de Varjota, foi construído o açude Araras, que perenizou o rio Acaraú. Em Fortaleza, consegui imagens históricas de Sobral entre as décadas de 1920 e 1970. Circulo pelo Dom Expedito e outros bairros da periferia sobralense localizados à margem direita e no seu entorno, a fim de recolher informações sobre os canoeiros e falas sobre a cidade. As fontes orais dependem de um fazer etnográfico, e refleti-lo é necessário para qualificar o encontro que produz os testemunhos. Um garimpo que situa a Etnografia além do espaço que circunda os sujeitos - o campo está em diversos locais.

No seu flunar, o andarilho benjaminiano (1991) se contamina e se perde nos choques e sensações da cidade: *É o viajante que vagueia pela cidade e se nutre através do olhar, do*

---

<sup>12</sup> O projeto *Duas águas* foi um dos vencedores da 2ª Edição do Prêmio BNB de Cultura em 2006, na categoria Artes Visuais.

*ouvir e do sentir através do tato, embriagando-se com dados mortos, guardado na memória dos habitantes do lugar, assim como da sua experimentação do vivido.*

O observador agora é *flutuante*, um observador que estará atento em seu local de pesquisa, como um *observador flutuante* (GOLDMAN, 1995): *o observador está sempre em situação de pesquisa, sua atenção podendo ser exigida a qualquer instante.*

Na qualidade deste, faço-me presente no cotidiano dos canoeiros e em outras situações pertinentes à pesquisa, como os contatos feitos com informantes de categorias diversas: moradores da margem esquerda, habitantes da margem direita, passantes, residentes que não utilizam o transporte das canoas, mas têm algo a dizer sobre elas, e com outras fontes como Corpo de Bombeiros e líderes comunitários. São redes que vão se configurando na feitura do diálogo.

(...) Como uma seqüência dos processos e construções verbais gerados pelos encontros culturais e pessoais no contexto do campo de trabalho entre o narrador (ou narradores) e o historiador, deriva em larga extensão da rica heteroglossia que resulta de uma forma dialógica do discurso. (PORTELLI, 1997:10).

Entrelaçando-se com a memória, a oralidade e o cotidiano, e fazendo as próprias perguntas, as fotografias vão enriquecendo o conhecimento etnográfico e, ao mesmo tempo, sendo enriquecidas por ele. Informações adicionais surgem à pesquisa; fatos anteriormente não percebidos são interpretados e os significados comunicados por palavras ocorrem também por meio de gestos e olhares.

Fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias, os atores sociais e o contexto sócio-cultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem a elucidação de comunicações não-verbais tais como um olhar, um sentimento, um sistema de atitudes (...) (BITTENCOURT, 1998: 199).

As fotografias foram realizadas com propósitos de pesquisa, produzidas e utilizadas em meu trabalho como fotógrafo e pesquisador. Entendidas como vestígios da experiência e produtoras de discursividade, elas captam o cotidiano ao mesmo tempo em que constituem uma expressão desse dia-a-dia. Fotografias que constituem o trabalho visual desta pesquisa, adquirindo um valor documental, no sentido de Rouillé: (...) *insistimos na evidência, quase sempre esquecida, de que em si, a fotografia não é um documento (aliás, como qualquer outra imagem), mas somente está provida de um valor documental, variável segundo as circunstâncias* (2009: 19). Concebida dessa forma, a fotografia não é destituída, em momento algum, de sua expressividade, de sua estética ou plasticidade.

A utilização da fotografia exige do pesquisador maior envolvimento com o campo: no sentido de um outro meio de formular a experiência etnográfica e conduzir o pesquisador a pensar a melhor forma de tratar o material iconográfico, seja pela análise de conteúdo ou do processo de produção de fotografias. Considerar as expressividades visuais no seio da pesquisa antropológica é proporcionar conhecimento, questionar demarcações e diluir fronteiras, agenciando saberes, gestos, trajetórias, narrativas perdidas.

É esse renascimento de idéias e horizontes perdidos, na dominância do factual e do absoluto nas ciências sociais, que nos convida ao diálogo com as inteligências narrativas que há na vida cotidiana através dos mais diversos gêneros criadores de imagens e imaginários: a fotografia, o cinema, a arte, a musicalidade, as performances, as novas tecnologias, etc. (ECKERT; CAIUBY; MARTINS, 2005: 9).

A cidade de Sobral, o rio Acaraú e as transformações do espaço urbano são temáticas que vou cruzá-las e desenvolver no segundo capítulo desta dissertação. Em poucas linhas, analisarei as políticas da Municipalidade para o espaço urbano; como se estabelece a relação da cidade formulada pela burocracia e aquela que foi experienciada pelos passantes.

Para tanto, tive de entender dois aspectos fundamentais: as intervenções urbanísticas que almejam a requalificação do espaço urbano e as *maneiras de fazer o espaço* (CERTEAU, 2007), ambas envolvendo tanto os canoeiros como os passantes e moradores de ambas as margens. Nesse contexto, será ressaltado o processo de tombamento do centro da cidade de Sobral pelo IPHAN (Instituto Histórico e Artístico Nacional) em 1999<sup>13</sup> e o Projeto de Reurbanização da Margem Esquerda.

Como o trabalho com os canoeiros e suas memórias aponta para um contexto mais amplo, a cidade também será pensada, bem como rio Acaraú e sua importância para a região ao longo do tempo. Enfim, narradores, cidade e práticas urbanas vão dialogar e estabelecer conflito nesta pesquisa.

O terceiro capítulo será o espaço onde analiso e interpreto as memórias dos canoeiros cujas fontes orais foram o material fundamental. Organizei estas memórias enquanto falas sobre a cidade, relatos sobre o rio e acerca da sua própria história: os antigos canoeiros, os feitores de canoa, sua relação com o rio. Situações próprias do trabalho de canoeiro; como as

---

<sup>13</sup> Segundo Freitas (2005), foi a primeira cidade tombada no Ceará.

construções afetaram seu cotidiano; suas lembranças sobre o período de grande instabilidade representado pelas enchentes.

Assim como uma crônica que não deve ser perdida, o trabalho dos canoieiros vai surgindo ao longo do texto com lembranças tecidas por eles mesmos e trazendo à tona um saber que vem sendo gestado há muito tempo, o saber da canoagem.

## **CAPÍTULO 1.**

### **POR UMA ESCUTA SENSÍVEL DA ALTERIDADE: A PROBLEMÁTICA DOS TESTEMUNHOS**

#### **1.1. Espaços da experiência**

Tratar de narrativas, testemunhos orais e memória requer o diálogo com várias disciplinas – História, Sociologia, Antropologia. Várias questões se interpõem e misturam-se: memória e história; escrita e oralidade; fontes orais e documentos; indivíduo e investigação social; cotidianos esquecidos e invisíveis.

Os testemunhos orais demandam o esforço do pesquisador em ir de encontro aos próprios termos das discussões propostas. Histórias de vida, trajetórias de vida, narrativas, biografias? Contar acontecimentos de vida é narrá-la por inteiro? O indivíduo é capaz de redimensionar suas experiências para uma textura mais ampla, coletiva? Testemunho oral e oralidade são a mesma coisa? As fontes orais merecem ser vistas como um mero testemunho ou uma interpretação plausível de fatos e acontecimentos? Técnica ou metodológica: qual a razão dos testemunhos?

Trabalho com as narrativas e memórias dos canoieiros do rio Acaraú em um contexto de transformação do espaço urbano, onde estas memórias vão sendo tecidas e levadas a caminhos que misturam os canoieiros à própria história da cidade de Sobral/CE e à história do Rio.

Acredito que uma das formas de encaminhar uma pesquisa com tantas possibilidades é refletir sobre a natureza do próprio espaço que é dado para o indivíduo e suas experiências, que aqui nomeei de *os espaços da experiência* – à luz dos escritos de Sarlo (2007). Antes mesmo de inserir as possibilidades e limites das questões citadas, de problematizar acerca da história oral, devo perceber os espaços, dados ou conquistados que a sociedade disponibiliza para o ato de lembrar e a forma como é disponibilizado. Walter Benjamin em muito me incentiva nessa caminhada.

As experiências de velhos, canoieiros, mestres de reisado, antigos lanterninhas de cinema e outros, foram vividas e guardadas – não sei se contadas. Saberes que são relevantes, ainda mais considerando que é nos atos de contar e ser ouvido que as lembranças são atualizadas e informam sobre algo. Ao se questionar sobre as *ações da experiência* (SARLO, 2007), Benjamim fala da seguinte articulação na análise do sentido da experiência: elementos de temporalidade, comunicação e a relação entre gerações.

O passado é algo que faz parte da vida, principalmente de idosos e que nem sempre dispõem de ouvintes. As pessoas não têm tempo e paciência para escutar. A própria figura do velho ocupa posições marginalizadas na sociedade. Como relatar experiências se os próprios depositários estão em descrédito? O espaço da experiência está achatado pelo sempre porvir e pela intensificação do presente?

A temporalidade que surge com as inovações tecnológicas e as novas tecnologias da informação passa a seguir o compasso da técnica. A mesma sociedade que não alimenta o exercício da lembrança e banaliza o passado corre atrás de meios para resguardar coisas que lhe são muito caras, como sua memória? Os *lugares da memória* são mesmo uma saída à destruição dos meios da memória? Foi o que indagou Nora (1993).

Connerton (1993) esclarece que o ato fundamental para a transmissão e conservação da memória é a recordação. Mesmo pensando no âmbito das cerimônias comemorativas e nas práticas corporais, a oralidade é refletida em seu trabalho como vestígio e num contexto em que a

(...) memória de uma sociedade condiciona largamente a hierarquia do poder. De tal modo que o armazenamento permitido pelas actuais tecnologias da informação e, em consequência, a organização da memória colectiva através da utilização de máquinas de processamento de dados, por exemplo, não é apenas uma questão técnica, mas antes uma questão que se relaciona directamente com a da legitimação, sendo o controle e a propriedade da informação um problema político decisivo (CONNERTON, 1993: 1).

São as marcas do tempo presente na memória. Dificilmente, veem-se homens e mulheres contando histórias enquanto trabalham, como via Benjamim (1994). Os ouvintes só passam. Têm de ir para a escola, estão em horário de almoço, indo resolver um problema no Centro, voltando do almoço etc. Quando muito, jogam conversa fora – estão matando o tempo. O tempo da memória. *Desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo* (BENJAMIM, 1994: 205). Qual o sentido dos velhos ao falarmos em narrativas, se o tempo do passado já foi ou não há

mais tempo para o passado? Como recuperar um passado que ao presente não interessa mais; um passado que com o correr dos anos parece ficar mais curto?

Para Benjamin (1994), as sociedades modernas têm como medida a *pobreza da experiência*. A companhia é trocada pela busca solitária e a experiência pela informação que jorra. A opinião dispensa a sabedoria e mais vale a espuma jornalística do que histórias de cinquenta anos de ofício.

Ao que parece, a nostalgia não é a grande motivação das análises de Benjamin. Acredito que sua pertinência esteja, também, em *localizar razões e condições sociais* (BORELLI, 1992: 81) que compõem um cenário hostil para a produção da memória. Alguns aspectos de sua argumentação devem, por sua vez, ser retomados e recontextualizados a fim de melhor reconduzir suas articulações com minha pesquisa.

Ao formular argumentos que falam das *hipóteses sobre experiência e relato* (SARLO, 2007: 28), o autor é levado, à primeira vista, ao estado de contradição. Ao analisar as condições do declínio do relato em razão da impossibilidade da experiência, Benjamin (1994) elenca da Modernidade e das condições de sua existência. Sua análise sobre a experiência e a Modernidade, todavia, não se encontra circunscrita a tais condições sócio-históricas, no caso, ao que se segue após a Primeira Guerra (marco em suas análises)? Não será o declínio da experiência em tais condições – específicas – de Modernidade? Ao se pensar como algo generalizado e estruturante, assume a morte da experiência, em qualquer época e sejam quais forem as condições. A relação experiência-relato deve ser redimensionada para outro conjunto de tensões e conflitos. Ainda mais se cuidar de experiência-relato por meio da memória-trajetórias de vida. Em consonância com este pensamento, Freitas (2005: 227) escreve:

Penso que olhando de forma panorâmica para o momento contemporâneo, o autor alemão tem razão, mas, mesmo assim, participando ativamente e cotidianamente da vida na cidade de Sobral, percebo que este movimento geral analisado por ele, pode ser relativizado, permitindo acrescentar nuances e peculiaridades típicas do “burburinho” da dia-a-dia que complexificam qualquer visão social.

Questionando-se sobre a possibilidade de não haver mais condições para a transmissão da experiência na Modernidade, a reflexão de Benjamin sobre a história é comentada por Sarlo (2007: 28): *Se esta rompeu a trama da experiência e discurso, que rupturas não produziram o Holocausto e, depois, os crimes em massa do século XX, o Gulag, as guerras de limpeza étnica, o terrorismo de Estado?*



Benjamim sentiu os impactos das transformações oriundas da Modernidade resvalando nos sentidos, nas sensações, na subjetividade – instâncias que estão presentes na memória, na organização do discurso e no encontro de pesquisadores com entrevistados. Essas dimensões estão intrinsecamente ligadas à narração e ocasionam não só o declínio, mas o fim da experiência: *é inseparável a relação entre experiência e relato* (SARLO, 2007: 26). Para Benjamim, a Primeira Guerra Mundial é o marco do sepultamento do relato. A falta de transmissão do vivido é característica desse declínio, e este vivido para produzir experiência deve ser relatado para dar continuidade ao círculo comunicacional.

As críticas a Benjamim são sugestionadas por algumas contradições oriundas da sua filosofia da história: contradições entre a *restauração do tempo histórico* baseado na memória e a *reificação dos fatos históricos* (SARLO, 2007). Sarlo (2007) conduz à argumentação, enumerando alguns desafios e provocações, como, por exemplo: *que lugar resta para um saber do passado?*

A autora ainda argumenta que alguns historiadores estão reconstituindo e não relembando os fatos do passado, seguindo o que ela chama de *filosofia da história reificante e positivista*: uma extrema objetivação da experiência que a transforma em fato e desprovido de subjetividade; unicamente, a verdade da história. A solução para esses fatos é *a redenção do passado pela memória* (SARLO, 2007: 28), um passado atualizado, em que o ato de lembrar é um ato de subjetividade – um dos pontos fortes do texto é a problematização da construção da experiência com base no relato em primeira pessoa.

Na verdade, falar em primeira pessoa do singular passa por uma análise sobre o próprio sujeito. Vários autores declararam que o *eu* não fornece relatos confiáveis ou que o relato autobiográfico não é uma referência da experiência, pelo menos confiável. Paul de Man (1979, apud SARLO, 2007) argumenta que as autobiografias produzem uma *referencialidade indiferenciável* de ficções.

Sarlo (2007) garante que, na atualidade, há uma tendência otimista em relação a esse tipo de relato – autobiográfico – para o registro da experiência, trazendo à cena *os direitos de primeira pessoa*, direitos que se exercitam desde a Etnografia ao Jornalismo, ecoando em várias linguagens.

Em *A experiência etnográfica* (2002), James Clifford discute o lugar do interlocutor e sua representação na escrita das etnografias. No cinema, a personagem é uma ferramenta

poderosa da dramaturgia cinematográfica. No Jornalismo, isso é claramente percebido nas reportagens nas quais a personagem é privilegiada, até em seus jargões, quando o jornalista pede ao repórter fotográfico “fotos de personagens”; sem falar nas biografias e histórias de vida que se proliferam. Fora os exemplos acima, cito o Museu da Pessoa e o Brasil Memória em Rede<sup>14</sup>.

Todos os gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência. Um movimento de devolução da palavra, de conquista da palavra e de direito à palavra se expande (...). Os direitos da primeira pessoa se apresentam, de um lado, como direitos reprimidos que devem se libertar; de outro, como instrumento da verdade. (SARLO, 2007: 38-39)

Esse direito à palavra envolve dimensões políticas e ideológicas com que o pesquisador tem que lidar e deve ser analisado sem perder de vista o contexto em que se insere a pesquisa e as possíveis conseqüências que ela pode gerar para os interlocutores.

### 1.1.1 Fontes orais: condições de produção, circulação e organização

As fontes orais não se apresentam como testemunhas destituídas de interpretação, muito menos neutras e evocadas da forma como foram vivenciadas outrora. Elas apontam para o passado, presente e futuro e o fazem de forma interpretativa – valendo-se de subjetividade e imaginação. Amado e Ferreira (2006: XV) conceituam muito bem a narrativa, quando a entendem como uma *forma de constituição e organização do discurso*:

(aí compreendendo tanto o estilo, na acepção de Peter Gay, quanto àquilo que Paul Veyne chamou de “trama” e Hayden White de “urdidura do enredo”) são valorizadas pelo historiador, pois, como lembrou Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas;

Tal afirmação situa a narrativa na condição de discurso organizado, porém, não linear. E organizado na medida – assimétrica – em que tece apontamentos sobre determinados assuntos e os interpreta, imprimindo juízos de valor, assim como na própria evocação que seleciona o que se quer lembrar.

---

<sup>14</sup> O Museu da Pessoa (<http://www.museudapessoa.com.br>) é um museu virtual que se destina ao trabalho com histórias de vida, trazendo-as a público, como um meio de compreensão da sociedade e da memória social. Já o Brasil Memória em Rede (<http://www.brasilmemoriaemrede.org.br>) é um aglomerado de pessoas e instituições que lançam mão da memória como um meio de interpretar a realidade social e cultural do país.

O narrador não está imune porque utiliza seu conjunto atual de valores e ideias e, mesmo no passado, não vivenciou com neutralidade os acontecimentos. Por mais que o pesquisador não interfira na narrativa, deixando o entrevistado falar livremente, somos nós que fazemos as perguntas – na maioria das vezes. Mesmo com as várias indagações sobre seu ofício, os canoieiros fogem diversas vezes do assunto porque outras dimensões de sua vida se coadunam ao seu trabalho. Além de canoieiros, estes homens são pais, maridos, amigos e estabelecem fora do Rio sociabilidades outras.

Não é possível exigir que a narrativa monte linearmente os acontecimentos de interesse do pesquisador, da juventude à atualidade, sem esquecer os saltos no tempo e no espaço. Os acontecimentos não têm uma constituição que obedece à linha do tempo. Às vezes, eles são constituídos e entendidos com o passar do tempo. O que não era inteligível para nós, hoje pode ser.

A constituição dos acontecimentos pode assemelhar-se à do tempo. Pode-se até falar em linha, mas não em reta; ou ainda falar em dobra ao invés de linha. O tempo passa, sim, e, no passar, estão suas intensidades atuais, que se misturam às lembranças do já vivido e ao futuro que se imagina.

O esquecimento, a subjetividade e a imaginação constituem instâncias que impossibilitam a linearidade das histórias de vida e o seu controle, podendo nortear a compreensão das narrativas como trajetórias, histórias de vida, biografias – termos constantemente discutidos e carregados de seus respectivos significados, valendo dizer, também, intercambiados.

O que impede o enrijecimento ao lidar com testemunhos orais é que pode não haver tanta diferença entre as noções de trajetória, histórias de vida ou biografias nos trabalhos acadêmicos. Lendo e conversando com professores, noto que a expressão “histórias de vida” carrega a ideia de linearidade, o que é inviável, tendo em vista que trabalhar com estas histórias de vida significa captar certos acontecimentos da vida do indivíduo, e não todos eles.

Aliás, as fontes orais constituem material de trabalho mutável. As formas como se dão a conhecer, sua “epistemologia”, não favorecem enrijecimentos conceituais e metodológicos.

No entanto, a constatação de não mais estarmos lidando com fatos concretos (e que falta nos fazer!), mas com elementos mutáveis, como subjetividade, memória e narrativas de histórias, não nos deveria causar a euforia pós-moderna de decompor a materialidade do mundo externo entre as estonteantes possibilidades do discurso irrelevante. Da mesma maneira que trabalhamos com a interação do social e do

peçoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados. (PORTELLI, 1997: 25).

Fica notória a posição dos testemunhos no âmbito dessas reflexões e para o pesquisador que trabalha com fontes orais. Dentre os vários usos, a chamada *história oral* se ocupou de refletir sobre os relatos. A Antropologia até hoje tem suas pesquisas fortemente amparadas no relato dos interlocutores obtidos durante o trabalho de campo.

As narrativas orais desempenham neste trabalho um relevante papel metodológico e que leva ao estabelecimento de conceituações – assim como a fotografia, é uma metodologia e objeto de investigação. As memórias individuais podem parecer arquivos guardados há muito tempo, mas ao se atentar para o fato de que elas são, somente elas, as fontes para se obter determinados conhecimentos, esses meios devem ser qualificados e pensados além da pura metodologia. Como matéria-prima para a pesquisa, o que significa trabalhar com testemunhos orais na forma de narrativas de memória?

As fontes orais revelam acontecimentos e traduções de mundo pouco conhecidas, que comumente não pertencem à história dita oficial, ou, pelo menos, de domínio público. O que faz com que as fontes orais não versem apenas sobre a história dos marginalizados, daqueles que não têm voz. Tendo trabalhos que lidam com a memória de grupos que dispõem de outros meios para transmitir suas experiências: militares, empresários, políticos etc. – grupos providos de *status social*.

Não se pode negar que grupos sem privilégio social e muitas vezes silenciados se tornam alvo de pesquisas e encontram nos relatos uma forma de trazer à tona suas versões e visões. São mulheres, operários, camponeses, artesãos, canoieiros, artistas populares. Uma das possíveis caracterizações do trabalho com as fontes orais é tirar narrativas da invisibilidade e fixá-las como memória, por meio de áudio, fotografia, vídeo, cinema – suportes que devem significar a fixação das narrativas e que devem vir acompanhados de formas de circulação (o Museu da Pessoa, citado anteriormente, disponibiliza pela internet entrevistas filmadas e gravadas, bem como fotografias).

Existe uma profusão de termos que envolvem essa discussão: fontes orais, testemunhos, oralidade, evidência oral, documento oral, depoimento oral. O termo “história oral” remete a um

(...) procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas

específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” (LOZANO, 2006: 17).

Entre as várias discussões interdisciplinares sobre a condição de método ou técnica e outros que versam sobre o *status* das fontes, essa é uma das que refletem a discussão de uns tempos para cá. Do conjunto desses termos, alguns trazem conotações muito próximas, assim como particularidades. Destaco aqui a oralidade como termo e noção, remetendo diretamente ao que é transmitido pela fala, essencial às fontes orais. Há algo mais amplo: ao falar de oralidade, pode-se pensar em características da linguagem passíveis de análise e formas de manifestações culturais e sociais – apenas reveladas pela tradição oral. Para muitos cientistas sociais a oralidade é vista como método qualitativo na interpretação dos processos sociais.

Vale ressaltar que, desde o início, não procuro tipologias e classificações rígidas. Interesse-me pela oralidade na medida em que ela proporciona conhecimento – e o encontro nos testemunhos. As narrativas dos canoieiros são viabilizadas na forma de testemunhos sobre acontecimentos de sua vida situados no tempo e no espaço.

Não acho que evidência ou documento oral sejam inconvenientes, mas, por lidar com a esfera da produção, ordenação e interpretação dos testemunhos, esses dois termos deixam margem para pensar a elaboração do documento, um material já colhido e analisado, ou seja, aquilo que já é processado pelo pesquisador no momento da captura – trabalho só realizado *a posteriori*. No fim das contas, se as fontes encerram essas três esferas (organização, produção e circulação), seus usos não causam nenhuma incoerência, mas refletem opções dos pesquisadores em determinados momentos.

As fontes orais ou testemunhos, por exemplo, são, por sua vez, manifestações de oralidade, agora categorizadas como depositárias do conhecimento. Afinal, ser fonte ou testemunha significa que deles é possível extrair conhecimento. É sempre interessante catalogar e pensar esses termos, porque se encontra por trás deles uma série de ideias que refletem práticas variadas.

Uma das discussões para que chamo atenção é que, independente do termo utilizado, as trajetórias de vida não se caracterizaram como auxiliar, como evidência ilustrativa ou para validar qualquer abstração teórica e conceitual. Historicamente, são perceptíveis tais condições agregadas a ela, refletindo a opinião do cientista social que o tratava como

elemento menor. De um tempo para cá, essa situação se reconfigurou a favor dessas fontes, sem eliminar a coexistência das demais tendências.

Na Antropologia há muito tempo os relatos orais são imprescindíveis para a prática etnográfica. Condição que se opera até hoje, ela é vista em seu nascer como disciplina que originalmente se preocupou com “aspectos tradicionais” das culturas – principalmente das ex-colônias europeias –, muitas das quais eram sociedades ágrafas ou onde a escrita teve pouco peso na transmissão da tradição. Em seu início a Antropologia a olha para sociedades tradicionais de pequeno e médio porte; o que depois se modifica, quando os estudos passam a dirigir-se a centros urbanos, onde grupos socialmente marginalizados e excluídos povoam boa parte do trabalho, como negros, moradores de rua, de favelas, bairros violentos e uma série de grupos urbanos sem voz.

O contato com povos e grupos com pouca representatividade, seja na mídia ou na história, não deixa de lado as intenções do pesquisador de respaldar ou não essa circunstância de invisibilidade, nem as intenções de que o trabalho com testemunhos pode ou não se destinar a grupos diametralmente opostos.

O aumento das pesquisas com testemunhos fez com que o trabalho de campo alcançasse um *status* primordial. Para a captura dos relatos, é necessário um bom período de contato com os interlocutores – diretamente com eles e na vivência do cotidiano. Uma reflexão sobre relatos orais vai além da produção das entrevistas e sua transcrição. O contato estabelecido com as pessoas é importante para capturar o material e o que será obtido está diretamente ligado à natureza do encontro/conflito entre pesquisador e pesquisado.

Acredito que a Antropologia confere grande contribuição nesse sentido. Não é à toa que a profissionalização do antropólogo pelos idos da década de 1920 tinha o trabalho de campo como eixo (CLIFFORD, 2002). As relações de proximidade, a empatia, o respeito e, principalmente, a confiança demandam atenção e sensibilidade do pesquisador com os narradores.

Situações das mais adversas podem surgir, não programadas e sem espaço para roteiros previamente elaborados. O pesquisador até pode obter horas de informação, mas a continuidade do trabalho e a qualidade das informações exigem o conhecimento do cotidiano e das relações sociais que ali têm curso. Nesse sentido, Portelli (1997: 25) lança um desafio:

*Portanto, se tivermos um compromisso com a “verdade”, como conseguiremos que nossas “fontes” nos dêem sua versão daquilo que realmente acreditam ser verdadeiro.*

O encontro resulta da dupla investigação (nem sempre simétrica), na qual a abertura do pesquisador e o interesse na dinâmica dos questionamentos pelo entrevistado são partes na processualidade do conhecimento, o que elimina a existência de roteiros rígidos e uma linearidade de questionamentos. A definição dos objetivos, a seleção das entrevistas e a edição do material passarão pelos conhecimentos acumulados: mudam as perguntas e outros questionamentos surgem durante a entrevista. Informações que passaram despercebidas vêm à tona.

O pesquisador terá de se preocupar com a produção das entrevistas, acarretando questões técnicas e metodológicas e com sua transposição para a escrita, quando o material será interpretado e editado. Alguns até evidenciam o compartilhamento do material durante o trabalho, seja escrito, sonoro ou visual – como Jean Rouch e a *antropologia compartilhada*<sup>15</sup>.

O reconhecimento, pelo pesquisador, de que as relações estabelecidas são concretas e pessoais, de que a objetividade divide espaços com a subjetividade, é um passo dado para o tratamento de narrativas.

Um dos desafios enfrentados pelas áreas do conhecimento que trabalham com fontes orais foi o descrédito que os relatos tinham dentro da prática científica, em razão da suposta “falta de objetividade”, assim como de ter que lidar com o tempo presente, com a predominância de processos e estruturas, e a predominância da escrita. E o esquecimento? As peculiaridades da fala? Como não destituir de emotividade a fala ao transpô-la para a escrita?

(...) equalizar o conteúdo emocional das narrativas ao nível da objetividade das fontes escritas, desconsiderando o fator primordial da subjetividade do expositor das fontes orais, pois estão não são objetivas, cujas características essenciais incidem em serem artificiais, variáveis e parciais. (PORTELLI, 1997: 31)

A riqueza da língua é um dos fatores que chamam a atenção dos pesquisadores. É no falar de cada grupo e suas características que as especificidades vão surgindo. Uma

---

<sup>15</sup> Para Rouch, a antropologia compartilhada é a construção da pesquisa realizada mediante exibição e consulta do material para os sujeitos da pesquisa, tanto no momento de sua realização quanto ao término. Rouch trabalhava essa perspectiva na realização de filmes. Quando determinadas seqüências de filmagem encerravam, ele as exibia para o grupo estudado a fim de interpretar suas reações e colher opiniões. Em vários depoimentos em filmes e livros, Rouch falou desse método.

“manifestação do falar” e de circulação de conteúdos específica do grupo com que trabalho chama atenção em minha pesquisa: a fofoca.

Ela trouxe informações sobre os canoeiros que até então não obtive por outros meios e que atenta para algumas de suas características. Ao contrário do que se pensa, ela não trata apenas de comentários depreciativos sobre os indivíduos que se relacionam entre si diretamente ou não – nem do interesse do pesquisador em criar inimizades ou forçar a obtenção de informações.

São comuns no ambiente de trabalho, de lazer, no bairro, em associações comunitárias, comentários acerca dos atos e acontecimentos da vida alheia feitos de forma velada, entre um indivíduo e outro, ou vários. As fofocas geralmente são motivadas pela intimidade das pessoas, pela forma como o indivíduo se relaciona com o grupo, algum acontecimento escandaloso ou fora do comum, pelas intrigas pessoais etc. Usuários das canoas são, em sua maioria, pessoas conhecidas, vizinhos, amigos – ou seja, que tem uma relação de proximidade.

Em campo, fiquei sabendo tanto de problemas de saúde não revelados, como o canoeiro tido como mais esperto ou o mais “nojento” – no sentido da intransigência em algumas questões. As fofocas surgem, em sua maioria, quando eles estão trabalhando, fazendo as travessias, no momento da conversa entre canoeiros e usuários. Algumas vezes, presenciei o próprio passante iniciando uma fofoca, e, na maioria das vezes, o canoeiro ouvinte dá continuidade ao assunto.

Uma característica dessa relação é que aquele que conta procura ouvintes que possivelmente irão apreciar o conteúdo, principalmente se for depreciativo – ninguém arriscaria fazer uma crítica sobre alguém a um ouvinte que possivelmente defendesse o alvo do comentário ou não guardasse segredo. Na dinâmica da fofoca, aquele que conta não quer ser visto como fofoqueiro, está apenas “conversando”. E o ouvinte não quer aparecer como “interessado em fofoca”, está apenas escutando e muitas vezes dando continuidade ao círculo, repassando a outras pessoas.

Entre os tipos de fofoca depreciativa, aquela que se desenvolve sobre a forma de brincadeira é muito comum. Quando fiquei sabendo que determinado canoeiro frequentava cabarés da região, foi através de outro que fazia uma piada sobre as aventuras deste. É importante frisar que todos eles estabelecem entre si uma relação respeitável. Entre os que



trabalham, não vi manifestações públicas de desrespeito, e, em relação aos aposentados, que pararam de *botar canoa*, os comentários são muito elogiosos. A cortesia mútua é muito comum, mesmo a fofoca assumindo timidamente o papel de entretenimento ou de propagação de notícias.

Como eles são poucos e, mesmo com os usuários fazendo parte da produção e circulação das fofocas, estas não assumem papéis de grande expressividade no cotidiano, como a de controle social e tendo interesse coletivo, como é visto no trabalho de Elias (2000) numa cidade operária inglesa. No capítulo desse livro, *Observações sobre a fofoca*, o autor faz um apanhado da natureza e das funções da fofoca na referida cidade, já que, por meio da fofoca, formas de exclusão e preconceitos são alimentadas cotidianamente, despertando a mobilização da ajuda comunitária, reforçando crenças grupais e informando sobre a própria estrutura da sociedade, mesmo que ela não exista fora dessa estrutura maior. *Uma comparação das fofocas da “aldeia” com as existentes entre os moradores do loteamento mostrou com muita clareza como era estreita a ligação entre a estrutura da fofoca e a da comunidade cujos membros a difundem.* (ELIAS, 2000: 121)

Quando a fofoca chega às raias do controle social, o processo das entrevistas e o material que se busca podem se comprometer ou exigir outro desempenho do pesquisador. Uma pergunta como “*qual o canoero que você mais admira?*”, feita a outro canoero facilmente pode ensejar um resposta diplomática, como “*gosto de todos, todos são bons*”. Causa receio que uma resposta mais afirmativa possa cair na boca de outras pessoas. Afinal, se acho que fulano é melhor canoero, se perguntará invariavelmente por que não o outro.

O importante papel que a fofoca, a maledicência, as intrigas, o fuxico, enfim, a *indaka de mavula* (para usar uma expressão que nos terreiros designa alguém fofoqueiro e de “língua malévola”), ocupa na forma de comunicação e controle social do grupo faz com que os religiosos se posicionem dubiamente em relação aos registros de suas falas e imagens que, por “fixar” certos conteúdos, coloca alguns limites para a constante reelaboração da memória e dos significados dos eventos ocorridos. (SILVA, 2006: 62)

Toda a atenção destinada às fontes orais faz pensar nelas como um instrumento de interpretação, ligando o pensamento a outras fontes. Captar narrativas amparadas na memória por meio da fala não elimina outras fontes (como as escritas, imagéticas e sonoras). Se os entrevistados têm em seus relatos a influência de outras histórias, de coisas lidas, de filmes, acredito que não serão os pesquisadores a fazer essa cisão. Se, para efeito de análise, eu dividir a pesquisa em pré-campo, produção do trabalho de campo e finalização do trabalho, terei um cruzamento de fontes em todas elas.

Minha pesquisa com os canoeiros, mesmo dando prioridade às narrativas, é composta por mergulhos em bibliotecas, hemerotecas e outras fontes. Matérias veiculadas em jornais me fazem refletir acerca de representações sobre os canoeiros. Ao vasculhar fotos antigas da cidade de Sobral, encontrei canoeiros trabalhando em enchentes. Na literatura, José Alcides Pinto relata trechos que falam do trabalho dos canoeiros.

Ao formular o projeto de pesquisa, esses mesmos materiais podem ser consultados. Ao finalizar, posso fazer uso de outras linguagens, como o vídeo, o cinema e a fotografia. Os meios audiovisuais são suportes que privilegiam as manifestações orais, dão vazão aos relatos, percebemos as nuances da voz, o tom, a emoção. A fotografia concebida além do documento reflete sobre instantes da experiência e, ao mesmo tempo, acerca das suas condições de produção, sua recepção, suportes que afetam, sobremaneira, a percepção da pesquisa e interferem no fator comunicacional. Numa reflexão mais abrangente, pode-se ver as ciências sociais em outras linguagens e expressividades.

Os termos para pensar a relação entre escrita, oralidade e imagem são de confluência, de enriquecimento teórico, e não de demarcação dos discursos; de metodologias informadas pela complexidade do real, e não de resistências acadêmicas.

## **1.2 Espaços da experiência como espaços da memória:**

### **Entre o esquecer e o lembrar**

#### *1.2.1 Os trabalhos da memória e a construção do conhecimento*

Halbwachs (1990), ao falar dos *quadros sociais* que referenciam a memória, do(s) grupo(s) em que o indivíduo se socializa, assim como do tempo e do espaço divididos em comum (elementos que estruturam seu pensamento sobre memória), evidencia pontos que parecem permear os estudos da memória: a vivência do cotidiano e a sociabilidade.

Os estudos da memória não tratam dela em si ou apenas como fenômenos psicológicos, mas do homem em sociedade, com a capacidade de lembrar. Deter-se sobre ela pode significar *o estudo sociológico da vida cotidiana* (DUVIGNAUD, 1990: 9). Uma das formas de a memória vincular o homem à sociedade é pelo cotidiano, ao envolver o homem

comum, o homem do dia-a-dia na trama da existência, a lembrança que traz a história vivida e proporciona uma reflexão sobre o passado.

Falando ora do indivíduo, ora da sociedade, a memória tornou-se objeto de investigação e é pensada por vários campos disciplinares, impossibilitando qualquer exclusividade acadêmica. Como a memória não é mais tida como oriunda apenas de documentos escritos, monumentos ou edificações, ela é forjada tanto no indivíduo, como nos objetos iconográficos, por exemplo.

Que contornos esse campo de conhecimento vem auferir? A memória sempre foi tida como construção social? Como articular o papel dos autores clássicos da memória com formulações mais contemporâneas? Será que *mudanças na vida social implicam mudanças nos instrumentos de reflexão sobre ela* (ABREU, 2005: 30)?

A impossibilidade de o indivíduo viver sem memória faz com que suas concepções variem em cada época e sociedade. Platão e Nietzsche não partilham da mesma noção de memória, por exemplo. Nietzsche achava que a memória não era uma condição natural e enfatizava seu conhecimento histórico. Em *Genealogia da moral*, Nietzsche *aprofunda o surgimento histórico da consciência e da memória, ao localizá-la em um passado longínquo a que se refere como época pré-histórica, sem a pretensão de estabelecer uma origem cronológica precisa* (BARRENECHEA, 2005: 60).

Platão achava que a memória era um meio de atingir verdades inatingíveis, originárias. Já outras explicações, como as míticas, metafísicas e religiosas, eram vinculadas à memória, como a da própria deusa que a representava, *Mnemosine*:

(...) [Ela] resguardava o passado primordial, controlava as lembranças, permitia aos mortais a recordação dos princípios, de um pretérito arquetípico, essencial, ao mesmo tempo em que lhes outorgava o *esquecimento* do tempo presente. Os poetas eram os *emissários* da deusa, intermediários, *porta-vozes* de um tempo-fora-do-tempo (BARRENECHEA, 2005: 60).

O passado, ao mesmo tempo em que é a matéria-prima da memória, não impede a conflituosidade de concepções e a presença do presente nos trabalhos da memória. A forma como os indivíduos convivem com seu passado trazem uma caracterização própria, variada. E a ciência, ou melhor, o pensamento, lida com essas diferenças ao longo dos tempos, quando divergem o modo de perceber e lembrar das sociedades.

Embora apareçam indicativos de atividades que fugissem de concepções biológicas, naturalistas ou físicas, uma dimensão do pensamento só viria a se tornar *social* no final do

século XIX. Nessa época, o social era alvo de um saber e contava com um campo: as ciências sociais. Não é tão difícil apontar vínculos entre novos estudos da memória e essas ciências ditas sociais, pois uma quantidade expressiva de autores se dedicou a eles. Reconstruir e não restituir o passado à luz de interações sociais, das representações do passado, dos movimentos do presente e das apostas no futuro.

Se quiséssemos fazer uma história das teorias da memória no Ocidente, seria preciso fazer coincidir o seu início com o da própria história do pensamento em suas raízes gregas. Mas se quisermos marcar o momento em que a memória passa a ser concebida como uma construção social, ou seja, como algo que os homens produzem a partir de suas relações e de seus valores, teremos que retornar ao fim do século XIX. (GONDAR, 2005: 18).

Concebê-la como elaboração social é analisar as forças atuantes em determinadas sociedades, perceber o que dessa sociedade influencia no papel que a memória pode desempenhar e pensar no peso que a sociedade tem na experiência da memória do indivíduo. *Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa* (GONDAR, 2005: 17).

Contribuindo para essa noção de memória, o aspecto processual dessa elaboração incorpora o tempo, o esquecimento e uma série de fatores que tornam realidade esse processo. O homem que lembra é aquele atingido pelas transformações do espaço em que vive, pelos traumas sofridos, pelos grupos que abandonou e, principalmente, pelo que deseja lembrar. Exercício que causa uma das discussões mais fecundas nos estudos da memória: a relação homem, sociedade e memória.

A noção de memória social surge nesse contexto de afirmação e diferenciação de correntes psicológicas e filosóficas. Halbwachs (1990) foi um dos colaboradores nessa mudança ao pensá-la como fenômeno social e introduzir o conceito de *memória coletiva*. Em seu pensamento, o indivíduo e a subjetividade estão incorporados à experiência da memória. O autor reporta-se à memória individual, na cogitação das lembranças e do esquecimento como característicos da ordem do indivíduo.

Ao contrário do que se pensa, Halbwachs não limou o indivíduo de suas formulações. O que vemos é um redimensionamento das ideias de sociedade e da memória como fenômeno social. Tal condição pode ser traduzida para o vocabulário de Halbwachs (1990) como *os quadros sociais da memória*. Nesta ideia, a necessidade do grupo para a existência da memória é imprescindível, tanto que a evocação da lembrança se processa quando é possível

apoiá-la sobre a do outro – sendo pontos em comum que reforçam a confiabilidade na memória, ainda mais quando a evocação é feita dentro do grupo. A pessoa nunca está só.

Para Halbwachs (1990), *os quadros* são referências nas quais se enraízam as memórias individuais, e mesmo o fato de lembrar sendo um ato individual e subjetivo, ele só é possível dentro de ordenações coletivas. O depoimento do acontecimento vivido está relacionado a *quadros de referência* (HALBWACHS: 1990): os grupos, os espaços sociais e determinadas ordenações do tempo. Tanto os grupos como os espaços são considerados *quadros sociais reais* (DUVIGNAUD, 1990: 10), determinantes na evocação das lembranças e atuantes na formulação da memória.

Em *A memória coletiva* (1990), as referências e analogias ao coletivo multiplicam-se ao logo das páginas: vão da inserção do indivíduo em diversos grupos a elaborações mais subjetivas, como *a necessidade de uma comunidade afetiva*.

Na textura coletiva da memória até o esquecimento é fruto da diluição dos laços que unem os indivíduos entre si. Os laços grupais trazem à tona a memória distante; sendo eles o suporte mais efetivo para a sua conservação. Os grupos surgem como a presença mais eficaz da sociedade no indivíduo. Os canoeiros conversam entre si e dividem opiniões. Consultar o outro é uma forma de validar as histórias. As suas relações com os canoeiros mortos (por meio da lembrança) e os aposentados são importantes, porque ambos sempre despertam lembranças naqueles que ainda trabalham. É como se a determinado canoeiro já viessem associadas algumas histórias. Basta citar o nome de Caboco do Rolim ou Mestre Dé que, feitos passado, vêm à tona.

Percebi essa relação e utilizei como técnica, incorporando passagens das entrevistas dos canoeiros aposentados no meio das conversas com os canoeiros em atividade. Nem sempre dizia “que tal canoeiro disse”, apenas mencionava o fato para desencadear a conversa. Costumava sair de uma entrevista na casa deles e ir para o Rio fazer outras, aproveitando o calor das informações.

Para Halbwachs, uma das condições para a lembrança ser reconhecida e reconstruída é o fato de que:

É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontrem tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990: 34).

Acredito que a memória não se origina “do nada”, mas Halbwachs (1990) fala de um coletivo genérico e homogêneo, quase uma entidade abstrata. Positivamente, o autor aponta para os diferentes grupos que podem partilhar das mesmas memórias. Será, então, que não há divergências? Esses grupos não estariam dispostos em uma funcionalidade aparente? Acredito que nenhum grupo seja destituído de conflituosidade. Intrínseca à noção de memória está a confrontação entre o *eu* e os *quadros*; entre o lembrar e o fugidio.

Halbwachs (1990) admite uma multiplicidade de tempos, espaços e memórias, mas uma multiplicidade sem conflitos. O estabelecimento das relações – dos grupos – e sua preservação fossem a prioridade ante as relações de afrontamento. Nessa abundância de caminhos que levam ao compartilhamento da memória, não é apontado o esvaziamento das diferenças, nem se deve perder de vista as instabilidades da integração. Nessa não-conflituosidade há uma tensão em Halbwachs que é rapidamente obscurecida:

A memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e, talvez, que ela não explica por si mesma a evocação de qualquer lembrança. Apesar de tudo, nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caso em que não a percebemos (HALBWACHS, 1990: 30).

As relações de poder e a desigualdade de forças são formas que podem induzir uma não-sintonia entre os membros do grupo, e, mesmo assim, serão *influências de natureza social*. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 1990: 51), é uma máxima do pensamento do autor e indica o limite até onde o indivíduo pode ir.

A ideia de simultaneidade das durações individuais, que criam uma base de tempo comum, é um indicativo de resposta a sua inquietação: *se existe um tempo social do qual as divisões se impõe assim às consciências individuais, de onde ele mesmo tira sua origem?* (HALBWACHS 1990: 92).

Essa situação de conflituosidade não pretende apartar o indivíduo do grupo. O relato anteriormente citado, sobre a relação dos canoieiros aposentados com os que trabalham, aponta para a presença do grupo. Mesmo eles não estando juntos, o desencadeamento da narrativa é fruto da antiga convivência e por uma comum participação em muitas histórias. Ao incitar a lembrança, convive-se com pessoas que não estão materialmente entre nós, um encontro invisível e subjetivo.

No lugar do encontro que traz o passado à tona, pode-se perceber a lembrança do encontro, mesmo quando não explicitada. Na dinâmica da memória, as lembranças, com o passar do tempo, vão se misturando às dos outros; lembranças que não são nossas, que foram contadas por outros e que passam a ser lembradas como uma só, da mesma fonte; histórias que foram muitas vezes contadas e se incorporaram ao nosso repertório e vão sendo enriquecidas, modificando-se ao gosto dos fatos que mais nos tocam. Connerton (1993) chama essa situação de *memórias adicionais*.

Também na formulação dessa dinâmica, a *memória-trabalho* (BOSI, 1994) aparece como conceito fundamental, na medida em que concebe a memória como permanente reconstrução, com arrimo em ideias atuais. Não pode haver espaço para a conservação de algo que se cristalizou do passado, como as citadas tradições míticas ligadas à memória e à *memória-pura* de Bergson (1999) que conserva estados psíquicos vividos<sup>16</sup>.

Os canoieiros que passaram pelas dificuldades das enchentes e tiveram suas casas invadidas pelas águas tendem a relatar com riqueza de detalhes e desenvolvem um tom mais enfático. Mestre Dé conta, de forma jocosa, com misto de aventura, a empreitada que foi tirar sua família de casa *quando a água já beirava um metro* (entrevista realizada pelo pesquisador em 15/11/2008). A memória como ato comunicativo e individual é constituída pelo *lastro comunitário de que nos servimos para construir o que é mais individual* (BOSI, 1994: 407).

A convergência entre as memórias parece ser realizada por uma operação não consciente, assim como os acontecimentos podem ter tido maior importância para determinados membros e não desabrochar para o grupo. *Há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós* (BOSI, 1994: 408). Mesmo que os moradores das duas margens do rio tenham acompanhado a maioria dos processos de mudanças ali ocorridos, não dá para negar a maior interferência na vida dos canoieiros enquanto *canoieiros*, assim como nas mudanças pelas quais o Rio passou.

Podemos admitir o grupo como suporte da memória e não como único depositário. É interessante a análise da conflituosidade porque se identifica a importância que dados acontecimentos tinham para um e não para outro membro, de notar relações de poder, e o que

---

<sup>16</sup> Segundo Bosi (1994), Halbwachs chama de *desconfiguração* as lembranças do passado evocadas por ideias e impulsos do presente.

as lembranças de tal fato queriam preservar. O conflito ajuda a compreender o sentido que a memória tinha para o grupo e para o indivíduo, assim como o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu:

Imagine-se um arqueólogo querendo reconstruir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas (BOSI, 1994: 414).

Assim como na memória relacionada ao grupo – o religioso, a família, a classe social –, os aspectos coletivizantes são estendidos ao tempo e ao espaço. Nem mesmo o tempo escapou de existir como *uma representação coletiva do tempo* (HALBWACHS, 1990: 90).

Como na memória, o tempo é visto coletiva e harmonicamente compartilhado. A esfera do conflito e da individualidade é relegada e o que há é um grande espaço para regularidades. O indivíduo aparece em posições desiguais: tempo coletivo *versus* duração individual. Cada homem tem uma medida particular de duração, entretanto os acontecimentos dispõem de *um quadro de dados temporais* (HALBWACHS, 1990) que auxiliam a lembrança.

A ideia do tempo comum é trabalhada para interpretar os quadros de tempo atuantes nas consciências individuais. É como se o pensamento e os acontecimentos relacionados às pessoas fossem envolvidos por um ou vários tempos comuns *porque a duração interior se decompõe em várias correntes de pensamentos que tem sua origem nos próprios grupos* (HALBWACHS, 1990: 129).

Em outra contribuição sobre o tempo, o autor acentua que a memória possibilita a sensação de duração e do passar do tempo, imprimindo-lhe a noção temporal. Uma pessoa sem memória perde a noção do passado, ficaria sem a referência de experiências vividas.

Em alguns momentos, percebo lastros que apontam para reconsiderações sobre o espaço do indivíduo, que não sei se identifico como uma tensão ou realmente uma intenção de rever a posição do indivíduo. Essa ideia ganha força quando: *a partir desse momento as divisões convencionais do tempo se impõem a nós de fora. Mas elas têm sua origem nos pensamentos individuais* (HALBWACHS, 1990: 94).

E o tempo, concebido como se estendendo ao conjunto dos seres, é apenas uma criação artificial, obtida pela adição, combinação e multiplicação de dados emprestados às durações individuais, e somente a elas (IDEM: 95). Mas, assim, uma análise mais vigorosa



*da idéia de simultaneidade nos leva a afastar a hipótese de durações puramente individuais, impenetráveis entre si (IDEM: 99).* Então, a ideia de duração individual é fruto de momentos de inconsciência, logo revelados a maiores regularidades do tempo coletivo.

Sob a luz do pensamento sobre memória coletiva, Halbwachs (1990) não deixa de nos oferecer importantes reflexões sobre o tempo como instrumento de orientação e acerca da coerção exercida sobre nós por meio da disciplina social. Não é de hoje que o relógio é uma metáfora do tempo social e da imposição de suas divisões, juntamente com o calendário. Esse tempo pensado em Halbwachs (1990) é aquele com excesso de divisões, do encadeamento mecânico das atividades, de como as pessoas se harmonizam àquela medição que regula nosso trabalho, o lazer, as férias, o dia e a noite.

Mas o que há talvez, de mais penoso, é que me sinto forçado, perpetuamente, a considerar a vida e os acontecimentos que a preenchem sob o aspecto da medida. Mas de tanto medir o tempo, de modo a preenchê-lo bem, chegamos a não saber mais o que fazer desses pedaços de duração que não se deixam mais dividir da mesma maneira. (HALBWACHS, 1990: 91-92).

Halbwachs (1990) faz uma análise sociológica do tempo, pensando-o numa sociedade de automatismos, de extrema especialização, onde a velocidade é a ordem do dia. Talvez falasse influenciado pela mesma sociedade que incomodava Benjamim – com algumas décadas de diferença – onde a exatidão do horário destoa dos tempos individuais e não se pode fazer nada. Como ele mesmo diz a respeito das durações individuais e seus diferentes conteúdos, (...) *é porque não saberíamos encontrar, na seqüência de nossos estados de consciência, suficientes pontos de referência definidos que possam valer para todas as consciências (IDEM, 1990: 93).*

Outra contribuição às interpretações do tempo ocorre quando o autor as distancia de um tempo tido como abstrato ou universal, assim como de noções da Física. É claro que a alternância do dia e da noite ou do período de chuva e seca pode afetar os homens, mas hoje – e há muito tempo – afetar não significa determinar. Outrora o período da chuva atuava nas principais atividades do dia-a-dia, hoje em muitos locais, quando muito, interfere em seu vestuário quando sai à rua. Halbwachs (1990) assinala que, sobre os fatos da Física e da Astronomia, chamados *quadros gerais*,

(...) a sociedade sobrepõe outros que se ajustam sobretudo às condições e grupos humanos concretos. Pode-se mesmo dizer: as datas e as divisões astronômicas do tempo estão encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade o encargo de organizar a duração (HALBWACHS, 1990: 90).

Todas as demais divisões estão encobertas pelas divisões sociais. O *tempo abstrato*, da Matemática, dos fatos que não têm data e não mudam de natureza, é diluído pelo tempo vivido, chamado *tempo real* (HALBWACHS, 1990).

A questão do espaço em Halbwachs (1990) entra em sintonia com minha pesquisa por, primeiramente, achar que as experiências de memória têm seus determinados espaços de ocorrência, e por levar em consideração o espaço como permanência e mudança. Vários são os autores que trabalham com a noção de espaço, e, em alguns casos, de espaço diferente de lugar. Nesse momento, pela relação com a memória, quero comentá-la com base em Halbwachs.

Não é de estranhar que surjam ligações do espaço com a memória e de que a utilização do espaço informe uma maneira de ser comum a muitos. (...) *não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial* (HALBWACHS, 1990: 143). Como permanência e mudança, a inserção do espaço na memória agencia discussões interessantes, principalmente as relações sociais e os vários usos do espaço feitos pelos grupos, sobre a relação do dia-a-dia do habitante com a transformação do meio onde transita, e não só onde mora, sobre o espaço utilizado no contrafluxo hegemônico, fora das determinações oficiais do Estado.

Afinal, acerca do espaço também incidem os direitos do cidadão, de ir e vir, de habitar e qualificá-lo de acordo com suas atividades e relações estabelecidas com seus grupos. A noção de construção aplicada ao espaço de sociabilidades múltiplas impede a simples correspondência entre a forma dos lugares e as pessoas.

O autor faz uma rígida distinção entre grandes e pequenas cidades, ressaltando que as mudanças ocorrem muito lentamente nas cidades de pequeno porte, favorecendo a permanência de costumes e hábitos, excluindo maiores possibilidades da divergência – sem falar que não especifica o que torna uma cidade grande ou pequena. O estabelecimento do vínculo entre homem e cidade, contudo, é apontado e esse contato é estabelecido de várias formas.

Entre as pedras e os homens existem muitas opções. Quando é expresso que os objetos materiais com os quais se está em contato mudam pouco e oferecem uma imagem de estabilidade, o descompasso dessa mudança pesa mais para o indivíduo, já que a cidade se transforma mais lentamente. A eliminação de casas, ruas ou prédios determina uma exclusão

física, porque os grupos de pessoas que faziam uso desses locais ou apenas passavam por eles guardaram a imagem dessa exterioridade e poderão até contar histórias sobre elas.

Porém, um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar (...). A partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva; mas, ao mesmo tempo, o ambiente material não será o mesmo. (HALBWACHS, 1990: 133-134).

A relação de permanência e mudança expressa como o espaço pode ser efetuada em espaços íntimos, mais familiares, assim como em locais públicos – lugares públicos da memória. Mesmo sem acontecer algo de grave, a relação com o lugar pode ser alvo de variações; ou o contrário – a construção de duas pontes, o represamento do Rio, a urbanização de uma margem, interferiram, mas não extinguiram o trabalho de canoeiro. O espaço para lazer onde se pratica caminhada está ao lado da grama usada para estender e secar as roupas, para jogar bola e para o ambulante colocar sua barraquinha aproveitando um banco do calçadão.

É interessante notar no pensamento de Halbwachs (1990) sobre espaço a noção de *sensibilidade para a mudança*, onde se estabelece uma observação desigual das mudanças. Partes da Cidade transformadas não interferem em igual intensidade nas pessoas. O tombamento de parte do centro de Sobral e a construção do Parque da Cidade quase não aparecem na narrativa dos canoeiros. Acho até que eles têm poucas notícias do tombamento e muito menos foram ao parque.

Um local preservado há muito tempo não elimina a percepção de mudanças de outros processos pela população. Cidades como Roma e Paris têm edificações seculares e hábitos contemporâneos. Sobral, interior do Ceará, concretiza há muito tempo políticas de *enobrecimento urbano* (FREITAS, 2005) e homens em rústicas canoas trabalhando há quase 200 anos. E se não tivesse ocorrido nenhuma mudança onde trabalham os canoeiros, haveria outras referências de mudança na sociedade.

É comum a coexistência entre novas construções e a antiga arquitetura. Vejo que em Sobral – e para os canoeiros – isso ocorre de forma particular. Ao lado da biblioteca, estão os escombros da fábrica de algodão onde muitos deles trabalharam; ela está de frente para o calçadão e compõe a paisagem juntamente com o museu. São uma forma de resistência, representam uma formação híbrida ou são apenas *imagens da velhice*? Halbwachs (1990: 136) opina: *os antigos quarteirões, fechados por altas e novas construções, parecem perpetuar o*

*espetáculo da vida de outrora. Mas esta é somente uma imagem da velhice, e não é certo que habitantes, se reaparecessem, os reconhecessem.*

Se a destruição causa incômodo nas pessoas, que coletividade ela envolverá? Que negociações são mobilizadas e ministradas já que os espaços têm diferentes representações para seus diferentes usuários? Uma das principais ligações com o espaço é o estabelecimento de laços entre vizinhos, amigos, parentes e passantes. A necessidade de agrupamentos dentro e entre os espaços é um dos pontos interessantes das considerações de Halbwachs. A conservação e percepção do passado são inerentes à ligação com os meios materiais.

O desenvolvimento das atividades dos grupos e das pessoas isoladamente requer uma ligação com o lugar, seja como lazer, distração ou ganha-pão – que é o caso dos pesquisados. Assim, concluo que a memória é pautada por elementos de tempo, espaço e pela existência de um grupo – mesmo com as críticas feitas. Vejo também a evidência dos espaços físicos como articuladora da conservação e transmissão da memória, sendo os espaços, por sua vez, alvos das práticas de sujeitos sociais.

### *1.2.2 A memória e o narrador*

*Mas, daria a memória coletiva conta da explicação de todos os fatos de memória, mormente do que chamamos de lembrança individual? (BOSI, 1994: 406).*

Tão importante como falar da memória é mencionar aqueles que se lembram, como e quando o fazem. Nesse momento, destaco o indivíduo e as condições de evocação da memória – ocasião em que a oralidade e a relação pesquisador-pesquisado é privilegiada.

Uma situação descrita em Halbwachs (1990) e Bosi (1994) é a da relação ocupação/lembrança/sociedade, pensada por meio de uma tipificação ideal – por parte de Halbwachs – entre a evocação do velho e do adulto. O adulto está bastante envolvido pelas atividades do presente, várias ocupações que não o impossibilita, mas quase que exclui seu tempo para visitar o passado. Este é o adulto ativo que, quando se lembra é na hora do descanso, como uma fuga, arte, lazer ou contemplação (BOSI, 1994: 60-61).

Quando o indivíduo se lembra fora das raias do lazer e como uma ocupação diária, ela já estaria se lembrando como velho. O velho não espera as lembranças, ele as procura, ele está

em melhor condição de evocar o passado – até porque seu passado “é maior” do que quando era jovem.

É interessante pensar como os velhos são determinados a serem os depositários do passado, tanto por terem uma *história social bem desenvolvida* (BOSI, 1994: 62), como por possuírem um maior tempo destinado à atividade do lembrar, ao mesmo tempo em que eles são esquecidos; é como se toda sociedade esperasse o desempenho dessa função ou, pelo menos, o igual desempenho desta, como afirma Halbwachs (1990). *Convém, entretanto, matizar a afirmação de Halbwachs. Nem toda sociedade espera, ou exige, dos velhos que se encarreguem dessa função. Em outros termos, os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda parte.* (BOSI, 1994: 63).

Expus rapidamente como é difícil entrevistar um canoeiro enquanto trabalha – afinal, eles lembram e contam no principal lugar da memória, no trecho do rio Acaraú. Não é nenhuma novidade que homens e mulheres acima de 65 anos trabalhem, mas acho interessante pensar a relação de uma sociedade do trabalho com seus idosos, ou mesmo, da própria sociedade que torna a velhice algo social e não apenas um ciclo natural – daí as diferentes formas de envelhecer. Nas relações entre senilidade e senescência percebo como a velhice pode ser fruto da forma com a sociedade trata os seus.

Assim como os conhecimentos dos informantes não são apenas transcritos, as fontes orais passam por interpretações e uma parte do processo diz despeito à *recomposição da memória* (THOMSON, 1997). Ao falar *da natureza e dos processos de afloramento das lembranças* (THOMSON, 1997: 15), ele não está falando apenas de metodologia, ou de critérios para se descobrir a verdade. Esta é um meio para entender uma subjetividade intrínseca à memória e sua narrativa, como os processos subjetivos da memória. Uma análise sobre a forma como a memória é evocada só é possível considerando a subjetividade e a mentira, o acaso e a intencionalidade, afastando-se da busca do *como realmente aconteceu*.

A noção de recompor liga-se diretamente à construção, a tudo o que leva aos trabalhos da memória. O indivíduo não detém o total controle desse processo, não impedindo que suas lembranças sejam recompostas especificamente. Thomson (1997) explica que, para se estabelecer reminiscências confiáveis, é preciso que haja uma correspondência entre estas e o que é normalmente aceito – esse, sendo caracterizado como um processo público.

Três características da ideia de recomposição me chamam a atenção e devem ajudar na reflexão: dar sentido à vida no passado e no presente – também podendo ser explicitada na relação memória e identidade; perceber os enlaces entre memória coletiva e lembranças pessoais; e a relação entre pesquisador e pesquisado.

Essa ligação é pensada por Thomson pela grandeza da exposição pública, nos relatos públicos do passado. A interseção ou conflito com a sociedade pode ocorrer pela aceitabilidade das imagens evocadas pelas reminiscências. Estar de acordo com imagens e representações aceitas coletivamente pode evitar constrangimentos, como também pode induzir a certa escolha do que narrar. Mesmo a narrativa tendo como pano de fundo memórias partilhadas, algumas experiências não “se perdem” por não estarem em sintonia, podendo se manifestar em outras épocas.

Se eu destacar o papel do indivíduo na memória é porque um conjunto de relações pode variar segundo as identificações. O “eu” que representa a identidade de cada qual varia de acordo com as interseções e trocas com outras pessoas. Especificamente no ato de narrar a memória, pode-se trazer imagens do que se é em perspectiva com o que se pensa ser; a identidade atua nas memórias.

Existe uma relação entre memória e o “eu” que desperta para a ideia de identidade. E, nessa relação, a tensão entre o *nós* e o *eu* me faz problematizar até onde a história é também a de um grupo, até onde as narrativas de Seu Valécio apontam para uma história de canoeiros. *Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes* (THOMSON, 1997: 57).

As histórias podem vir povoadas de “nós” e algumas delas têm o forte acento grupal pelo fato de essas lembranças levarem a uma vivência. Nesse sentido, o contexto que informa Thomson é o da Primeira Guerra Mundial, estudando os veteranos de guerra da Austrália, no geral, trabalhadores. Trata-se de um processo traumático de rememoração e seus entrevistados se perfilam diferentemente em relação as suas memórias. Enquanto uns retomam aspectos heróicos e jocosos do campo de batalha, outros sofrem com sérios efeitos emocionais e psicológicos no pós-guerra, fazendo com que as narrativas desses anos sejam um processo consideravelmente penoso, impossibilitando a rememoração.

Sobre as condições de composição, o autor percebe que esse último perfil de entrevistado, por muitos anos em silêncio, pode descobrir na narrativa um ato quase terapêutico, verdadeiro redescobrimto daquele passado debilitante. Thomson aproveita para falar de como as memórias são retrabalhadas ao longo da vida.

A história de guerra de Fred Farral é um ótimo exemplo do processo através do qual as pessoas retrabalham suas lembranças durante toda a vida. Essa história representou um desafio quando tentei examinar minuciosamente as várias camadas da memória, e mais tarde escrevi um trabalho que denominei “biografia das reminiscências”, que rastreava e recompunha a complexa história das lembranças de guerra de Fred Farral (THOMSON, 1997: 63).

Thomson relata seu contato com os veteranos como uma constante negociação e percepção do outro. Com um veterano chamado Percy Bird, ele teve que realizar várias entrevistas para conseguir algumas palavras de como esse veterano percebia os horrores da guerra, já que ele não os mencionava. O autor teve que avançar cuidadosamente até obter relatos sobre a linha de fogo em que Percy Bird esteve várias vezes. Com Percy e outros entrevistados, Thomson teve que dosar a insistência com o respeito; posicionamento ético e político que salienta como necessário ao lidar com testemunhos onde a dimensão do silêncio e do bloqueio desempenha importante papel na compreensão da memória – uma deixa para pensar os elementos dos, arrisco dizer, “quadros individuais” que constituem os fenômenos da memória.

Alessandro Portelli, em vários textos, defende o argumento de que o ato de lembrar é uma arte que em nenhum momento deixa de ser pessoal. A ética no trabalho de campo começa, inclusive, com o reconhecimento da posição central do indivíduo. Não é viável trabalhar com a lembrança de indivíduos quando estes são diluídos em memórias coletivas (o autor até evita esse termo). O ponto central de sua reflexão reside no fato de tomar cuidado em situar as lembranças fora do indivíduo, porque a memória ocorre em um meio social dinâmico utilizando-se de instrumentos compartilhados em sociedade; mas *a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas* (PORTELLI, 1997: 16-17).

A memória, ao ser considerada individual, não exclui o peso da sociedade, é um processo que envolve interação, em que a memória social é absorvida pelo indivíduo ou suas lembranças entram em sintonia com outras, formando uma memória mais ampla. Não se trata de abstrair das memórias individuais modelos que transcendam o indivíduo. *Na verdade, quase nunca somos notificados sobre quem contou para o antropólogo a respeito de um*

*determinado mito, que narrador deu, ao estudioso, quais informações referentes a que característica da cultura* (PORTELLI, 1997: 16).

A subjetividade, as emoções e as invenções fazem parte das narrativas de memória e são elementos constitutivos, interferindo no conceito de verdade. A subjetividade não é só uma particularidade, ela é formadora da memória – não se fala em “o que se lembrar”, mas “o que se quer lembrar”. Elege-se um passado que se quer trazer à tona, não apenas o passado que foi vivido tal como aconteceu. Narrativa, memória e subjetividade são elementos mutáveis e constituem seu chão flutuante, sem excluir os fatos concretos e tangíveis. *Da mesma maneira que trabalhamos com a interação do social e do pessoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados* (PORTELLI, 1997: 25). No seio das escolhas de passado, futuro e presente, estão lembranças conscientemente escondidas e modificadas à luz de novas vivências.

Trata-se de passados, na medida do possível, inventados. O silêncio e o esquecimento têm seus lugares garantidos. Muito do que se projeta para o passado é influenciado por uma massa de fatos que se sabe haver ocorrido, mas de que não se lembra. Alguns anos da infância e da juventude simplesmente desaparecem. O que se consegue – e no que se acredita – é fruto do que os familiares contam – que, por sua vez, já pode ter sido modificado. As fotografias de família ou fotos antigas revelam um passado dormente.

Vê-se uma fotografia da tenra idade e se continua sem lembrança, mas acreditamos ter povoado aquele esquecimento. Não se *enxerga* a lembrança, mas a vemos nas fotos e vídeos. O silêncio pode ser algo induzido ou uma opção. Mulheres indianas que foram estupradas silenciam diante da coerção da comunidade contra mulheres *não mais puras*, e o medo de não conseguir maridos – contrapondo Thomson (1997: 56), quando diz que *a exposição pública do passado é utilizada como apoio ao constante processo de dar sentido a experiências pessoais*.

O terreno flutuante da memória situa para o pesquisador o desafio da interpretação. Mentiras, invenção e esquecimento ensejam desconfiança quanto à qualidade do trabalho com testemunhos, principalmente pela dificuldade de operacionalizá-los dentro da pesquisa. Talvez não se trate do que é ou não verdadeiro, mas de perceber que as áreas onde se encontra a verdade são muitas. Uma mentira pode render mais em termos analíticos se analisada à luz



do conjunto de memórias, se descobrirmos o que a produziu e que intenções elas obscurecem. A mentira, como o silêncio, são passíveis de interpretação.

É importante ressaltar que a memória também se exerce em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, de querer, pequenos gestos, práticas de si (GONDAR, 2005). Em Proust, referência nas reflexões sobre memória, esta pode ser provocada por sabores e odores. Devemos tomar cuidado em conceber:

(...) a memória social como a esfera por meio da qual uma sociedade representa para si mesma a articulação de seu presente com o seu passado, configurando, em consequência o modo pelo qual os indivíduos sociais representam a si próprios (...). Se reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezaremos as condições processuais de sua produção (GONDAR, 2005: 22-23).

É arriscado entender a memória como um campo das representações coletivas e aceitar a simples correspondência entre memória e representação, alijando, assim, o movimento constante do social. Como explica Gondar (2005: 23), *as representações são apenas o referente estático do que se encontra em constante movimento*. Os fatores irrepresentáveis e outros citados anteriormente constituem, juntamente com as representações, a memória. Devemos pensar, contudo, nas forças e combinações da esfera social que formam a representação.

As representações mexem com certa complexidade, já que, na dimensão social, ela se relaciona à memória – como em outras esferas do indivíduo em sociedade. Posso falar de representação na memória sem me esquecer de que ela extrapola as situações da memória e interfere com um conjunto mais amplo da vida.

Falar de trajetórias de vida remete à experiência imediata e cotidiana, sem eliminar a historicidade, colocando as narrativas além do registro, do mero campo de sua ocorrência e da ideia do formulário contínuo dos dias.

## CAPÍTULO 2. TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO DE SOBRAL

*Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos póricos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoia a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela.*

(CALVINO, 1992: 64)

Não sei se as transformações de um lugar são a imagem fidedigna do(s) grupo(s) que nele estão inseridos, como pensa Halbwachs (1990). Entretanto, a produção do espaço relaciona-se aos usos e desusos do homem, falam da sua maneira de ser, pensar e de sua visão espacial.

As relações entre as pedras e os homens são antigas. A formação dos grupos e a maneira como interagem por meio das sociabilidades necessitam de determinados espaços que permanecem ou mudam de acordo com os conflitos e interesses do homem. Entre as pedras e os homens, existe um terreno instável, onde o estabelecimento de relações de poder é visível e a harmonia entre o espaço e as pessoas depende de muitas variáveis.

Em Sobral, cidade dos *novos palácios da velha princesa* (PINTO, 2009), o embate entre as edificações pretéritas e aquelas que anunciam os tempos *modernos* salta aos olhos. Será que a população está à parte dessas transformações, ou representa, em seu conjunto, um suposto alheamento sobre os rumos da cidade, suprida pelo saber dos tecnocratas e

especialistas? Ou os habitantes, conflituosamente, e com o mínimo de consciência produzem, organizam e vivenciam o espaço?

A materialidade, com certeza, reflete práticas; a permanência ou modificação dos lugares acarreta a construção de significados; e o que torna uma cidade única e heterogênea é o cruzamento entre o que foge ao seu conteúdo formal – as práticas cotidianas – com a cidade planejada.

## **2.1. A trajetória de uma cidade**

Se Sobral tem na sua história atual elementos que a colocam nas discussões sobre intervenções contemporâneas no espaço urbano, as várias décadas precedentes guardam momentos importantes de sua trajetória. Não obstante, esses elementos contextualizam historicamente a cidade e a própria pesquisa – vide o espaço urbano, o histórico da cidade de Sobral e o rio Acaraú.

Mesmo antes de se imaginar vila, ou cidade, Sobral figurava num contexto que ia além de seus limites geográficos e irrompia nos trâmites da própria colonização cearense e do País.

Nas narrativas sobre o povoamento e formação do Ceará, as referências aos vaqueiros e aos rios não são poucas, onde as boiadas abriam os caminhos no sertão e ao redor das fazendas se davam os primeiros surtos de povoamento. Sertões que devem muito às suas estradas fluviais, como o rio Jaguaribe e o rio Acaraú, que em tempos coloniais serviam de vias de transporte e limite espacial na demarcação de fronteiras.

Vaqueiros e rios, por mais de um século, esperaram pelo interesse europeu em algumas regiões do Brasil após sua chegada. Depois de algumas expedições e várias investidas em escravizar os primeiros habitantes do solo brasileiro, as fazendas de gado surgiam e cresciam como vertente econômica da região cearense e vetor na formação dos primeiros povoados – vale lembrar que as difíceis condições naturais da região dificultaram a ocupação do território. Em um programa televisivo<sup>17</sup> sobre e com violeiros, um deles fala

---

<sup>17</sup> Programa *Entrevista Record*, exibido em 2-7-2009 na rede Record.

sobre esta presença: *toda cultura tem o seu herói e todo herói tem uma saga. O boi e o vaqueiro são os heróis e sua saga foi percorrer os caminhos pelo Brasil.*

Pelos idos do século XVII, as oficinas de charqueadas e feitorias instalavam-se às margens dos rios (Jaguaribe e Acaraú, os mais importantes do território cearense e de onde se originaram as principais cidades do seu sertão – à época: Sobral, Icó e Aracati) e davam segmentos às exigências da economia colonial. Ainda no contexto colonial, *amparado nessa lógica, o desenvolvimento do núcleo teve como principais agentes de organização espacial, o estado, a Igreja e a atividade comercial* (NASCIMENTO, 2008: 319)

Dos agrupamentos que surgiram entre caminhos de boiadas e ribeiras, nasceu no século XVIII o povoado que daria origem a Sobral, formado em torno da fazenda Caiçara<sup>18</sup>, e não muito depois a história ainda viu este povoado tornar-se Vila.

Em 1773 era instalada a “Vila Distinta e Real de Sobral”. “Vila” naquela época tinha foro de Município e Câmara dos Vereadores. O nome “Distinta” designava que seus colonizadores eram brancos, portugueses ou seus descendentes, sem origem indígena. “Real”, porque criada por ordem direta do Rei de Portugal e o topônimo Sobral é a apropriação de um topônimo português em substituição à Caiçara, conforme determinação da Coroa. Sobral, nome inconfundivelmente lusitano, significa abundância de “Sovereira” ou “Sobreiros”, árvore da qual se faz cortiça. (COSTA, 2008a: 13)

Assim como Costa, seu Cocia (Emanuel Gaspar Gadelha), morador do bairro Dom Expedito e colecionador de histórias e fotos antigas de Sobral, tem sua interpretação. Ao perguntar-lhe como uma fotografia que me mostrava de uma antiga enchente chegou às suas mãos, ele afirma:

(...) Pelo doutor Plácido Marinho. Essa família Marinho é uma família antiga porque em 1927 ou 1923 deu um prefeito chamado doutor “não sei o quê”. Tem uma estátua na frente do igreja do Patrocínio que tem o símbolo da cidade. Em 1773 ela passou Vila e em 1841 aí já passou para cidade. Tem essa data lá nessa estátua na frente na igreja do Patrocínio. Se você for lá, você vê isso. (Entrevista realizada em 29 de junho de 2009)

No contexto do desenvolvimento do povoado, destaco dois acontecimentos que se coadunam à formação de Sobral: a prática religiosa como importante vetor na ocupação do Vale do Acaraú e a divergência em relação ao nome da cidade. Por seu papel no povoamento das regiões cearenses e no estabelecimento dos Curatos<sup>19</sup>, a Igreja concentrava muito poder em torno de si, sendo possível emaná-los de várias formas: como nas ordens de cessões de

<sup>18</sup> Caiçara significa “estacas de mato” ou “cerca de pau” (COSTA, 2008a: 12).

<sup>19</sup> “O Curato era a célula administrativa da igreja e encarregava-se dos serviços religiosos e do apoio administrativo tributado à Coroa Portuguesa” (COSTA, 2008a: 13).

terras para a criação de pequenos núcleos de povoamento, como foi o Povoado da Caiçara (COSTA, 2008a: 13), e também o fato da formação do povoamento ao redor da igreja Matriz, construída em 1742 por ordem do Visitador padre Lino Gomes Correia em terras doadas pelos donos da fazenda Caiçara (ARAÚJO, 1988: 145). Além do mais:

Outro aspecto relevante para a compreensão do processo de ocupação do Vale do Acaraú e posterior consolidação de Sobral como núcleo urbano foi a prática religiosa. Levada pelos ‘desbravadores’, ela se manifesta, sobretudo, no culto a santos e devoções e padroeiras, resultando, pouco a pouco, na fixação de pequenas concentrações em torno de espaços onde ocorrem as celebrações, festas e obrigações religiosas. (BARBOSA, 2000: 11)

Essa influência é percebida em outros tempos, principalmente à época do então bispo Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral. A construção de igrejas e edifícios públicos como a Santa Casa de Misericórdia e o Seminário Diocesano, entre outros, foi feito do bispo (que atuou durante 51 anos à frente da Diocese – a partir de 1916) e estava em sintonia com a proposta crescimento da cidade.

Vale lembrar que a Igreja, a serviço da Coroa Portuguesa, foi fundamental na aculturação dos índios do semiárido nordestino (primeiros habitantes do Vale do Acaraú<sup>20</sup>) por meio da catequese – ação essa em sintonia com o estabelecimento das fazendas de gado. Estes índios moravam nas proximidades de Sobral e foram usados como mão-de-obra, por exemplo, na construção de igrejas.

As fazendas particulares eram os primeiros sopros de habitação no Vale do Acaraú, onde tanto se formavam povoados e arraiais como eram importantes locais de passagem para viajantes, comboios e tangerinos. A fazenda São José<sup>21</sup> (atualmente distrito de Patriarca, em Sobral) foi a primeira ocupação do Vale do Acaraú, ainda no fim do século XVII (COSTA, 2008a: 12).

Depois da consolidação de Sobral enquanto cidade e Fortaleza como centro administrativo e político do Estado, Sobral figura como importante cidade do Ceará e município de destaque na região norte no tocante a serviços e comércios.

---

<sup>20</sup> Segundo Girão e Soares (1997: 20): “Os Potiguaras e os tabajaras habitavam as regiões de Jaibaras e Ibiapaba; os Tremembés, a região de Almofala; os Arariús, Groaíras e Meruoca; os Tapuias, Jaibaras e adjacências e os Reriús, a Meruoca e o médio Acaraú”.

<sup>21</sup> *Somente em 1697, a partir da expedição militar de reconhecimento da Ribeira do Acaraú, teve início a pecuária no vale com a implantação da Fazenda São José (...)*(COSTA, 2008b: 24).

Conhecer a história e a geografia dos locais e a partir daí elaborar ligações é um passo importante no entendimento do cenário de estudo. Para desvendar as relações entre paisagem geográfica e ações humanas, devo considerar que a história perpassa esses lugares, compreendendo suas transformações e usos ao longo do tempo. *O espaço não é morto, fixo, não dialético, imutável, imóvel. O tempo e o espaço fundam-se no seu movimento traçando novos perfis alimentados pela ação do homem* (FOUCAULT, 2004: 157)

As citadas fazendas, as antigas estradas que cortavam o sertão e os rios são fundamentais no entendimento da ação do homem e da figuração do espaço de muitas cidades do nordeste, em particular, as cearenses.

## 2.2. Rodagens de água: o rio Acaraú e a formação do espaço urbano

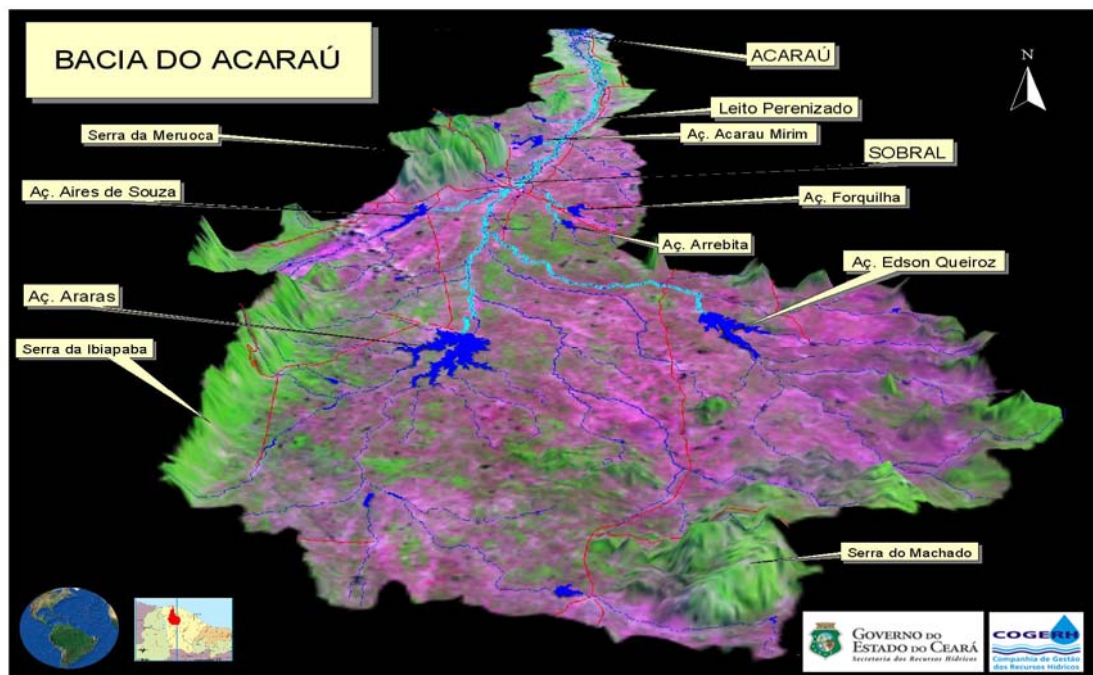


Imagem: [www.portal.cogerh.com.br](http://www.portal.cogerh.com.br)

O rio Acaraú, enquanto *rodagem de água*, foi imprescindível para o deslocamento de pessoas e mercadorias. Se capítulos da história do Ceará podem ser contados pelas ribeiras de seus principais rios, alguns foram escritos ainda no Ceará colônia e outros bem atuais, escritos no próprio rio pelos canoieiros e habitantes da cidade, como Mestre Dé, canoieiro aposentado.

Naquele tempo, o rio tinha vida, a água saía toda. Entrava lá no portão do mercado de Santana do Acaraú. Porque eu fui muito lá deixar comida pro povo, não tinha rodagem. Daqui pra Santana é sete légua por água. A gente ia deixar a canoa cheia de mercadoria: ia o feijão, ia a farinha, ia a rapadura, ia o cigarro, ia a massa de trigo, ia tudo dentro da canoa. Minha canoa pegava 1.600 quilo, tinha canoa que pagava 800, tinha canoa que pagava 1.000 quilo. Era muito, mas ninguém botava mais, se botasse mais era perigo. (Entrevista realizada em 12 de maio de 2008)

A necessidade do encurtamento das distâncias, as paradas em importantes entrepostos comerciais, o fluxo migratório, todas essas eram importantes condições no ainda pouco habitado sertão cearense. O que possibilitava a comunicação entre eles eram os acessos então existentes: além do rio, havia as estradas que seguiam ao largo de sua ribeira.<sup>22</sup>

As estradas cortavam vários povoados e fazendas levando até a outros estados, fazendo com que os núcleos mais importantes fossem parada para o comércio e outras atividades. Com essas movimentações, esses núcleos iam se desenvolvendo e se destacando em suas regiões.

A Fazenda Caiçara estava no ponto médio do rio Acaraú e era o entroncamento de caminhos que levavam às Ribeiras do Aracatiagu, do Jaibaras, do Groaíras e do Coreau, além de ser ponto médio de um dos caminhos que ligava Pernambuco ao Maranhão através da derivação da Estrada Real da Paraíba ou Estrada Nova das Boiadas ou Sertão de Dentro (COSTA, 2008a: 13).

A ocupação territorial do Ceará deu-se pela implantação das fazendas de gado por criadores que partindo de Pernambuco e Bahia, passaram pelo interior da Paraíba e Rio Grande do Norte entrando pelo Sul do Ceará pela região do Cariri, derivando duas rotas principais, uma com destino ao meio norte, Piauí e Maranhão, e a outra seguindo a ribeira do rio Jaguaribe até Aracati, litoral cearense. Foi no entroncamento das rotas, no séc. XVIII, formando um eixo comercial, que Sobral nasceu e cresceu, dedicada inicialmente às atividades pastoris e comerciais. (AGUIAR JÚNIOR, 2005: 10)

A Estrada da Caiçara também era utilizada para o deslocamento da população que fugia das áreas atingidas pelas fortes secas para o litoral (COSTA, 2008b). *A vocação de entreposto comercial manteve a vitalidade do núcleo, que viria a crescer motivado pelo desenvolvimento da cotonicultura nos anos seguintes* (COSTA, 2008b: 83).

Apesar das minhas análises se voltarem para determinado trecho do rio Acaraú que corta a cidade de Sobral, é fundamental conhecer sua dimensão e a importância para o Estado. São 370 quilômetros de percurso até o Rio encontrar o mar pela cidade de Acaraú. Pela extensão, é notável a quantidade de municípios banhados pelo rio e seus afluentes. Na

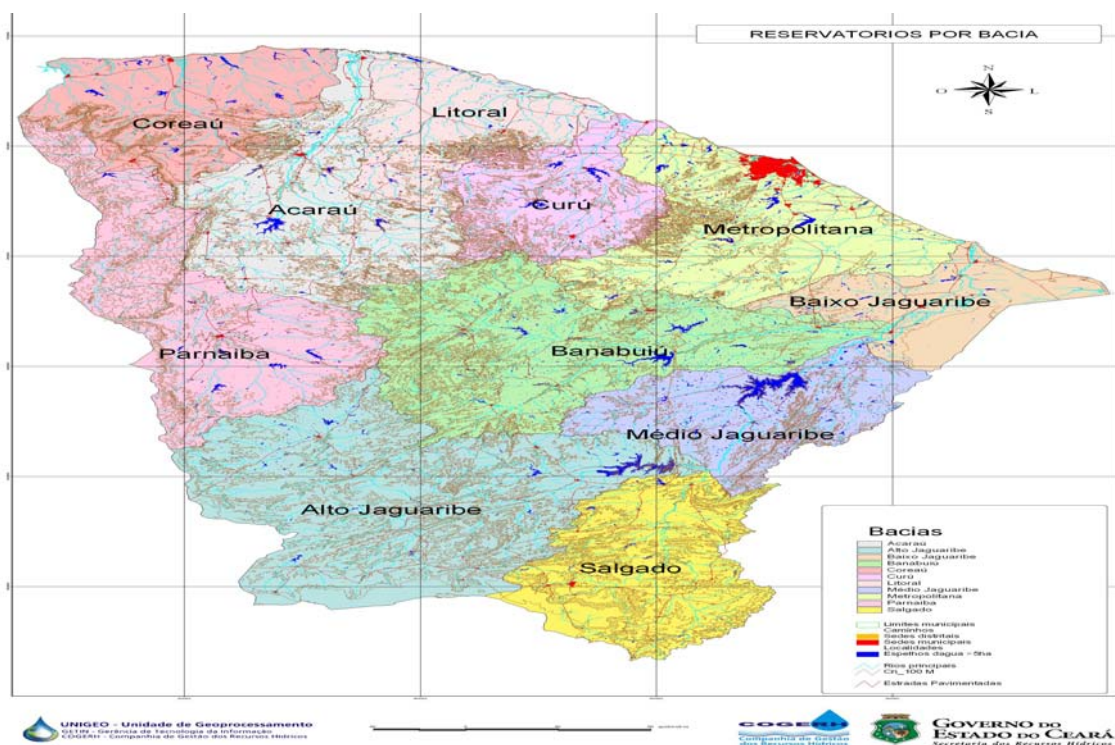
---

<sup>22</sup> As “estradas das ribeiras”, alcunhadas assim por Thomas Pompeu Sobrinho em *Povoamento do Nordeste brasileiro* (1937), se formaram também ao logo do rio Jaguaribe, como a Estrada Geral do Jaguaribe e a Estrada Nova das Boiadas que *percorria a bacia do Jaguaribe até os campos criadores do Piauí* (CAVALCANTE, 2002: 49).

margem direita: rios Jurucutu, Madeira, Macacos, Jatobá, Groaíras. Afluentes da margem esquerda: os riachos Mucambinho e Mata Fresca e o rio Jaibaras. Além do mais, suas três nascentes encontram-se na Serra das Matas entre os municípios de Monsenhor Tabosa e Tamboril.

Sua bacia hidrográfica tem uma área aproximada de 14.500 quilômetros quadrados, cortando um total de 27 municípios. Alguns dos açudes citados nesse trabalho, como o Araras (açude Paulo Sarasate, no município de Varjota), Jaibaras (açude Aires de Sousa, no município de Sobral), o Forquilha e o Edson Queiroz, ambos localizados no município de Santa Quitéria, estão integrados à bacia do Aracaú e se constituem como importantes açudes da região norte e do estado do Ceará.

Indo e vindo, as boiadas transformavam a paisagem por onde passavam ao longo do rio Aracaú, deixando as marcas de uma época onde os caminhos eram poucos e por onde passavam também escravos comprados e tropas de animais indo para outros centros importantes. Tanto os moradores quanto os viajantes utilizavam a vazante para cultivo e o leito do rio para construir poços pra suprir o abastecimento em épocas de estio, onde a brisa que corria amenizava o clima tão quente.





Ser banhada por um rio torna qualquer cidade vulnerável a condições climáticas atípicas, como o excesso de chuvas e as grandes cheias. Sobral, como cidade ribeirinha, sofreu com os desígnios naturais. Se a seca no Ceará é algo que desestrutura a vida demográfica e produtiva (como a seca de 1877-1880), as enchentes também deixaram suas instabilidades e retirantes: agora, retirantes das enchentes. 1917, 1924, 1974, 1985 e 2004 são os anos de algumas das maiores cheias cearenses e, não por acaso, os mais presentes nas memórias dos canoeiros.

As vantagens de uma região ser banhada por tão importante rio levam a uma intensa utilização, para vários fins, e que acabam por gerar consequências ambientalmente negativas. Não é só na atualidade com as políticas de enobrecimento urbano que o rio é deixado às margens. Ainda na época que Sobral era um povoado, o Acaraú sofreu com o desmatamento das vertentes do rio, com a alteração do seu microclima e com a destruição da mata ciliar (AGUIAR JÚNIOR, 2005).

O descaso com o rio começa bem antes do local em que as pontes e o calçadão foram construídos. Inicia-se nas próprias nascentes, como noticia um dos jornais locais com o título *Acaraú, o rio que corre em nossa aldeia*:

O rio Acaraú, segundo maior em extensão do Ceará, pode ser o maior em extinção. O fato já é evidenciado em diversos trechos do seu curso e sentido pelas populações que vivem às suas margens ou dependem dele.

(...) Agressões ambientais provocadas pelo desmatamento de suas margens, desvio de curso, ocupação irregular de suas vazantes por monoculturas de subsistência, implantação de criatórios de camarão, exploração de recursos minerais como areia e barro e a população por esgotos domésticos e industriais, são alguns dos fatores que condenam o rio a se transformar num verdadeiro córrego praticamente inservível às milhares de pessoas que habitam ao longo de seus 370 km de extensão.

No futuro, talvez uma lembrança da paisagem.

(...) O Acaraú, que nasce na Serra das Matas, no município de Tamboril, já começa a se degradar desde a sua nascente. (...) Uma das principais fontes de reclamações da pesquisa tem sido a política hídrica que estimulou os barramentos dos rios cearenses ao longo de décadas como forma de “guardar” a água. (Expresso do Norte, 24 a 30/9/2002)

Mesmo com a agressividade das ações sofridas, o rio Acaraú é tão central na região norte que foi marco geográfico da divisão administrativa da capitania do *Siará Grande* até o fim do século XVIII. Havia uma divisão criada para satisfazer as demandas administrativas da capitania que tinha como limite as ribeiras, e essas unidades eram assim chamadas – *ribeiras*

– por levarem em consideração as vias de colonização do Estado. Eram subdivididas em ribeira do Acaraú, ribeira do Ceará e ribeira do Jaguaribe (OLIVEIRA, 2009: 30),

*“Compreende a capitania do Siará três Districtos, muito extensos, quaes são o do Siará, que fica na costa no meio da capitania a que dá o nome, do de Acaracu e o da ribeira do Jaguaribe. (...) O Terceiro Districto da capitania do Siará he aquelle da Ribeira de Jaguaribe, o qual compreende em si quatro districtos mais pequenos, e vem a ser o do Icó, Inhamuns, Cariris Novos e Quixeramobim.”* VILHENA, Luis dos Santos – **Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas, contidas em XX cartas, que da cidade do Salvador Bahia de todos os santos escreve hum a outro amigo em Lisboa.** Bahia: Imprensa Official do Estado, 1921, Livro III (Anno de 1802), Carta Décima Nona, p. 684 e 694. (OLIVEIRA, 2009: 35)

Com esta divisão, almejava-se *adequar a administração colonial às condições do povoamento e da colonização* (OLIVEIRA, 2009: 28), e em cada uma delas via-se: *a contagem populacional, as arregimentações políticas, o recolhimento dos impostos, a organização das milícias, a direção dos fluxos de pessoas e mercadorias, a administração religiosa e a vida cotidiana* (OLIVEIRA, 2009: 28). É bom lembrar que a região em que estava a futura cidade de Sobral e outras não mantinham uma dependência em relação à Fortaleza, sede administrativa.

Tal acontecimento histórico é parte de uma série de usos e ocupações da faixa ribeirinha proporcionada pelo rio Acaraú: temos as vias de povoamento e colonização, as estradas que margeavam o rio, divisões administrativas, e o eixo central das obras de requalificação que assolou suas margens.

Entre outros, todos esses acontecimentos podem ser pensados como momentos do desenvolvimento urbano de Sobral, de como o espaço foi organizado, imposto e consumido. Será que nesses casos o espaço urbano poderia ser pensado como um espaço público? Questão que envolve as práticas tanto do poder público como da população em geral.

Para tanto, vou considerar um momento particular e recente da história sobralense que se desdobra em duas intervenções operadas em seu espaço: o tombamento do sítio histórico e as obras de reurbanização da margem esquerda do rio. Assim, continuo a analisar elementos que se coadunam com as narrativas dos canoeiros, onde tais acontecimentos e lugares interferem em suas vidas, mexem com seu passado e criam condições e espaços que já figuram nas suas memórias mais recentes. Não só da memória de fatos passados que se ocupa essa pesquisa, mas também da contemporaneidade, do que atualmente acontece e que é subsídio para as futuras lembranças.

### 2.3. Intervenções contemporâneas no espaço urbano de Sobral: o projeto da *Margem Esquerda* e o tombamento do Sítio Histórico

Em 2004, quando a importante obra da margem esquerda foi inaugurada, ela foi lavada pelas águas. Mesmo sabendo das possíveis inundações e da conseqüente deteriorização do espaço, a obra foi levada a cabo. Cinco anos depois, na coluna chamada *O preço das enchentes*, chama atenção a nota que responde pelo título *Espelho Meu*:

Cid Gomes, ao lançar ontem, na Fiec, campanha pelos desabrigados das chuvas, fez uma autocrítica acerca das construções feitas em áreas próximas a rios. Para ele, um problema de ordem urbana. Detalhe: em Sobral, Cid construiu o Museu Madi à beira do rio Acaraú, que ficou submerso. (jornal *O Povo*, 13 de maio de 2009: 10)

Além da percepção de que as enchentes compõem o referido cenário e de que o Rio ainda assusta os moradores, salta aos olhos a relevância desta obra para a cidade de Sobral e a população que a utiliza. Não foi à toa que ela emergiu em meio a tantas motivações políticas e num contexto de fazê-la respirar os ares modernos.



Vista aérea da Margem Esquerda. No canto baixo da foto está o atracadouro; no meio, à esquerda, o Museu Madi; no meio, à direita, a Biblioteca Municipal; e, acima, a ponte Euclides Ferreira – ponte nova (Foto: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Esse conjunto de obras realizadas para o projeto de reurbanização da margem esquerda do rio Acaraú<sup>23</sup> representa e será analisado como formas contemporâneas de intervenção no espaço urbano classificadas como *modernas*. Projeto que almejou, por sua vez, criar espaços públicos para o consumo da população com aparelhos culturais e de lazer – população, por sua vez, composta por distintos indivíduos, de várias origens sociais onde a formas de consumos não obedecem a nenhuma homogeneidade.

O palco das transformações promovidas pela Prefeitura foi o trecho do rio Acaraú situado entre as duas pontes (nova e velha) que dão acesso à cidade, mais precisamente, na margem esquerda. As principais obras executadas nesse trecho foram: a construção de calçada à beira rio e uma ciclovia; um anfiteatro; a Biblioteca Municipal Lustosa da Costa; o Museu Madi; o espelho d'água; um letreiro com o nome da cidade; o Marco do Tombamento, uma escultura que jorra água em direção ao Rio e que está no eixo da linha demarcatória da área tombada; a Escola de Comunicação, Cultura, Ofícios e Artes - ECCOA; estacionamento; quadras esportivas; e campos de futebol – todas concluídas em 2004. Todas as mudanças efetuadas se preocuparam com a dimensão paisagística e sua interação com o sítio histórico.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município<sup>24</sup>, finalizado em 1999 (mesmo ano do tombamento), estabeleceu como projeto estruturante prioritário para a requalificação espacial da Cidade a urbanização da margem esquerda do Rio, área classificada como de preservação paisagística. A idéia era recuperar este elemento natural, qualificando sua margem esquerda e integrando-a ao sítio histórico com o qual se limita. O objetivo era fortalecer o centro histórico e a paisagem do Rio recuperando-os como imagem da Cidade de forma a promover a apropriação desses lugares pela população e atuar como indutor de uma série de melhorias espaciais para a Cidade. (PINTO, 2009: 17)

Contudo, para conseguir uma Sobral *moderna* e investir numa nova imagem urbanística e arquitetônica, a Prefeitura engendrou outras mudanças ocorridas em anos anteriores ao da requalificação da margem esquerda – ou no mesmo ano, em 2004: a barragem vertedouro construída embaixo da ponte velha, bem como a sua ampliação com a construção de mais uma pista em 2003<sup>25</sup>; revitalização do largo e da Igreja das Dores; a

---

<sup>23</sup> Antônio Carlos Campelo Costa, Aída Matos Montenegro e Nelson Serra e Neves foram os elaboradores do projeto que venceu o concurso (aberto em 2000) de reurbanização da margem esquerda do rio Acaraú. O projeto vencedor contou com a colaboração de Paulo César Arrais e Domingos Linheiro. O projeto dividiu a faixa da ribeira em cinco pontos que incluía as obras já citadas.

<sup>24</sup> O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral começou a ser elaborado em 1997.

<sup>25</sup> Freitas (2005) afirma que a ampliação da pista foi tida como a construção de uma nova ponte ao lado da que já existia (Ponte Oto de Alencar), chamada de Senador Vicente Alves de Paula.

construção da ponte nova José Euclides Ferreira Gomes (pai do prefeito da cidade na época, Cid Gomes) em 1998; a reforma do Boulevard do Arco<sup>26</sup>.

Acompanhando essas mudanças, Freitas comenta: *Parecia haver uma vertiginosa operação de mudança na cidade que ocasiona sobreposições de investimentos no sentido de garantir determinados sentidos e significações a espaços e lugares da cidade* (2005: 84). *Sobreposições que causam marcas, deixadas pela operacionalização de uma racionalização no uso do espaço (...)* (2005: 84).

As obras no Largo das Dores incluíam a igreja e o seu entorno, onde foram construídos uma praça, um restaurante com comida oriental (chamado *Sushimix*) e um anfiteatro que abrigava vários shows – que depois começou a ter suas atividades esvaziadas por conta da construção de um maior anfiteatro.

A ponte nova diferenciava-se da antiga pela iluminação e pelas formas que incluíam grandes arcos, além de um melhor acesso à rodoviária. Sinalizando a integração do centro histórico com a margem do rio, assim pode ser visto na placa fixada na entrada da Igreja das Dores:

Um nicho pequeno e antigo havia onde foi construído a capela das Dores, originando o terceiro bairro da Vila Distinta e Real de Sobral. A Capela não se sabe quando foi construída mas sabe-se que existia em 1878. Sua torre única e lateral não segue a regra neoclássica de seus elementos de fachada, pois foi concluída após 1924 como atestam fotografias da época. Esta divergência estilística destaca-se elegantemente da miscelânea de sensações visuais oferecida pelo centro histórico da cidade. É um dos poucos edifícios da área cuja importância, ainda que parcialmente, aceitou voltar-se para o rio Acaraú, tornando-se um contraponto inusitado e fundamental na paisagem urbana sobralense.

A barragem vertedouro veio para barrar a água e possibilitar o Espelho D'água, tendo como consequência o aumento da poluição do Rio, já que a água não corre para o mar com a mesma intensidade, acumulando sujeira. Os canoeiros reclamam muito dessa obra em detrimento do mau cheiro que ronda o Rio – claro que se somam a essa situação os esgotos que são jogados no rio.

---

<sup>26</sup> Chamado de Arco de Nossa Senhora de Fátima, erguido em 1953 por iniciativa de Dom José em homenagem à visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima à cidade de Sobral. No mesmo local do arco, existia um Cruzeiro das Almas no fim do século XVIII, demolido em 1929 (COSTA, 2008a).



Largo das Dores. Com o calçadão, Espelho D'água e ponte Oto de Alencar – ponte velha – ao fundo (Foto: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Algumas das novas construções não tiveram inicialmente suas funções ou seus locais definidos, como é o caso do Museu Madi, da Biblioteca Municipal e da Escola de Comunicação, Cultura, Ofícios e Artes - ECCOA.

A idéia inicial da Prefeitura era a de que a Biblioteca Municipal fosse implantada no terreno do atual Anexo da Câmara Municipal. No entanto, considerando a configuração espacial e simbólica da Margem Esquerda com a presença do Museu Madi – como elemento de referência no eixo do percurso que liga à Igreja Matriz – e a ECCOA, os arquitetos fizeram uma contraproposta. A idéia era de que a futura biblioteca ocupasse uma antiga edificação localizada estrategicamente dentro do polígono formado pela ECCOA, o Museu e a Igreja Matriz (Figura 89). A nova disposição criaria um pólo constituído por três equipamentos de caráter cultural (Escola de Artes, Museu e Biblioteca), reforçado pela presença marcante da Igreja Matriz. (PINTO, 2009: 21)

O Museu Madi, que inicialmente iria abrigar o Memorial da cidade, ficou com a incumbência de receber as obras do movimento artístico Madi. Conta Pinto sobre a criação do museu:

O Museu Madi não fazia parte da proposta inicial do projeto da Margem Esquerda. Na verdade, ocupa um espaço originalmente concebido com outra finalidade (...). Com a realização de Salões internacionais de Artes Plásticas em Sobral, a Prefeitura, em parceria com a Universidade Vale do Acaraú, estabeleceu acordo com membros do movimento Madi até que ficou acertado com o mentor do movimento, o artista plástico uruguaio Arden Quin, a doação de cerca de 100 obras (esculturas, pinturas e desenhos) de artistas Madi de vários países para criação do primeiro museu deste movimento no País. (2009: 45)

A biblioteca, além de mudar radicalmente a paisagem com seu visual futurista, gerou um trânsito de professores, alunos e outras pessoas que buscavam seus serviços – sem falar do refúgio que um ambiente climatizado representa numa cidade onde temperaturas de 40 graus não são raras.

O recebimento de todas essas obras não foi unânime por parte dos moradores. As discordâncias versam, entre outras, sobre a importância dada à margem esquerda, vide o volume de investimentos e priorização de ações voltadas para a manutenção dos equipamentos, que além da relevância paisagística, teve as ações culturais enaltecidas por seus gestores.

Enquanto determinados espaços e atividades culturais estão sendo pagos com dinheiro público, bairros da periferia carecem de políticas voltadas para o lazer e cultura. Ou então, quando vemos a participação da população nessas atividades, tratam-se de grandes atrações musicais, como festas de inauguração e réveillon.

Como reflexo dessas reações, percebo as discordâncias em torno do investimento público em cultura e infra-estrutura. Enquanto as obras da margem esquerda são vistas como os *brincos da princesinha*, a população menos favorecida sofre a falta de investimentos em políticas públicas. A única notícia que os moradores da margem direita têm – principalmente do Dom Expedito – é sobre a futura urbanização do *outro lado do Rio*.

Além de não terem sido assistidos por políticas públicas durante a urbanização, os moradores têm de conviver com a ameaça de desapropriação. Várias gestões concentraram esforços políticos e financeiros nessa imagem de cidade. Pergunto-me se pelo menos esses espaços urbanos se tornam públicos de fato.

Apesar dos anos de diferença entre as distintas obras, todas têm um fio que as aproximam entre si, com objetivos claros: a *revitalização* do espaço urbano de Sobral e a criação de outras e novas funcionalidades, visando o seu *melhor aproveitamento* e, claro, interferindo nas práticas de espaço (CERTEAU, 2007) dos habitantes. É interessante localizar



vários acontecimentos históricos de Sobral salientado-os enquanto fenômenos da urbanização e de como esta é consumida diferenciadamente de acordo com seus usos e ocupações.

No espaço onde foi feito o calçadão – antes um descampado de areia – via-se as pessoas tomando banho de sol, bronzendo-se, jogando bola, fazendo churrasco, banhando-se no rio. Era conhecida como a *Prainha*, que existiu paralelamente à reforma do Largo das Dores, dando posteriormente lugar ao calçadão à *beira-rio*.

Mas como ter um espaço para constar nos cartões postais com pessoas lavando roupa à beira-rio e dando banho em animais? E com um areal na frente e prédios em ruínas?

A informação mais agravante é que aquele espaço não estava abandonado. Pelo contrário, era palco de várias sociabilidades, o que não evitou que a pecha de sujo, precário e desprovido de utilidade fosse aplicada ao local. Alguns autores reafirmam esse contexto de suposto abandono:

Malgrado possíveis limitações do projeto, trata-se de uma intervenção que efetivamente transformou a paisagem da Cidade, convertendo o que antes era uma área degradada e marginal (que poderia ser considerada “os fundos” da Cidade) em seu mais importante cartão de visitas. (PINTO, 2009: 60)

O limpo e bem utilizado (que diz respeito também a *bem frequentado*) espaço seria justamente alcançado com a estrutura criada com a revitalização da *Margem Esquerda*, com espaços bem cuidados, esteticamente interessantes e acolhendo da *melhor forma* a população de Sobral.

Se o espaço já era intensamente utilizado, fica a dúvida sobre a qual população o poder público e setores da mídia se referiam. O que se viu com as mudanças é que o público que não freqüentava o espaço – pelo menos com tanta frequência e para determinados fins de lazer e entretenimento –, agora iria fazer caminhada, passar pela biblioteca, assistir a shows, ou mesmo sentar nos bancos e aproveitar a brisa. O que não impediu que grupos de pessoas que andavam pela *Prainha* continuassem com seu lazer.

As obras do calçadão foram feitas em frente ao quintal de várias casas que ali existem. O limite entre o quintal desses moradores e o início do gramado da área pública é invisível; churrascos continuam sendo feitos, mas agora no gramado do calçadão, e o futebol continua sendo jogado por adultos e crianças – fronteiras entre o público e o privado difíceis de estabelecer.



A dinâmica da requalificação, por sua vez, não almeja uma série de mudanças que venha a destoar completamente do que já existia no local das intervenções. Ao mesmo tempo em que sugere condições para novas práticas, ela se apropria do conteúdo simbólico existente nas práticas sociais cotidianas (LEITE, 2002).

Não se alimentando apenas do passado celebrado da cidade de Sobral e das apostas futuras em gerar práticas de lazer e cultura, essas ações se apropriam do que antes havia nos espaços em termos de práticas e sociabilidades, constituindo valorizações diferenciadas entre o que existiu e o novo contexto espacial.

Em geral, essas políticas investem em áreas carregadas de sentido pela história e pela evolução urbana dos espaços das cidades. Mas é interessante perceber que muitas dessas áreas já sinalizavam sua potencialidade pelos usos e sentidos atuais. (LEITE, 2002: 125)

Uma imagem interessante: como as casas ficam de costas para o Rio, muitos dos moradores da margem esquerda colocam cadeiras no fim da tarde para conversar no seu quintal, que ora são os fundos de sua casa, ora são a grama do calçadão. A antiga prática de pôr a cadeira na calçada para conversar (ou quintal, ou gramado) é um desafio visual para o entendimento do privado e da rua.



Grama da margem esquerda (Foto: Rubens Venâncio)

A requalificação da margem esquerda e a disposição das obras impressionam pela nova trama visual em que a cidade é inserida e pensada, fruto de um planejamento urbano para a cidade, desejo de modernização e, ao mesmo tempo, de tradição. Projeto que busca

um novo “marco visual” (segundo seus elaboradores), interferindo na forma como o habitante olha a cidade e, também, atingi-lo com novos estímulos sensoriais.

Na forma visual formada no trecho do rio entre as pontes, saltam aos olhos as contradições do projeto urbano de Sobral. De um lado, as construções da nova urbanidade; e do outro, na margem direita, as simples e paupérrimas casas, a vegetação alta, alguns porcos e chiqueiros, cercas de quintais voltados para o rio, o chão de terra batida e pedregoso que fica lamacento na estação chuvosa. No leito direito do Rio, o asfalto só começa na primeira rua para quem vai no sentido rio-bairro Dom Expedito.

Por ambas as pontes, quem passa a pé ou de carro percebe a diferença gritante entre as duas ribeiras do Rio, como se aqueles cenários não fizessem parte da mesma Sobral – entre esses cenários, também das pontes, já é possível avistar os canoieiros. A demarcação que não tem nada de simbólica, representa uma divisão na cidade. E se essa visão *de cima* que as pontes proporcionam foram concebidas como uma melhor forma de saborear a visualidade que emerge com o espaço modificado da margem esquerda, ela acaba por tornar-se algoz de si mesma, oferecendo outras imagens: imagens da contradição, de segregação espacial e social.

A visão de ambas as pontes é mais estratégica na percepção das grandes obras do que das microrrelações produzidas pelos indivíduos. São nas *caminhadas pela cidade* ao estilo de Certeau (2007) que os indivíduos passam a florescer em relações e práticas, onde acaba a *visibilidade*, de forma panorâmica, tal como uma lente grande angular.

Mas “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres (...), cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. (CERTEAU, 171: 2007)

Se as práticas de espaço agem sobre uma ordem constituída (CERTEAU, 2007), as intervenções urbanísticas em Sobral ocasionaram disputas entre a requalificação e as práticas de espaço dos habitantes, onde a cidade além das ordenações do planejamento urbano, incorpora as práticas urbanas dos indivíduos e suas operações (*maneiras de fazer*) (CERTEAU, 2007).

Ao distinguir *lugar de espaço e tática de estratégia*, Certeau (2007) pensa as práticas cotidianas e sua relação com o espaço: se todo espaço é um lugar praticado, os indivíduos de uma cidade participam ativamente das mudanças, mesmo naquelas onde não têm o poder de decisão ou de veto sobre determinadas ações. Os usos dos indivíduos nos lugares podem gerar uma demarcação tanto física quanto simbólica e, dessa forma, qualificando o espaço – a partir

da prática do lugar: *Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível* (CERTEAU, 2007: 172).

Mesmo não tendo poder de veto sobre mudanças estruturais, os indivíduos por meio de táticas conseguem atribuir outros usos ao espaço urbano que lhe atribuem sentido. Nas relações entre o espaço e o indivíduo comum, ele consegue organizá-lo e praticá-lo sem o uso do poder, com suas táticas. Por sua vez, a noção de estratégia é caracterizada pelas práticas que articulam poder e espaço (CERTEAU, 2007), onde este é tomado – e não vivenciado taticamente.

O planejamento da margem esquerda não extinguiu o futebol; ao invés de ele acontecer na antiga *Prainha*, ele acontece do calçadão; os animais continuam sendo banhados na margem esquerda, mesmo que o ponto de acesso à água tenha mudado; mulheres e homens continuam *batendo roupa* no rio; e ao mesmo tempo estabelecendo um sentimento de pertença.



Diariamente, lavadeiras estão no rio Acaraú trabalhando. Está aproveitada a estrutura da margem esquerda que invadiu o leito do rio para secar as roupas (Foto: Rubens Venâncio)

É na tensão entre espaço e ação que o local público é estabelecido, percebido como híbrido, polifônico. Observando os movimentos efetuados pelas sociabilidades nos espaços públicos, é válido pensar que são os sentidos oriundos das ações dos indivíduos que singulariza os lugares.

É claro que o poder público atua na organização do espaço, interferindo nos usos e espacializando-os segundo sua lógica. Mas se aceitamos os contra-usos (LEITE, 2002) e a invenção do cotidiano em nosso horizonte compreensivo, os agentes conseguem estabelecer pontes entre as táticas e as estratégias, entre o racionalmente planejado e o cotidianamente criado.

Dona Mirtes de Souza (uma das moradoras das poucas casas restantes situadas no calçadão da margem esquerda), os meninos das margens que ali se divertem jogando bola ou tomando banho, as lavadeiras, Coco, técnicos, arquitetos, são todos membros da mesma realidade distinta. Se hoje o morador de Sobral tem a possibilidade de outros usos da margem esquerda e do centro tombado, assim como as lavadeiras que secam e lavam no calçadão, é porque ambos conseguiram mostrar-se no mesmo espaço e, talvez assimetricamente, serem reconhecidos.

(...) Os *lugares*, quando erguidos pelos contra-usos no interior dos processos de *gentrification*, podem representar formas táticas – espacializadas e simbólicas – de criar singularidades, expressar dissensões e reivindicar direitos (...) Ao contrário de significar uma espécie de “privatização” do espaço público – pelo aparente excesso de segmentação espacializada de modos de conduta pública –, a construção social dos lugares politiza o espaço urbano (qualificando-o como espaço público), na medida em que cada *lugar*, para se legitimar perante o *outro* – e a partir do qual se diferencia –, precisa igualmente ser reconhecido publicamente em sua própria singularidade. (LEITE, 2002: 130)

Processos como o de requalificar ou tombar não alijam a discordância e a disputa - eles são palco para os dois processos. E é justamente no lugar que a fricção entre o planejado e a invenção torna público o espaço, em meio a negociações e o reconhecimento de ambos.

(...) A cidade habitada não é só racional como é vista pelo simulacro teórico, é construída por itinerários diversos compostos de desejos e memórias, que elaboram poesias fragmentadas e múltiplas de uma cidade praticada de formas infinitas e imprevisíveis. É um texto urbano escrito por histórias cotidianas múltiplas que se cruzam elaborando redes de escritura compostas dia-a-dia, sem contradizer totalmente e, em alguns casos englobando e reelaborando, as imagens do espaço racionalizado, teorizado, geometrizado e planejado. (FREITAS, 2005: 107)

Quando consideramos o movimento efetuado do *espaço geométrico* ao *espaço antropológico* (CERTEAU, 2007), do espaço homogêneo ao espaço existencial, calcado nas experiências individuais, a margem para analisar o que não coube no planejamento técnico dos urbanistas e arquitetos foi aberta.

Essa experiência é relação com o mundo; no sonho e na percepção, e por assim dizer anterior à sua diferenciação, ela exprime ‘a mesma estrutura essencial do nosso ser como ser situado em relação com um meio’ – um ser situado por um

desejo, indissociável de uma ‘direção da existência’ e plantado no espaço de uma paisagem. Deste ponto de vista, ‘existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas’. A perspectiva é determinada por uma ‘fenomenologia’ do existir no mundo. (CERTEAU, 2007: 202)

Mesmo não figurando nos planejamentos, os canoieiros e outros usuários das margens do Rio tiveram e têm o seu existir enquanto habitantes de Sobral e praticantes do espaço, elaborando referências e se integrando de várias formas ao espaço modificado.

### 2.3.1 O PROCESSO DE TOMBAMENTO

Se podemos construir significados de acordo com a vivência dos lugares as maneiras de intervenção seguem orientações diferenciadas – ainda mais quando se considera que a intervenção pode se dar no já construído<sup>27</sup>. Mas, o que informa quem constrói? O que ele procura comunicar?

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral atende os anseios da população de Sobral? Será que as próprias normas que regulamentam a cidade planejada são seguidas?

Ao tempo que se iniciou a elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral<sup>28</sup> (1997), foi também iniciado o levantamento e a delimitação de áreas de valor histórico e cultural cujos objetivos atenderam à solicitação da Prefeitura Municipal de Sobral, preocupada em preservar e proteger na sua sede, o que lhe confere caráter e identidade, expresso de várias formas em suas manifestações culturais ao correr de suas transformações físicas, socioeconômicas e históricas. (COSTA, 2008a: 28)

O tombamento do centro histórico de Sobral em 1999 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi fundamental nas séries de mudanças ocorridas na cidade. Quando Sobral foi tombada<sup>29</sup>, no mesmo ano de 1999 finalizava o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano que almejava a preservação paisagística, a reurbanização da margem esquerda do Rio e sua ligação com o patrimônio histórico edificado.

<sup>27</sup> Sobre as intervenções no conjunto arquitetônico de uma cidade, devemos considerar o restauro – modificar o mínimo possível respeitar o estado original –, a construção de edifícios *ex novo* - novas edificações que podem ser anexos de edificações existentes ou edificações novas em vazios urbanos - dentro de construções já existentes e modificação de construções antigas (PINTO, 2009: 12)

<sup>28</sup> Produzido pelo Consórcio de Escritórios de Urbanismo Fausto Nilo / Espaço Pleno (NASCIMENTO: 2008).

<sup>29</sup> A área do sítio histórico é composta de 1.200 imóveis, onde 250 atestam um bom grau de preservação (NASCIMENTO, 2008: 335). Entre esses últimos a casa do Capitão Mor de Sobral José Xerez da Furna Uchoa, é uma edificação que lembra o que existiu antes daquela região tornar-se Vila.

A partir do final dos anos 1990, iniciam-se as propostas de valorização do lugar, num período em que a administração pública do município de Sobral é identificada pelas premissas do planejamento empreendedor, de modernização do Estado, com o estabelecimento de parâmetros que visem à instituição da representação da cidade-sucesso, através de ações que identifiquem na materialidade, este estado de espírito. (NASCIMENTO, 2008: 320)

O projeto da margem esquerda está situado no entorno – como limite – do sítio tombado, fazendo parte da chamada Zona de Proteção à área tombada – uma área que faz parte da Área de Preservação Rigorosa e onde estão *as 22 edificações presentes no Inventário de Bens Arquitetônicos realizado pelo IPHAN em 2005* (PINTO, 2009: 40). A Área de Preservação Rigorosa é a parte central da cidade onde se localizam os principais monumentos, como a Praça da Matriz e o trecho da Avenida Dom José.

O título de cidade tombada a ressalta enquanto referência histórica e planejada urbanisticamente, tendo vários documentos produzidos com essas intenções. Segundo Nascimento os documentos relacionados às ações de preservação do patrimônio são:

Elaboração da Instrução de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Sobral; Elaboração e execução dos Termos de Referência provenientes das ações prioritárias identificadas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral – das quais resultaram as bases para o Edital do Concurso de Urbanização da Margem Esquerda do Rio Acaraú; as ações empreendidas pela Prefeitura de Sobral no âmbito dos Restauros e dos Projetos Urbanos; a ação do Escritório Técnico da 4ª SR/IPHAN em Sobral. (2008: 320)

Ao contrário do que se pode pensar, o processo de tombamento não envolve apenas a dimensão arquitetônica. Ele considera valores culturais, históricos, paisagísticos. Além dos aspectos sociais, econômicos e históricos relativos à formação de Sobral serem referências para a definição da área de proteção, estudos sobre as manifestações culturais estavam previstos no ETF-Sobral – Estudo Para Tombamento Federal do Conjunto Urbanístico da Cidade de Sobral (1998) – mas não foram executados por falta de recursos.

Em casos como o de Sobral, as ações de patrimonialização se envolvem com fatores políticos e com ações voltadas para a estruturação espacial de todo o município – e não apenas das edificações e locais a serem resguardados.

Como são bem definidas, as ações de patrimonialização de sítios urbanos demandam instrumentos próprios de análise – diferente, por exemplo, das obras de arte e de edifícios – e não são compostos de bens acabados, mas de bens que muitas vezes precisam de restauração - tendo o IPHAN como instância normativa e reguladora.

O tombamento envolve tanto as edificações em si como as áreas urbanas que estão no seu entorno e, nesse sentido, pensando a relação entre tombamento e espaço urbano, assim



expõe Freitas: *É uma reflexão urbanística também, na qual a monumentalização é situada e articulada a ações de estruturação do espaço urbano da cidade* (2005: 17).

Na análise de Freitas (2005) sobre o processo de tombamento do centro histórico de Sobral, dois pontos me chamam a atenção: o peso exercido pela história de Sobral no tombamento e a influência da política local nesse processo.



Marco do Tombamento, na margem esquerda. E Espelho D'água (Foto: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Ao analisar documentos referentes ao tombamento produzidos pelo município, Freitas (2005) se depara com um determinado passado de Sobral que versa sobre a influência estrangeira na cidade, sobre as características do desenvolvimento e pioneirismo e o respeito à tradição.

Como este passado, de certa forma, estaria vivo em sua arquitetura, a preservação do patrimônio iria garantir o respeito a – supostamente – características do povo sobralense que apontam para sua identidade; assim resguardada e eternizada na monumentalização do sítio histórico de Sobral.

A herança histórica ressaltada nos documentos confeccionados para justificar o tombamento – alguns acontecimentos dessa história foram citados no início desse capítulo – é de uma cidade que teve o seu desenvolvimento (reconhecido por alguns estudiosos) desdobrado em ciclos econômicos: o da pecuária, do algodão, o comércio, a indústria e das obras e benfeitorias que se coadunam a eles – como a estrada de ferro e a ligação com centros estrangeiros para escoar sua produção e importar manufaturados estrangeiros.

Uma história que fala de casarões e outras edificações construídas pelas sucessivas elites desses ciclos comerciais. Uma história que foi tornada *história* de todo sobralense, mas que na verdade, aponta para a riqueza daqueles que dela desfrutaram. Um modelo de história que pode ter seus primórdios visualizados nos trechos escritos por Domingos Olímpio:

(...) Organizou o comboio com três burros, e outros tantos cavalos de sela, e partiu na direção de Sobral, a cidade intelectual, rica e populosa, empório do comércio do Norte da província, na qual o governo estabelecera opulentos celeiros. (1999: 151)

(...) A salvação estava em Sobral, na cidade formosa e opulenta, o oásis hospitaleiro anelado pelas caravanas de pegureiros esqueléticos. (1999: 53)

Nessa perspectiva de análise histórica, o desenvolvimento urbano de Sobral tem ligação com períodos da sua economia e reflexos são vistos na arquitetura, na organização do espaço, entrecruzando circunstâncias políticas, sociais e espaciais.

Desde a sociedade dos fazendeiros, à burguesia comercial até a classe empresarial, Sobral foi passando da rusticidade de povoado, à fase dos sobrados de arquitetura simples (paredes grossas, duas águas etc.), depois à utilização de telhados de três e quatro águas e, por último, à fase dos azulejos portugueses nas fachadas, herança cultural dos árabes e que hoje figuram como vestígios de um passado de opulência dos ciclos do gado e do algodão refletidos na, ainda atual, morfologia urbana (AGUIAR JÚNIOR, 2005: 3-4)

A suposta linearidade da história da cidade é reforçada quando alguns autores – que são arquitetos – como (COSTA, 2008), fazem uma ligação entre economia e sua interferência na arquitetura. Como exemplo, cito a sistematização que Costa elaborou e dividiu em quatro fases para compreender esse período.

Primeiro com o ciclo do gado, dividido em dois momentos, temos o ciclo que, entre outros, é caracterizado pelas casas no alinhamento das ruas e pés direitos mais altos. Terminada a fase do gado no século XVIII, no século subsequente temos o ciclo comercial, também dividido em dois momentos, com edificações com reduzido número de portas e a presença do vidro. Já o ciclo do algodão, século XIX, segundo os autores, foi marcado pela construção dos sobrados, valorizados com portas, grades de ferro e pátios vistos da rua. O ecletismo e a *art nouveau* representam a quarta fase, com edifícios antigos modificados e ornamentação de várias origens.

Não concordo com a forma linear pela qual é analisada a história sobralense do ponto de vista econômico, como se vários desses momentos não estivessem coexistido – mesmo reconhecendo que as atividades produtivas de uma sociedade geram uma expansão espacial e, portanto, determinadas ocupações territoriais



Essa última *fase* traz à tona uma característica importante do tombamento no que toca à conservação. Referindo-se à conservação e modernização, Pinto esclarece:

Essa questão se insere no debate mais amplo da conservação do patrimônio edificado, que, segundo Choay (2001), possui dois aspectos ou posições gerais dissonantes: por um lado, a tendência a ampliar a proteção buscando preservar a maior parte dos bens realmente significativos, abrangendo inclusive a produção mais “recente”, dado que, como observa a autora, até a década de 1960, não ultrapassava os limites do século XIX.

De outra parte, está o ímpeto de modernização e de progresso, que busca seguir o espírito da época, e inclusive antecipar o futuro por meio de projetos arrojados, inovadores e, ainda, o desejo dos arquitetos de criar, de deixar a sua marca na história. (2009: 113)

Se o núcleo histórico de Sobral foi tombado em 12 de agosto de 1999, o movimento para tal resultado iniciou bem antes e a Prefeitura Municipal em muito se empenhou. Como iniciativa da Prefeitura, alguns dos documentos relativos ao tombamento foram produzidos por ela, como a *Identificação e Delimitação de Área para Tombamento* (feito em 1997) entregue ao Iphan, que por sua vez revisou o trabalho e produziu o *Estudo para Tombamento do Patrimônio Histórico de Sobral*, também em 1997.

Como a urbanização da margem esquerda do rio Acaraú está inserida no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral, outros movimentos geraram documentos importantes, como o *Termo de Referência* relativo às propostas de reurbanização da margem esquerda, termo que foi base para Concurso Público de Anteprojetos lançado – para todo o País – pela Prefeitura Municipal de Sobral e o Instituto dos Arquitetos do Brasil Seção Ceará (IAB-CE), cuja proposta vencedora foi a do Escritório Nelson & Campelo Arquitetos Associados (NASCIMENTO: 2008).

O livro, já citado nesse capítulo, *Sobral Patrimônio Nacional* (2000), produzido por pesquisadores da Universidade Vale do Acaraú (UVA), apesar do ano de publicação, foi um importante documento que informou o estudo feito pelo Iphan em 1997.

Em ambas as publicações fornecidas pelo município, é notória a exaltação da história de Sobral em detrimento do seu corpus arquitetônico. Como informa Freitas (2005), o então superintendente do Iphan, Romeu Duarte, afirma haver uma *sobrevalorização do histórico* na justificativa para o tombamento. E na sobrevalorização percebe-se a exaltação do passado como definidor do caráter do sobralense, sintetizada no termo *sobralidade*:

O termo “sobralidade” funciona como “designador rígido”, constante e durável, que identifica de forma genérica e imprecisa o habitante da cidade e serve para institucionalização de práticas e atitudes dos técnicos e burocratas do poder público municipal (...).

O “sobralense” lembrado nestas narrativas é o retrato de uma história que se conta com um personagem suspenso que projeta uma instância de consagração e notabilidade. (...) A “sobralidade” eternizada no “sobralense” porta-se como um discurso laudatório para justificar um louvor ao que ela representa apesar de sua imprecisão conceitual (FREITAS, 2005: 59).

Assim, esse contexto caracteriza negativamente aspectos do tombamento, como a não-elaboração do inventário das edificações realizada posteriormente ao tombamento; e o desequilíbrio entre aspectos históricos, arquitetônico e urbanístico apontado em Sobral, principalmente no que toca à descontinuidade espacial dos bens tombados. Ambos os aspectos são ressaltados pelo superintendente do Iphan, entrevistado por Freitas:

Agora, você andar na cidade que tem um bem imóvel aqui de interesse, ai tem quinze que não valem nada (...), nós estamos submetendo estas pessoas que moram nestes intervalos a uma lei que é discricionária, que é uma lei pesada, que é difícil você trabalhar contra ela.(...) O pessoal de Sobral não chia tanto por causa do poder político e da liderança política que foi muito eficaz no sentido de colocar isso na cabeça das pessoas da cidade que isso era um ponto de honra. (FREITAS, 2005: 55).

Curioso também é que em todos os documentos citados são lembradas a importância histórica e a valorização cultural do Rio, insistindo na dívida que a cidade tem com este. Tal característica não impediu que as obras de reurbanização adentrassem o leito do Rio, não diminuiu sua poluição pelos esgotos jogados em suas águas e não evitou o represamento, que concentrou a água para a formação do já citado Espelho D’água.



O canoieiro Coco cruzando o Espelho D’água e a ponte velha ao fundo (Foto: Rubens Venâncio).

Se a preocupação com o Rio era uma característica do projeto, ela acabou tornando-se uma sugestão. Ao contrário de outro ponto do projeto que versa sobre a lógica de mercado aplicado à área transformada. Assim consta no termo de referência exposto por Nascimento (2009: 338):

Esse projeto, em conjunto com uma série de outras ações públicas e privadas, requalificará o ambiente local, induzindo novos usos condizentes com a 'contemporaneidade', com a valorização de seu patrimônio histórico, garantindo também um melhor aproveitamento de seu espaço público, uma maior acessibilidade e restabelecendo uma imagem positiva para o centro da cidade de Sobral. (...) O projeto, além de propor intervenções pontuais, pretende preparar o cenário para que novos investimentos privados sejam atraídos e justificados e venham a somar na requalificação da área central da cidade de Sobral, obtendo a execução de um programa edificatório que se traduzirá em incentivo à construção de habitação (alta densidade), Centro Cultural, 'Trade Center', incentivo à construção de unidades de Hotelaria com vistas para o rio, novo terminal rodoviário com urbanização do seu espaço circundante, entre outros. (TDR Sobral: 1999, 8)

Esse tipo de intervenção urbana aproxima-se das políticas de enobrecimento no sentido de tornar o patrimônio histórico um segmento de mercado, transformando-o em áreas históricas propícias aos investimentos públicos e privados<sup>30</sup>. A inserção do patrimônio como nicho de mercado apresenta uma tendência explicada por Choay:

[a indústria patrimonial] representa hoje, de forma direta ou indireta, uma parte crescente do orçamento e da renda das nações. Para muitos estados, regiões, municípios, ela significa a sobrevivência e o futuro econômico. E é exatamente por isso que a valorização do patrimônio histórico representa um empreendimento considerável. (2001: 225)

Se entendermos que o tombamento significa a proteção de determinados espaços urbanos tendo em vista atingir a maioria da população no que toca a sua qualidade de vida, a problemática do espaço público vem à tona novamente. Dificilmente vemos uma área tombada e revitalizada que antes dessas ações já não fosse um espaço público e palco de interações de várias ordens. É como se qualquer processo de revitalização fosse resgatar algo que não existia.

Em Sobral, não só a esquerda, mas as duas margens do Rio foram palco da criatividade do indivíduo na elaboração de usos, sejam de lazer ou trabalho. Nesse contexto, o espaço criado pelas intervenções expressa apenas a intenção dos usos previstos no projeto, desprezando as sociabilidades já existentes no local.

---

<sup>30</sup> Em Sobral o turismo não foi alavancado com a urbanização, onde, na verdade, foram a Universidade Estadual Vale do Acaraú e as faculdades particulares que ajudou na vinda de mais pessoas pra a cidade.

Nestas condições, aproximo-me das assertivas de Certeau (2007) sobre o lugar praticado e de Leite (2002) ao ressaltar os contra-usos que se formam no espaço urbano:

A partir de Arendt (1987) e Habermas (1996; 1998), gostaria de sugerir que um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações *espaciais* e um conjunto de *ações*. Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente. (2002: 116)

Assim, os usos do patrimônio cultural muitas vezes desagregam sociabilidades já existentes no local, extinguindo-as por completo ou lhe impondo uma nova estrutura para construir suas vivências, possibilitando ou não a criação do *espaço antropológico* (CERTEAU: 2007).

## CAPÍTULO 3. AS TRAVESSIAS DE UM SABER: A CANOAGEM NO RIO ACARAÚ

*Depois, conversamos de coisas miúdas sem valor alheio, e eu tive uma influência para contar artes de minha vida; falar a esmo leve, me abrir em amáveis, com. (ROSA, 1995 : 160)*

### 3.1. Canoeiro “véi”: os que se foram e os aposentados



Seu Valécio (Foto: Rubens Venâncio)

Entre o tempo que iniciei a pesquisa – em 2006 – e o que estou escrevendo (julho de 2009), uma diferença fundamental: no rio Acaraú, um canoeiro a menos. Quando cheguei ao Rio, nada percebi: agora só restam duas canoas. A notícia foi dada pelo próprio. Estávamos eu, Coco e aquele que pra mim ainda era canoeiro. A última vez que tínhamos nos encontrado – não muito tempo atrás – falei com Valécio, o canoeiro que acorda às 5 da manhã para estar no Rio bem cedinho.

Lembro que nas minhas primeiras idas ao rio Acaraú, em 2006, aquele senhor alto e magro deslocando sua canoa foi uma das imagens que mais despertaram para o campo que se desvendava para mim. Hoje, mais de três anos se passaram, e esse mesmo senhor me informava em curtas e seguras palavras que não bota mais canoa: operou-se, o médico o proibiu – isso não é novidade – e ele já vendeu a canoa.

Na mesma hora, na mesma travessia, ele mais o Coco conversaram sobre as últimas chuvas; ele de saída, ia cortar o cabelo e marcamos de conversar amanhã. (Diário de campo, 27 de junho de 2009)

Neste tópico, tratarei de aspectos importantes sobre o ofício de canoeiro, como alguns traços de sua história em Sobral, os antigos canoeiros, os feitores de canoa – que assim como seu Valécio, estão se extinguindo.

Quando narra, seu Valécio não lembra de qualquer lugar, mas de um lugar ocupado apenas por ele: do único homem a chegar aos 80 anos ainda canoeiro. Pode parecer arriscado redigir tal informação, mas se minha principal fonte são os testemunhos orais dos canoeiros, eles informam que ninguém passou mais tempo e, até essa idade, todos os vivos, na ativa e aposentados me confirmaram. *Só tem eu pra contar história!* (Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009).

*E não vou procurar a morte, ela é quem venha atrás de mim. Eu não tenho medo de morrer, espero todo dia por ela.* (Entrevista realizada com Valécio em 11 de fevereiro de 2008). Parar de trabalhar sempre foi algo que rondava a vida de seu Valécio, seja pelas exigências médicas ou insistência da família. Ao mesmo tempo, ele não queria parar de trabalhar. Escutei repetidas vezes ele afirmar que, se parasse, ficaria *entrevado*.

Como que antecipando sua aposentadoria ele evocava o tema da morte, gratuitamente, parecendo algo que o estava rondando. Em 2008, traduziu-me seu sentimento em torno da morte e este ano – 2009, agora aposentado da canoa –, ela invadiu seus pensamentos e os meus. Nesse momento, conversávamos à beira-rio sem a presença do gravador – depois da travessia que fazia todo dia, agora só ajudando a remar – e os trechos que seguem são da primeira conversa que tive com ele logo após saber que tinha parado as atividades:

“Rapaz, cê sabe de uma coisa? Eu quase não batia foto quando era mais novo. Só pra identidade. Só depois de botar canoa é que vim fazer”, falou-me espontaneamente e rindo, no momento em que entreguei fotos suas - feitas por mim na última viagem.

“(…) Eu vou tirar uma foto bem feita, todo arrumado pra deixar pra quando eu morrer”. Fiquei admirado por duas coisas: pelo próprio desejo e por esse comentário ter saído inusitadamente, sem a menor intenção da minha parte. Estávamos até falando de outros assuntos enquanto eu mostrava fotos antigas. Ele disse que ia se arrumar todo e ir ao Centro bater esta foto para a posteridade. Ele aceitou quando perguntado se eu poderia fazer essa foto. (Diário de campo, 28 de junho de 2009)

Com o tema da morte, seu Valécio me propiciou falar dos canoeiros antigos, que se foram, mas estão inscritos na memória da canoagem no rio Acaraú.

**Rubens** – Mas seu Valécio, por que o senhor acha que foi só o senhor que foi até os 80 anos? Por que outros não foram?

**Valécio** – Porque não queriam mesmo. Uns morreram logo, né? O Chico Preto morreu novo, esse negão<sup>31</sup>; aqui morreu eu acho que ele não tinha 50 ano. Ferro Vêi era um homem que morreu com 30 e poucos anos, da bebida. O Paquim morreu com uns 50 anos, morreu também da bebida. O Chico Cafage era um canoeiro indo e voltando, morreu com uns 30 ano, era um grande canoeiro. Chico Dutra era canoeiro e morreu também. E assim por tanto.

Olha, é tanto que, dos canoeiro véi mesmo, de antigamente, só tem eu mesmo. O resto morreram tudim. Só tem eu contando a história! Mas o resto acabou-se tudim. O derradeiro que tinha era o Chico Gavião. Morreu. Era o Chico Gavião lá em cima e eu aqui embaixo. Era o mais velho. Eu vim botar a canoa com 15 anos de idade. (Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009)



Seu Valécio identifica Chico Preto como este que segura a vara, à direita, durante a cheia do rio Acaraú em 1974 (Foto: Arquivo Nirez).

---

<sup>31</sup> Canoeiro que foi identificado na foto abaixo.

A quantidade de canoeiros apresentados nessa pesquisa é fruto direto da lembrança. Os que estão citados ao longo do texto e no apêndice foram colhidos durante as entrevistas e a grande maioria é identificada pelo apelido ou primeiro nome – os próprios canoeiros que citam outros pelos apelidos não os reconhecem pelo nome de batismo.

Ao mesmo tempo, essa profusão de apelidos não diminui a credibilidade da existência deles, tendo em vista a regularidade com que aparecem nas narrativas de vários canoeiros – de seu Chico Gavião a Chiquim. *Eram muitos...Tonhão, Cafage, Cabôco, Dutra, era um bocado, morreu tudo, num tem ninguém. O Pedro morreu, Tonhão foi-se embora. Agora me disseram que tem três canoa no Rio* (Entrevista realizada com Chico Gavião em 13 de fevereiro de 2008).

É difícil precisar o número exato, porque o registro oscila entre a lembrança e o esquecimento da memória dos canoeiros; informações como essas não existem em outro local, tendo que perguntar a todos os canoeiros a que tive acesso, como Ivan, que lembra empolgado: *Eram 11 canoeiros, os conhecido mesmo, os daqui, é o Coco, o Valécio, Fernandes, Chico Preto, Mestre Dé, o Quinca, Chico Dutra, Cafage, Mauro, Chaga, tinha o Cabôco e o Furtuoso* (Entrevista realizada com Ivan em 22 de janeiro de 2008).

Quando Ivan fala *os daqui* é uma referência ao trecho do rio em que trabalhou com a maioria dos outros canoeiros. Tinha o trecho conhecido como *Gavião* e outro chamado *Marreca*, onde trabalhavam outros canoeiros fazendo rotas distintas, que também estão citados no trabalho e que fazem parte desse mapeamento da canoagem no rio Acaraú – volto mais adiante ao assunto quando falar das rotas das canoas no próximo capítulo.

Numa época em que as estradas eram poucas e os rios eram a principal alternativa, não é difícil imaginar a presença de homens que trabalhavam nessas ribeiras se encarregando do transporte por essas rodagens de água: canoeiros, balseiros e outros profissionais que faziam o trabalho de atravessador, fosse de mercadoria ou de gente, fosse de uma margem à outra ou seguindo o percurso do rio. Assim raciocinei com Coco, no meio da travessia:

**Rubens** – Se for juntar, por exemplo, o tempo do seu Gavião, com o do pai, e com o do avô, dá mais de 100 anos de canoa aqui em Sobral?

**Coco** – Dá quase 200. Tá com 20 anos que ele parou

**Rubens** – Ele tem mais de 90.

**Coco** – 90 menos vinte anos? O pai dele durou o mesmo tanto. E o avô dele? Dá mais de 200 anos.



**Rubens** – Tu acha que chega a 200?

**Coco** – Chega! Só aí deu 200.

(Entrevista realizada com Coco em 11 de maio de 2008)



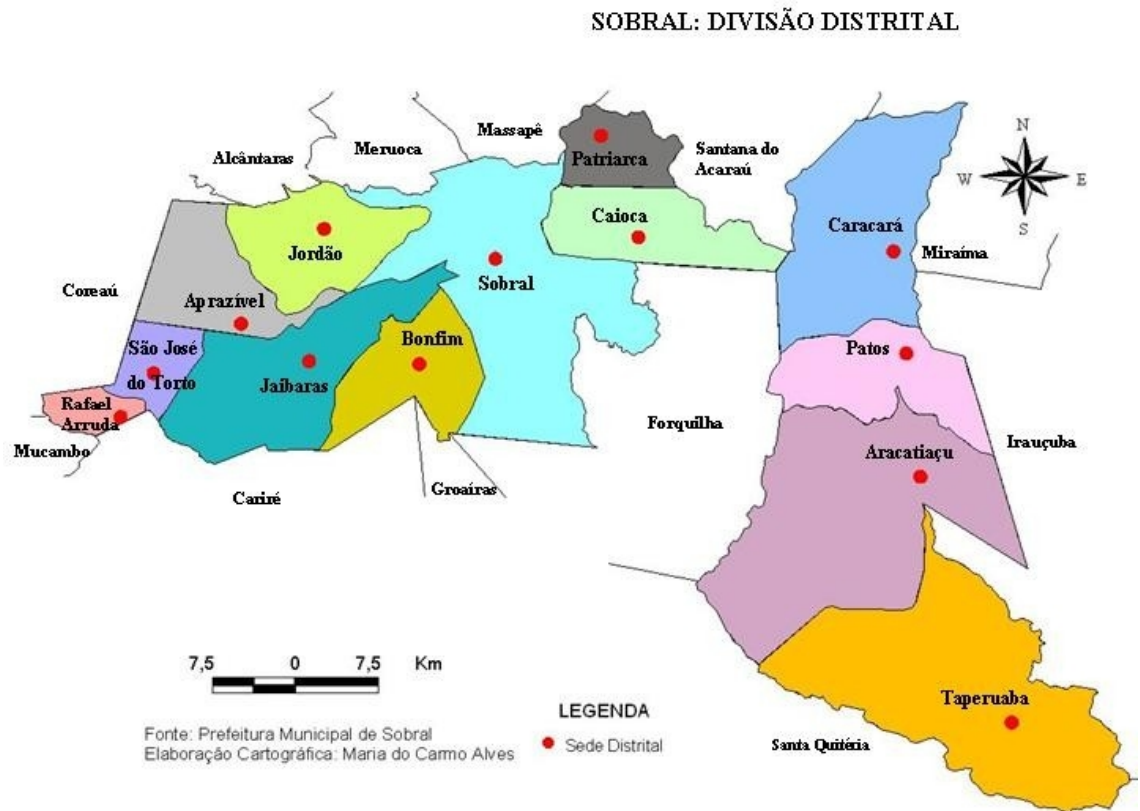
O canoeiro Coco, chegando à margem direita (Foto: Rubens Venâncio)

À altura de seus 95 anos incompletos, seu Chico Gavião recorda:

Aí as canoas...eu trabalhei muito lá embaixo, muito. Novo, com 16 anos, 17 ano eu trabalhava lá embaixo. Eu casei com 17 anos, vim pra casa, pegava a canoa, trabalhei num sei quantos anos. Eu tô é com saudade de canoa. O Valécio é antigo, mas é mais novo que eu, eu sou mais véi, canoeiro mais véi. Eu acho que não tem nenhum canoeiro com a minha idade por aí. (Entrevista realizada com Chico Gavião em 13 de fevereiro de 2008)

Considerando o tempo de seu Chico Gavião e de seu pai e avô – que, segundo ele, foram canoieiros – podemos chegar a 200 anos. Ao mesmo tempo relativizo este dado pelos seguintes motivos: esse tempo diz respeito aos canoieiros que trabalharam entre as margens do Rio, em mais de um trecho. E, como considerei no primeiro momento, pela dificuldade das estradas na época em que o Ceará ainda era colônia, é possível imaginar que a necessidade do transporte criasse a figura do atravessador. Assim, essa informação é válida para situar no tempo a memória dos canoieiros com quem trabalho.

### 3.2. Rio abaixo: quando as estradas eram poucas



Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral

Além da travessia entre as margens, os canoieiros são conhecidos no rio Acaraú pela travessia rio abaixo, em direção a outras cidades. A principal delas é Santana do Acaraú, situada a 35 quilômetros<sup>32</sup> de Sobral.

Antes de construírem a estrada para Santana, segundo os canoieiros, existia uma pista carroçável que ligava Sobral a Santana, de tráfego difícil e que ficava intransitável durante o período de chuvas. Restavam as rodagens de água.

Mas o Rio hoje não é a mesma coisa. O rio era uma maravilha, fazia gosto. E no verão, as vazante tudo cheia de feijão. Feijão, maxixe, batata, era uma riqueza esse Rio, daqui até lá Santana.

<sup>32</sup> Fonte: [www.abcr.org.br](http://www.abcr.org.br).

Antigamente quando não tinha essa estrada que fizeram agora pra Santana, essas mercadorias iam tudo era nas canoa. Eu cansei de ir duas vezes por semana, com a canoa cheia de bagui. Era farinha, era arroz, era açúcar, só não levava milho nem feijão porque lá tinha muito, mas os outros cereais tudo ia daqui pra lá. (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Mercadorias e pessoas seguiam rio abaixo. Com elas várias histórias.

**Mestre Dé** - Porque eu fui muito lá deixar comida pro povo, não tinha rodagem - daqui pra Santana é sete légua por água. A gente ia deixar a canoa cheia de mercadoria: ia o feijão, ia a farinha, ia a rapadura, ia o cigarro, ia a massa de trigo, ia tudo dentro da canoa. Minha canoa pegava 1.600 quilo. Tinha canoa que pagava 800, tinha canoa que pegava 1.000 quilo. Era muito, mas ninguém botava mais. Se botasse mais era perigo.

**Rubens** - Essa época que o senhor levava mercadorias pra Santana era só época de enchentes?

**Mestre Dé** - É, só no inverno. Porque não tinha rodagem ainda, hoje tem pra Santana.

**Rubens** - Quem fazia mais esse serviço com o senhor, o senhor lembra?

**Mestre Dé** - Eu tinha dois rapaz que trabalhava comigo. Era gente de responsabilidade. Porque eu sei andar num negócio desse, eu sei a responsabilidade. Fui deixar em casa, numa padaria em Santana, o dono da viagem queria que eu botasse mais duas pessoas. Eu digo:

- Entre aqui, entre aqui.

- Nós somos de Massapé e queria ir ao meno dois.

- Não cabe nenhum. O pessoal que vai, já dá pra carga. Sua carga é muito pesada, daqui pra lá é muito perigoso, tem muita correnteza forte, ouviu? Tem muita pedra. A gente tem que desviar de tudo, porque se bater numa pedra e a canoa soltar uma estopa ela afunda, se ela afunda perde sua mercadoria todinha. (Entrevista realizada com Mestre Dé em 5 de maio de 2008)



Dona Graça segurando o búzio que era de seu Chagas (Foto: Rubens Venâncio)

Numa invasão permitida à sua casa, dona Graça abre o armário da memória e revela um passado que lhe dá saudade:

Era, só ele que descia<sup>33</sup>. Ainda tem a história de um búzio, tá bom de bater um retrato daquele búzio. Um búzio que ele apitava quando ia chegando dentro de casa, quando ele chegava perto da Santana ele apitava o búzio, e o pessoal ficava na beira d'água esperando. Quando ele chegava a uma certa distância, ele apitava no búzio e a gente sabia que ele já vinha chegando da Santana, pelas águas.

Quando ele ia chegar na Santana ele já apitava dando sinal que ia chegando pro pessoal de lá, né? E quando chegava aqui, apitava pra nós saber que ele já vinha chegando. Esse búzio tá guardado ali, é das antigas o búzio dele. (Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

Se a memória é permeada de imaginação, subjetividade, também é por algumas concretudes, com fatos razoavelmente comprovados (PORTELLI, 1997) e objetos - objetos da

---

<sup>33</sup> Dona Graça não lembra dos outros canoieiros que iam pra Santana do Acaraú.

memória: *Tal como nossos documentos e objetos 'históricos', eles dão existência física à história, encarna a qualidade íntima do acontecimento, põe a quem os consultam em contato com a pura historicidade* (CASTRO, 2008:20)

Ao sabor das lembranças, dona Graça continua, entre Santana e o búzio:

**Rubens** – A senhora acompanhava o seu Chagas alguma vez?

**Dona Graça** – Não, gostava não. Eu tinha medo de andar de canoa.

**Rubens** – Mas já chegou a andar com ele?

**Dona Graça** – Andei já, remando. Mas eu tinha medo, era medrosa.

**Rubens** – E quando ele ia pra Santana?

**Dona Graça** – Eu ficava. Ele falava com o pessoal, ia 4 mais ele. Era 4 remador e ele na proa da canoa remando também pra chegar na Santana. Ele saía daqui às 5 hora da manhã e dizia que chegava 8 hora da noite lá, o dia todim.

O rapaz comprava a canoa, botava ele pra dormir e quando era de manhãzinha o Chaga já vinha voltando de noite, chegava aqui á mesma hora, 8 hora da noite. Nós tava tudo na beira d'água quando ele abuzinava no búzio. *Lá vem teu pai, bora tudim pra beira da água.* Ai ele vinha, e demora a chegar e ele abuzinando e os menino tudo chorando (risos – grifo meu). Eles ficavam tão alegre com a chegada do Chaga, que ficavam tudo chorando: *Lá vem o pai, mãe.* (Entrevista realizada com dona Graça em 30 de junho de 2009)

Não saindo dessa canoa rumo à Santana, dona Graça explicita alguns momentos da trajetória de seu Chagas – e da sua própria:



Dona Graça segurando o retrato de Seu Chagas (Foto: Rubens Venâncio)

**Dona Graça** - Ele levava a canoa por dentro d'água pra entregar e levava a outra, a dele, pra vir de lá pra cá, porque ele tinha que trazer caverna. Porque lá ele dizia pro homi que encomendava as caverna, que é fácil de encomendar. Ia duas canoa, ia uma com umas carrada de farinha, arroz, coisa de bodega que comprava aqui em Sobral e botava dentro das canoa porque os carro não passava por causa das entrada tudo alagada. Era assim que ele fazia.

**Rubens** - Mas exigia força pra voltar contra o curso do rio?

**Dona Graça** - Era força. Mas os homi que ele levava tudo era de força. Ele levava um litro de cachaça pra eles ir tomando e ficava mais quente o couro da testa pra remar.

Era um tempo bom!

(Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

Os outros canoeiros não faziam menção ao período específico que desciam pra Santana, sendo uma particularidade do discurso de dona Graça, que vai de encontro ao de seu filho Bubu. Em relação ao transporte de volta, ele afirma:

**Rubens** – O seu Chagas colocava vocês na canoa quando eram meninos?

**Bubu** – Botava. Menino véi. Botava eu, Roberto, botava meus sobrinhos. Nós ia deixar ele remando.

**Rubens** – Não era perigoso para Santana?

**Bubu** – Era não. Ele já sabia o caminho. Chegava lá, nós parava, ele levava carne, levava farinha, levava a bebida dele pra ele beber. Nós assava a carne, pronto! Nós desabava de novo. Chegava lá o prefeito dava o salário e nós ia de ônibus.  
(Entrevista realizada com Bubu em 29 de junho de 2009)

Fico dividido entre as duas hipóteses relativas ao retorno a Sobral: vejo que a primeira é mais provável quando os relatos dos outros canoeiros e mesmo o dos filhos de seu Chagas o apontavam como um excelente vendedor de canoa, fazendo com que a entrega da canoa vendida justificasse o deslocamento. E, lembrando que o transporte de pessoas e mercadorias era comum, nem toda viagem teria um comprador garantido, ainda mais quando seu Chagas só mandava fazer canoa sob encomenda.

Ao envolver a lembrança de vários personagens sobre um acontecimento, vejo as possibilidades de entendimento se afastando de qualquer ideia de totalidade que as trajetórias de vida podem traduzir: *Biografias, histórias de vida, entrevista de história oral, documentos pessoais, enfim, mostram o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar evidentemente, todas as possibilidades sociais* (ALBERTI, 2004: 23).



Quando perguntei sobre o período em que seu Chagas ia para Santana, Bubu revelou-me outros trabalhos que o pai e ele faziam, agora, serviços prestados ao município:

Só no período quando a gente vendia canoa ou quando nós ia atrás de algum defunto que morria afogado e o prefeito mandava ir atrás; que a prefeitura pagava pra gente ir atrás de defunto. Era o tempo do Joaquim Barreto<sup>34</sup>. Ele alugava canoa e mandava neguim ir atrás de defunto que morria afogado nesse rio. (Entrevista realizada com Bubu em 29 de maio de 2009)



Bubu parado na margem direita, esperando o canoeiro da noite, Roberto (Foto: Rubens Venâncio).

### 3.3 A memória e a *imaginação fotográfica*

Entre o real e a imagem sempre se interpõe uma série infinita de outras imagens, invisíveis porem operantes. (ROUILLÉ, 2009: 19)

Quando Pollak (1989) fala que os objetos materiais são rastros do *trabalho de enquadramento* da memória, é criada uma relação entre a fotografia a partir das lembranças de dona Graça, seu Cocia, Coco, seu Valécio e Roberto.

---

<sup>34</sup> Prefeito de Sobral entre 1983 e 1988 (fonte: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Enquanto eu explicava minha pesquisa, antes de começar a entrevista, dona Graça pegou o retrato de seu Chagas e começou a falar antes mesmo de ser interpelada pela primeira pergunta, como se aquele retrato a ajudasse a recordar.

Provavelmente, quando seu Chagas foi fotografado no passado, não se imaginava que aquela foto ajudaria, no futuro, a lembrar histórias do Rio ou dos canoeiros - um objeto que parece estar vivo ao detonar as lembranças de dona Graça, longe da ideia de algo congelado, estado normalmente atribuído à fotografia. *Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais* (MARTINS, 2008: 65). Assim, *revelando a dimensão sociológica e antropológica do que foi fotografado* (MARTINS, 2008: 65).

Ao conversar com Roberto sobre as exposições<sup>35</sup> das fotografias que fiz dos canoeiros, ele se admirou pelos locais por onde suas imagens tinham passado e contou o inusitado destino de uma fotografia de seu Chagas: uma foto batida pouco tempo antes de sua morte e que a cada aniversário seus filhos a levam ao cemitério.

Mais uma vez, esta significação para a família foi elaborada depois da captura da imagem. São sentidos atribuídos pela vivência, de quem não participou do ato fotográfico, nem fotografou e nem foi fotografado. Usos e sentidos que apontam para o fato de que a comunicação estabelecida pela fotografia não passa apenas pela produção, mas pela recepção da imagem. Vejo nos sentidos aqui evocados uma aproximação com a imagem-ato, pensada por Dubois (1993: 15): (...) *Com a fotografia não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. (...) A fotografia, em suma, como inseparável de toda enunciação, como experiência da imagem.*

Na mesma época Roberto me pediu uma foto dele na canoa para mostrar aos amigos do trabalho que se admiram com o trabalho na canoa ou simplesmente não acreditam.

Coco, um dos canoeiros mais antigos de Sobral, observa atentamente várias fotos. Entre elas, a sua. Enquanto o passageiro não solicita uma travessia, seu olhar continua a percorrer as imagens que têm seu cenário de trabalho como tema. Ele olha como se fosse algo

---

<sup>35</sup> O ensaio sobre os canoeiros já foi exposto na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia (26º RBA / Porto Seguro, 2008); no 13º CISO e II AVAL (Maceió, 2007); no Encontro Regional dos Estudantes de Ciências Sociais (ERECS / Fortaleza, 2007); e no II Encontro de Ciências Sociais do Estado do Ceará (Sobral, 2007).



novo, ou ainda, diferente do que está a ver todo dia, indo e vindo em sua canoa. Novo não é, pois aquele cenário é palco de sua vida há décadas. Diferente? Na medida em que o passar do tempo muda algumas coisas.



Roberto embarcando passageiros na margem esquerda. Ao fundo, está o atracadouro, boiando após ser retirado do seu lugar pela força das águas da enchente desse ano de 2009 (Foto: Rubens Venâncio).



Coco na margem esquerda, observando-se nas fotos (Foto: Rubens Venâncio).

O que lhe causa curiosidade não é o espaço em si, familiar. É a maneira como estão dispostas formas, cores – ou a ausência delas –, ângulos diferentes, texturas ou um detalhe que lhe passa despercebido. Enfim, um cotidiano visto pelo relevo da fotografia e que se apresenta para Cocio interpretado pela linguagem fotográfica. Tema provavelmente estranho a seus saberes, mas que consegue a atenção do seu olhar e fazer com que ele perceba de outra forma o ambiente do seu dia-a-dia, mesmo que por alguns instantes.

Pois, se a fotografia é a “conquista fundamental de uma sociedade onde a experiência declina”, isto é, uma sociedade submetida ao choque e ao mesmo tempo indiferente dos ritmos industriais, uma sociedade, portanto, que se torna cada vez mais instantânea, a recuperação dessa experiência – como experiência do tempo – só pode se dar em um instante particular, destacado de uma série supostamente homogênea, e no qual toda temporalidade está subitamente implicada. (LISSOVSKY, 1998: 25).

Ao ser avisado pela esposa do Bubu da minha presença e do meu interesse, a caixa com velhas fotografias de seu Cocio virou logo personagem. Quando disse que buscava informações antigas de Sobral e sobre os canoieiros, ele pediu licença e voltou com uma caixa preta. Sentado ao meu lado, seu Cocio balbucia poucas palavras e logo começa a remexer a sua história visual de Sobral (uma história que cabe numa caixa) e, à medida que vai encontrando algo, tece algum comentário – aquelas imagens captadas ao acaso constroem a tessitura da narrativa, me falando o que consta na foto e/ou o que cada imagem sugere; e o que pergunto está em segundo plano, figurante em meio aos fotogramas da memória daquele arquivista.

Homem que é conhecido pelas fotos que guarda e histórias que conta, seu Cocio também é vítima dos descasos daqueles que não valorizam sua condição de colecionador. *Vendo por cinco reais* (Entrevista realizada com Cocio em 29 de maio de 2009), destacando sua condição de colecionador e, ao mesmo tempo, esclarecendo que pouco vale uma fotografia antiga: *ninguém dá mais do que isso*. Vários lhe procuram em busca de uma imagem para pôr em casa, exibir em estabelecimentos comerciais (como no Café Jaibaras – localizado no Beco do Cotovelo, movimentado corredor do Centro de Sobral - que exibe fotografias antigas do time de futebol Guarani de Sobral em suas paredes) e mal fazem referência a quem forneceu a imagem.

Entretido e admirado pela narrativa peculiar de seu Cocio, passo a ver fotografias da década de 40 e 50 do Guarani de Sobral, e algumas dos canoieiros que aparecem aqui e acolá, segundo a ordem assimétrica das lembranças e das minhas perguntas, que cada vez mais ficam desnecessárias e se diluem diante as fotos saídas da caixa.

Seu Cocio é um daqueles arquivistas que muitos solicitam e que não possui ajuda alguma na organização do arquivo. Muito menos na devolução de fotos cedidas para reprodução que, não raro, não lhe são devolvidas. Ao dizer que daria minhas fotos reproduzidas de Sobral, seu Cocio agradeceu e disse que receberia com muito gosto, inclusive para trocar por outras.

Seu Valécio, ao ver uma foto feita durante a pesquisa na qual, ao fundo, aparecia a moderna biblioteca (Biblioteca Municipal Lustosa da Costa), disse que ali funcionava a antiga fábrica de algodão onde trabalhou durante o período em que o rio Acaraú secava.

Ao ver outra foto, esta da década de 20 (mais precisamente uma imagem onde figura a grande cheia do rio Acaraú de 1924), descreveu-me como era trabalhar em épocas de enchentes, quando canoas chegavam a trafegar pelo Centro da cidade. Mesmo que seu Valécio ainda não tivesse nascido naquela época, a foto solicitou sua memória, relatando, por exemplo, que seu tio trabalhou naquela enchente e lhe narrava as muitas dificuldades de trabalhar em épocas assim. *Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizadas como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados* (NOVAES, 2005: 110).

Esses momentos – ou essas fotografias – são apenas algumas numa série de investidas no sentido de lidar com a fotografia durante o trabalho de campo e na própria produção do conhecimento. Muito dos sentidos revelados por elas não surgiram à primeira vista, nem ao intelecto (*punctum*) nem ao afeto (*studium*) - numa distinção de Barthes (1984), esclarecida por Samain:

Trata-se da distinção entre a fotografia enquanto algo que se apresenta ao meu intelecto como campo e objeto de estudo, como terreno de um saber e de uma cultura que posso compreender, desvendar e enunciar nos moldes da ciência (o óbvio da fotografia) e, por outro lado, a fotografia enquanto algo que se oferece ao meu afeto como um detalhe que me transpassa existencialmente, me fere, me comove ou me anima, como um silêncio que me fascina e me perturba ao mesmo tempo (o obtuso da fotografia). (SAMAIN, 2001: 1).

São momentos captados que ajudam a interpretar e a melhor observar o campo de pesquisa, não pelo reflexo direto da realidade, já que *o verossímil não é necessariamente o verdadeiro e, certamente, não é o concreto, embora seja o real* (MARTINS, 2008: 64). Mas pelo que essa fotografias sugerem, pelo que os pesquisados e pesquisadores imaginam, num movimento que vai da *imaginação sociológica* à *imaginação fotográfica*:

Por seu lado, ao fotografar, o fotógrafo imagina. Também o sociólogo e o antropólogo, ao fotografar, *imaginam*, do mesmo modo que imaginam quando fazem suas outras formas de registro, mesmo que se possa e até se deva pensar numa *imaginação fotográfica* (ou numa imaginação sociológica, como propõe C. Wright Mills) (MARTINS, 2008:64)

### 3.4 Com quantas memórias se faz uma canoa: os feitores

*A recordação é sempre uma cadeira de balanço embalando sozinha.*  
(QUINTANA, 1989: 81)



(Foto: Rubens Venâncio)

A foto acima foi tirada do quartinho na casa de seu Chagas onde ficavam restos de madeira e suas ferramentas. Ela me faz lembrar de Roberto e outros canoeiros que afirmam que seu Chagas chegou a construir canoa, além de botá-la no Rio e comercializá-la em outras cidades. Como eles dizem, ser um *feitor de canoa*. Por da continuidade ao totem, Roberto é citado por dona Graça.

Pra mim, assim, eu tenho na minha mente, já contei pro Roberto, é porque naquela Grendene o serviço é muito puxado, mas o Roberto disse que se atrevia a fazer uma canoa.

Ele se atrevia. Logo que tem todas as ferramentas, o Chagas deixou tudim, toda ferramenta ele tem: besouro, aquela máquina de cortar tauba, tudo é ligado na energia. Tem uma serra que, tacou na tauba, vai tudo pro ar.

Ele não para porque não deixa essa daí ficar velhinha, ele ta todo tempo renovando. Apareceu uma tauba ruim ele bota uma nova, troca a velha, a ruim, e bota duas, três caverna. Ele agora trocou 6 caverna dessa canoinha veia. Antes de encher, parou as canoa e disse: *Roberto, bota essa canoa pra casa e vai reformando ela. “Não, mãe, eu mesmo vou mandar não. Eu mesmo vou fazer”.* Pois vamo ver se tu faz. Fez mermo!

(...)

Roberto é empolgado em tudo. Tô dizendo que ele virou até carpinteiro, meu filho. Pra gente não tá mais pagando o serviço de uma canoa. Uma diária era 30 reais. O meu primo ainda faz por 20, que ainda era pra mim. Ele agora reformou a canoa todinha. Todo mundo ficou admirando, botou a canoa de frente. Ele agora é mecânico da *Grendene* e carpinteiro da canoa (risos – grifo meu).

Ele é empolgado, meu filho, o negócio dele é me ajudar! Os outro já é tudo diferente, e o negócio dele é me ajudar. O negócio é que ele tem os compromisso dele, mas ele ajuda mesmo. Tudim eu tenho meus filho bom, mas ele cativa mais.

(Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

Na atualidade, Roberto ensaia o trabalho de feitor. Mas antes havia famílias que se dedicavam a isso: a família Romão e a do Mestre Bidoi.<sup>36</sup> Eram carpinteiros que faziam móveis e artefatos de madeira e, segundo as informações dos canoeiros, se especializaram em canoas, sendo lembrados como os únicos as faziam.



Canoas no rio Acaraú, em Sobral (Foto: Rubens Venâncio)

<sup>36</sup> Os canoeiros não souberam informar o nome ou sobrenome do Mestre Bidoi.

João Romão era o patriarca, tendo Neném, Gerardo e Chiquim completando a família de feitores: *Eram três filhos e o “vêi”. Tudo era caba pra fazer a canoa, indo e voltando!* (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008). Já seu Bidoi se dedicou mais à canoa que seu filho Emanuel, apesar deste ser conhecido pelas habilidades em carpintaria. A família Romão é lembrada como mais antiga do que a de Mestre Bidoi, que morreu há poucos anos e as canoas que ainda estão no Rio foram feitas por ele.

Seguindo a trajetória dos feitores, é possível inventariar as rotas das cidades que tanto mandaram canoas para Sobral, como a origem dos feitores.

**Mestre Dé** - Eles aqui começaram a botar canoa, mas a canoa vinha sabe de onde? De Camocim.

**Rubens** – Não tinha ninguém que fizesse por aqui?

**Mestre Dé** – Tinha não e depois apareceu, João Romano. Eles eram lá de Santana. Vieram pra Sobral, aí pronto. Vieram morar aqui do outro lado do Rio. Eram marceneiro, em marcenaria eles eram primeiro lugar. Os filho de João Romano, tinha um que nois chamava ele de velhinho, ele fazia uma canoa muito grande. Ele só botava a estopa do meio da canoa pra cá, podia encher ela que nela não entrava um pingo d’água. Era a estopa e a piche.

**Rubens** – Quer dizer que eles vinham todos de Camocim?

**Mestre Dé** – No começo, né? Mas depois aqui no Forquilha começaram a fazer também, uma família chamada de Pambolim. Mas Camocim era mais bem feito, era canoa! Embarcada no trem, pra cá pra Sobral, né? Naquele tempo tinha o trem.

**Rubens** – Como é nome dessa família da Forquilha que fazia canoa?

**Mestre Dé** – Pambolim. Ainda hoje eles chegam por lá, a família é grande. São bicho trabalhador. Tem sapateiro, tem canoeiro, tem tudo, eles são metido a tudo, cortador de cabelo. Eles são danado, é uma família grande! (Entrevista realizada com Mestre Dé em 5 de maio de 2008)

Sobre Camocim, seu Valécio contradiz Mestre Dé, dizendo que estas canoas já eram feitas em Sobral:

**Rubens** – E antes desse pessoal que fazia canoa aqui em Sobral, elas vinham de onde?

**Valécio** – Rapaz, a canoa vinha de Camocim, mas veio só uma canoa. Foi o Manel que trouxe, foi comprar lá. Mas aqui já tinha quem fizesse. Mas como ele andou em Camocim e achou essa canoa bem feita aí comprou uma canoa. Era beicuda demais a canoa. Também, o cedro é um bicho muito maneiro. A bicha andava parece que não andava nem encostando dentro d’água. (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)



O *pau-branco* e a *imburana* são as madeiras utilizadas na feitura das canoas<sup>37</sup> desde o tempo dos Romão. Mas elas têm especificidades que as diferenciam:

**Rubens** – O senhor já teve uma canoa de cedro?

**Seu Valécio** – Não. Tudo aqui é pau branco.

**Seu Valécio** - Agora a madeira que é de dentro é que não tem resistência, né? Mas essa madeira mole, quando ela se molha, tem uma resistência monstra. Eu botei ela na popa da minha canoa, passou uns 15 anos ou mais, agora foi que eu mudei ela, que é de imburana. A popa e a proa é de imburana. O resto todo é pau branco

**Rubens** – Pra mim, era tudo pau branco.

**Seu Valécio** – Mas é porque pra popa de canoa e proa só assenta imburana, porque é um pau mole e prega bem. E tem outra resistência, né? (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Apesar da destreza no manuseio da madeira, também de erros e momentos jocosos é feita a história dos feitores. Conhecida como *pança*, essa canoa foi alvo de risadas e motivo de lembrança.

**Rubens** – Mestre Dé, essas canoas em que vocês iam para Santana levando mercadorias, elas são maiores do que as outras?

**Mestre Dé** – Não, do mesmo tamanho dessas que tão aí. Tinha até canoa mais pequena. Tinha uma canoa aqui que chamava *pança* (risos - grifo meu). O cara não sabia fazer canoa e fez. Fez uma, a bicha saiu com a barriga maior do mundo. Nois começamo a chamar a canoa de *pança*, *pança*. O dono da canoa ficava puto! Ô meu Deus do céu! Ô bicho doido é gente! (Entrevista realizada com Mestre Dé em 5 de maio de 2008)



Remonte de canoa sendo feito debaixo da ponte nova (Foto: Rubens Venâncio).

<sup>37</sup> Segundo os canoieiros as suas canoas são diferentes das dos pescadores, chamadas de *canoas pra pescada*.

Seu Valécio, ao lembrar, diverte-se também:

Porque tinha um rapaz que se metia a fazer, ele era inteligente, mas toda canoa que ele fazia, saía errado; quando não, saía torta. Ele mesmo dizia: *Rapaz, eu não sou tão ruim, que eu sei. E eu vou fazer uma canoa dessa e nunca sai como a do Bidoi.*

(Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Tábuas, cavernas, piche, estopamento, remonte. São palavras e momentos da feitura da canoa. Os canoeiros dizem que não se manda mais fazer canoa devido ao custo, que pode chegar a mil reais – um valor elevado para eles.

Quando a canoa está com problemas mais sérios, como grandes vazamentos, é feito um remonte: que pode ser a troca de algumas tábuas do corpo da canoa; a troca da estopa<sup>38</sup> velha pela nova que é colocada entre as tábuas de madeira (o chamado estopamento); após o estopamento o piche (o mesmo utilizado no asfalto) é passado embaixo da canoa, como se fosse um verniz. Os remontes variam de caso para caso, e os que precisam fazer poucos ajustes são conhecidos como remontes simples.



Bubu estopando a canoa (Foto: Rubens Venâncio).

---

<sup>38</sup> O material usado como estopa são sacos de pano ou a estopa usada em oficinas mecânicas.



Roberto, pelo menos uma vez ao ano – durante suas férias da fábrica – faz o remonte em sua canoa e ainda presta serviço quando solicitado. O último remonte da canoa de Valécio antes de ser vendida foi feito por ele. Mesmo com os consertos, é da rotina do canoeiro tirar a água que entra na canoa pelas frestas e quase todo dia estopar os locais com maiores vazamentos.



Bubú – à esquerda – e Roberto estopando a canoa (Foto: Rubens Venâncio).

Entre os objetos que fazem parte da canoa estão: a vara usada para tirar a canoa da ribeira; dois ou três remos que os passantes usam pra ajudar; estopa e faca para colocá-la. E pertences que surgem ao gosto do canoeiro: uma garrafa cortada pra jogar as moedas; garrafa de café; um pedaço de papelão para sentar em cima pra evitar a queimadura da madeira ou mesmo se proteger do sol.

Eles guardam garrafas de água congelada entre a vegetação alta da margem direita ou então nas casas, à ribeira, de algum conhecido. É nela que eles param pra descansar embaixo de curta sombra formada pelos arbustos de uma pequena árvore e tomar tão necessários goles d'água, entre uma prosa e outra.

Na canoagem, o saber dos feitores está se extinguindo porque não há mais demanda de canoa, e não tem mais carpinteiro especializado. Restam Zé Tatim e Roberto, os únicos a se atreverem, como diz dona Graça. Lácio dá o último diagnóstico:

**Rubens** – Porque me disseram que os feitores daqui (que eram os Romão e o Bidoi) morreram. Então, só tem em Forquilha.

**Lácio** – Um que morreu agora, que fazia, que era dono das canoa. Quem tá se metendo agora é o “fi” dele, o Roberto. Ajeitou até aquela ali, tava parada, ele meteu as cara e fez.

**Rubens** – Filho de quem?

**Lácio** – Do Chagão. Tatim é meu tio. Meu tio é que faz a canoa mesmo, o Roberto bota uma taubinha, bota duas, um retoque, né?

**Rubens** – Ele bota canoa para fora, ou só aqui para Sobral?

**Lácio** – Só aqui mesmo. Se fazer o pedido ele faz na hora, marceneiro mesmo, com todas as ferramentas.

(Entrevista realiza com Lácio em 27 de junho de 2009)

### **3.5 *Trabalhar por conta: ser dono de canoa e os horários de trabalho***

*A gente é daqui já. “Patrimônio?”, perguntei. É, patrimônio”*

(Diário de campo, 11 de fevereiro de 2008).

*Eu sou da geração das canoas.*

(Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009)



Seu Valécio, em sua casa. Das várias fotos que bati, esta é uma das poucas onde ele está sem o chapéu (Foto: Rubens Venâncio).

O primeiro diálogo é com Roberto, respondendo-me sobre um questionamento acerca da possibilidade de proibição de botar canoa no rio. Quando seu Valécio pronunciou a segunda frase, fiquei a imaginar o que significa pertencer à *geração das canoas*, como se hoje o rio Acaraú não fosse diariamente cortado por essas pequenas embarcações.

Roberto, que tem um pouco mais da metade da idade de seu Valécio, não é da geração das canoas? Ele que, dos três filhos do Mestre Chagas, é o maior responsável pela canoa deixada pelo pai e ainda se arriscando na feitura de canoa?

Cada um a seu modo, sentencia sobre sua experiência como canoeiro e expressa o sentimento de pertença e responsabilidade que o ofício exige. Seu Valécio lembra a partir de seu lugar nessa tradição, como canoeiro antigo, que passou a vida entre as margens do rio Acaraú vivendo as chagas e felicidades dos tempos áureos da profissão.

Talvez a geração das canoas tenha ganhado novos ritmos com as questões que lhe foram colocadas ao longo do tempo: pelo rio, pela cidade de Sobral, pela relação com os passageiros. Talvez a geração a que se refere seu Valécio como sendo sua não tenha acabado; e sim esteja sendo tocada por outros atores. Ou ainda: as gerações se misturaram e o que existe hoje é uma *gente*, segundo Roberto.



Canoeiros chegando na margem direita (Foto: Rubens Venâncio).

Por sinal, *gente* pouca, que divide o dia em três e se reveza atravessando pessoas – às vezes animais, mercadorias ou bicicletas. Quando olho para o Rio, imagino como seria ver 12, 13, 14 canoas trafegando nessa rodagem d'água que é o Acaraú.



Ivan e Valécio chegando da canoada (Foto: Rubens Venâncio).

Duas canoas<sup>39</sup> e oito canoeiros. É bom não confundir os números. Como explicado em outro momento, quatro deles que trabalham são fontes prioritárias desse estudo - assim como os dois canoeiros aposentados - não impedindo que os demais tenham suas falas aqui citadas, ainda mais num estudo que lida com o esquecimento.

Nesse primeiro momento, aproveito para esclarecer sobre os atuais canoeiros que trabalham no rio Acaraú, bem como seus horários e local de trabalho, tendo em vista mapear esse ofício no que se refere a seu funcionamento e organização.

---

<sup>39</sup> Até o início de junho de 2009 eram três canoas e nove canoeiros. Como o fechamento desta dissertação se dá em agosto de 2009, tive que reconfigurar os números – o que não interfere na presença de Seu Valécio na pesquisa.

Apesar do escuro que invade o Rio durante a noite, o canoeiro e operário Roberto é sempre visto. Pontualmente, aparece às 18 horas no Rio, permanecendo até quando o movimento se mantiver bom, por volta das 21 horas. Em época de festividades à beira-rio ou eventos religiosos, esse tempo se dilata até o último cliente. Roberto trabalha o dia inteiro na empresa de calçados *Grendene* e ganha 520 reais por mês e na canoa tira de 10 a 15 reais por dia.

Dá o dinheiro do aluguel da canoa – que é alugada durante o dia – para a mãe, viúva, herdeira da canoa, e ainda ajuda a mãe nas coisas do dia-a-dia. Assim como Ivan, queixa-se do relacionamento com os irmãos pelo descaso com que tratam a mãe, dona Graça, que teve de amputar o pé por causa da diabete.

Com o número de canoeiros superior ao de canoas, o revezamento é inevitável e Ivan assume no período da manhã, entrega para o próximo canoeiro às 14 horas e não volta mais. O turno da manhã se inicia por volta das 6 horas.

Como existem dois canoeiros pela manhã, Coco dá turno das 6 às 11 horas e diferentemente de Ivan retorna às 14 horas, ficando até a boca da noite, horário de recolher a canoa.



O canoeiro Coco (Foto: Rubens Venâncio).



Valécio<sup>40</sup> ficava de 6 da manhã até por volta de 13 horas na terceira canoa, que ao contrário das outras duas não era locada. Era a única canoa que só era utilizada durante um turno.

Eu só não vou fazer uma canoa é porque não quero mais e outra coisa: canoa só dá se o dono tiver trabalhando. Porque uns “homi” desse faz o que faz e só que dá ao dono 5 reais e fica todo serviço pro dono da canoa: piche, estopamento, botar caverna<sup>41</sup>. Todo serviço, não tem condições! Melhor deixar na minha mão. (Entrevista realizada com Valécio em 29 de junho de 2009).

As trocas de horários, o revezamento na canoa e o aluguel fornecem elementos para identificar a dinâmica da canoagem em Sobral e reconhecer tanto os canoeiros como *os que tiram*.

Seu Ivan, Coco, Valécio e Roberto são os que estão há mais tempo no Rio e os que permanecem mais tempo durante o dia. Os demais trabalham no horário em que estes quatro não estão e comumente se escuta o seguinte comentário: o Lácio *tira* enquanto o Coco vai almoçar; o Fubaru *tira* quando o Bubu ou Chiquim não vêm.



Lácio (Foto: Rubens Venâncio).

A forma de reconhecimento que gira em torno da expressão *os que tiram* agrega características àqueles que assim são chamados, mas que, não obstante, deixam de ser canoeiros.

---

<sup>40</sup> Ressaltando mais uma vez: penso que não justifica excluir seu Valécio da pesquisa só porque ele abandonou há canoa a pouco mais de um mês (em junho). Há três anos, fotografo e converso com seu Valécio e, além disso, ele foi o único que se tem notícia a chegou aos 80 anos botando canoa.

<sup>41</sup> *Caverna* é a peça de madeira da canoa em formato de “U”.

Como a canoa que Coco aluga de um mototaxista não pode ficar parada, Lácio assume a pequena embarcação até este retornar do almoço. Como numa espécie de troca, Lácio não deixa a canoa parada e Coco não lhe cobra nada, tendo em vista o pouco tempo permanecido.



O canoero Fubarú e Valécio (ao fundo) (Foto: Rubens Venâncio).

A canoa que Ivan aluga de dona Graça roda com ele até por volta de 2 horas da tarde, e percebi ao longo do tempo que mais de uma pessoa se habilita a botar esta canoa. Vejo Chiquim, Bubu e Fubarú se revezando – Fubarú inclusive *tira* pro Coco às vezes. Já vi outras pessoas diferentes das que cito aqui substituindo algum canoero em determinadas eventualidades, como nos casos de falta ou atraso. Assim anotei em meu diário em 24 de novembro de 2008:

Cheguei por volta das 17h20. Não reconheci o canoero que estava na canoa de Roberto, deixada há pouco por Chiquim. Um senhor já. Dei algumas viagens, mas não consegui puxar muita conversa. Do pouco que falei, citei os outros canoeros para mostrar que os conhecia. Ele deve ter estranhado eu fazer várias viagens sem descer. Devia ter achado que era turista. Dei uma volta e Roberto chegou, ficou contente ao me ver – ele é um dos canoeros que mais se empolga ao ser “assediado” por pesquisadores.

Curioso sobre essas alternâncias observei que Bubu prioriza os trabalhos temporários – *bicos* – que costumam aparecer, como descarregar caminhão cheio de mercadorias e outros *serviços de peão*, como ele mesmo intitula. Atualmente ele está empregado como vigia noturno em um conjunto habitacional construído pela prefeitura de Sobral.

Chiquim alterna o tempo na canoa com bicos ou mesmo se desinteressando por ela, como afirma o irmão Roberto. Fubaru é aposentado e não é visto sempre nas canoas, alternando, assim, momentos de trabalho – em junho de 2009 fez uma cirurgia de catarata e estava afastado.

Todavia, observando outros elementos da trajetória de Lácio, Bubu, Chiquim e Fubaru, percebo a ligação destes com a canoagem. Chagão, pai de Chiquim, costumava levá-lo junto com os irmãos Roberto e Bubu para a cidade de Santana do Acaraú de canoa. Chiquim também se envolvia em outras atividades que tanto remetem ao ofício de canoeiro: como ajudar o pai e ter começado a botar canoa muito cedo, no remonte de canoa e sem falar nos velhos canoeiros com que conviveu.

Chiquim, apesar da pouca idade, pegou o *tempo da ponte de madeira*<sup>42</sup>, época em que os canoeiros só trabalhavam no período de chuvas. Das ocasiões em que falei com Chiquim, ele afirmou que gostava de ser canoeiro, apesar do seguinte diálogo: “*Então você é canoeiro?*”, pergunto a Chiquim. “*Sou. Até encontrar coisa melhor, né?*” (Diário de campo, 22 de janeiro de 2007)

Fubaru, alternando com os momentos em que estava fora de Sobral viajando, começou a botar canoa na década de 70, conhecendo muitos canoeiros que já morreram – além de ter trabalhar em algumas enchentes históricas em Sobral. É um canoeiro que tem uma grande vivência do ofício, mesmo não tendo a dedicação de Coco ou Ivan.

Já Lácio, no seu tempo de canoa, vivenciou algumas enchentes, pegou o tempo da ponte de madeira e chegou a participar de várias festas da canoa. Enfim, levo em consideração a vivência nas canoas e as experiências de canoeiros, fazendo com que todos figurem nessa pesquisa mesmo que de formas distintas.

---

<sup>42</sup> O *tempo da ponte de madeira* é muito rico em detalhes e informações para esse estudo e será comentado mais à frente.



Como não considerar as narrativas de Lácio sobre a corrida de canoa ou as de Bubu lembrando histórias das enchentes e relatando sobre os remotes de canoa que fez com os outros canoeiros? Lácio, ao perguntá-lo sobre o período em que trabalhava só no inverno, esclarece sobre os *bicos* dos canoeiros:

Toda vida eu só trabalhei 2 hora, 3 hora de trabalho, nunca trabalhei o dia todo não; eu bem cedo vou trabalhar de outra coisa. Taí, hoje bem cedo eu já trabalhei de servente e pedreiro, fazer um serviço sozim. Lá o dinheiro só sai mesmo por quinzena, por mês. Eu venho, deixo lá e venho pra cá. E o dinheiro de lá eu só pego quando eu termino, entrego o trabalho. Aí o daqui eu vou gastando, quando eu pego o de lá. (Entrevista realizada em 30 de junho de 2009)

Ser dono de canoa é algo almejado por todos os canoeiros, porque isto acarreta um maior controle sobre o horário de trabalho e o não-pagamento de aluguel. *Trabalhar por conta* – como eles se referem ao canoeiro que é proprietário de canoa – já foi possível para muitos canoeiros. Seu Valécio, segundo próprio relato, sempre teve a sua.

Segundo Ivan: *Toda vida eu conheci o Valécio com canoa dele mesmo. O Coco também já foi dono de canoa. Agora é que ele não tem mais. O Coco vendeu. Vendeu pensando que não ia dar certo com esse serviço*<sup>43</sup> (Entrevista realizada com Ivan em 22 de janeiro de 2008).

Ivan continua alugando a canoa de seu Chagas, que diferentemente de outrora, tem que dividir com Bubu ou Chiquim durante a tarde, sem também poder pleitear o horário da noite, que é de Roberto. Assim diz Ivan quando pergunto por seu Chagas: *Toda vida eu trabalhei com ele. Eu trabalhava numa, ele noutra e o “fi” dele noutra. Ai depois que ele morreu acabou-se e ficou só essa canoa, eu ainda tô trabalhando nela* (Entrevista realizada com Ivan em 22 de janeiro de 2008).

Na verdade, Ivan não deixou de trabalhar com seu Chagas: ao invés de pagar a ele, o aluguel atualmente é recebido por dona Graça: *Vou recebendo o “dinheirim” da canoa. Taí, o Ivan fica de 5h30 da manhã “inté” 1 hora da tarde, me dá 6 reais. Quando o Chiquim vai ficar lá e “taqui mãe, 4 reais pra você comprar o pão e o leite”. E assim vou levando a vida* (Entrevista realizada com Dona Graça em 30 de junho de 2009).

Dona Graça nunca foi canoeira, mas esteve ao lado de um dos canoeiros mais citados e expressa a peleja do canoeiro pela sobrevivência. Assim ela me diz no contexto da doença que levou seu Chagas à morte:

---

<sup>43</sup> Referências às obras da Margem Esquerda.

“Graça, essa aqui vai ficar porque eu não vou deixar nada pra você, eu não trabalho de carteira assinada, trabalho fazendo esse bico-doce e essas canoinha. Essa canoa você não venda, não faça negócio com ela de jeito nenhum. Isso aqui é uma herança que eu vou deixar pra você. Porque eu não vou deixar nada pra você, não vou ficar um aposentado”.

Porque ele fez duas perícias e nada dele... não se aposentou de jeito nenhum. Ele foi pro Hospital do Coração, em Fortaleza, e lá foi despachado pra vir morrer em casa. Teve no hospital daqui e nada ajeitaram pra aposentar ele. Ai ele foi e disse que essa canoa ficava pra mim ir me mantendo. (Entrevista realizada com dona Graça em 30 de junho de 2009)

Quando terminaram a construção da ponte nova em fevereiro de 2000, Coco achava que *não tinha mais futuro* botar canoa em Sobral. Seu Chagas também compartilhou a inquietação e vendeu duas de suas três canoas. Coco reiterou várias vezes que o motivo para a venda foi o alto preço do tratamento para cuidar de uma infecção no dedo indicador da mão direita, ocasionada por uma mordida de porco. Vítima de um erro médico (segundo ele próprio), a infecção paralisou seu dedo.

Para os outros canoeiros, o principal motivo para Coco se desfazer da canoa foi a construção da segunda ponte, mesmo sendo fato conhecido seu problema de saúde. Bubu dá sua explicação:

Taí o Coco, vendeu uma, não teve condição de comprar, comprou uma e vendeu no mesmo preço, só pra vender mesmo. Hoje em dia, ele trabalha com canoa alugada, canoa boa. “Ele disse que tinha vendido por causa de uma doença, no dedo dele?”, perguntei. Foi o dedo dele e ele aperreado. Ele vendeu, achava que o homem também não ia fazer isso<sup>44</sup>, ia fazer e no outro dia não ia deixar a canoa mais rodar. (Entrevista realizada em 29 de junho de 2009)

Coco paga 5 reais de aluguel e pode até sublocar a canoa porque ele é quem toma de conta. Ivan, que paga 6 reais, tem horário fixo mas não tem a escolha de mudar de horário, por exemplo. Ser dono de canoa em Sobral significa independência e poder dizer que trabalha por conta própria. Seu Chagas até hoje é respeitado entre os canoeiros pela dedicação ao trabalho e por ser vendedor de canoa, sempre possuindo canoas novas e alugando para terceiros.

### 3.6 Rotas de embarque, violência e sociabilidade

(...) A memória funciona de modo eminentemente topográfico: a memória se decanta nos locais em vivemos e que se inscreveram em nossa mente, assim como

---

<sup>44</sup> Referência as obras da margem esquerda.

deixamos as marcas do nosso corpo em uma velha poltrona. (SELIGMANM-SILVA, 2005: 120)

Assim apresentados, das 6 da manhã às 9 da noite, esses canoeiros oferecem à população usuária das canoas uma rota definida, como horários e canoeiros certos e uma alternativa à ponte nova, evitada pela maioria dos passantes.

A foto abaixo mostra os canoeiros chegando à margem direita do Rio, onde ficam o Dom Expedito e outros bairros. Dali embarcam os passageiros que descem quase em frente à biblioteca, utilizando uma escada colocada pela Prefeitura que, em época de cheia, a água cobre alguns degraus.



(Foto: Rubens Venâncio)

Esse trecho, entre o Dom Expedito e a biblioteca, por onde trafegam passageiros dos bairros localizados no lado direito para o Centro da cidade, é a principal rota das canoas hoje e antigamente – quando eu perguntava sobre o local onde se botavam as canoas, alguns canoeiros simplesmente respondiam *lá no Rio* (Entrevista realizada com mestre Dé em 5 de maio de 2008), como fez mestre Dé, em referência à rota.



Área de embarque na margem esquerda (Foto: Rubens Venâncio).

Existiam outros, como o ponto da *Marreca* e o ponto dos *Gavião*, como era chamado em referência a três membros da mesma família que faziam essa rota antes da construção da ponte nova. Assim se refere mestre Dé a este local: *Quem botava era um pessoal que morava lá, só eles* (Entrevista realizada com mestre Dé em 5 de maio de 2008). Esses são os lugares apontados pela memória acerca dos pontos de embarque.



Depois da ponte nova era o ponto dos *Gavião*. Seu Valécio está na canoa (Foto: Rubens Venâncio).



O ponto dos *Gavião* era um pouco depois de onde hoje se encontra a ponte nova, no sentido contrário ao curso do rio; neste trecho o passageiro é levado do ponto dos *Gavião* ao bairro do Tamarindo (na margem esquerda)<sup>45</sup>. O ponto da *Marreca* ainda existe, mas foi pouco comentado pelos canoeiros; ele fica depois da ponte velha seguindo o curso do Rio, à altura do bairro Pedrinhas.

Em 2009, especificamente, a destruição do calçadão causada pelas chuvas foi tão grande que o acesso por onde fica a escada foi fechado devido à interdição de parte do calçadão. Isso obrigou os canoeiros a estacionar a canoa depois do atracadouro – construído como apoio para pequenas embarcações – em frente à Igreja das Dores.



Calçadão da margem esquerda após o período de chuvas de 2009. Ao fundo, o bairro Dom Expedito (Foto: Rubens Venâncio).

No caso do atracadouro, além de não se ver outras embarcações utilizando-o, os canoeiros também não puseram em prática sua funcionalidade. Nascimento, ao analisar a proposta contida no projeto vencedor do concurso de urbanização da margem esquerda, afirma:

Buscando-se assegurar a tradição local da travessia entre as duas margens do rio por meio de canoas, é proposta a construção de um ancoradouro em madeira com acesso valorizado pela presença de um pergolado também em madeira como ponto de espera dos usuários. (2008: 344)

---

<sup>45</sup> Vários canoeiros pronunciam “Tamarinda”.

Um das reclamações recorrentes entre os moradores que usam a canoa diariamente tem a ver com a dimensão da violência existente para quem usa a ponte nova – situação que se agrava à noite, mas de dia não é raro acontecerem assaltos, agressões físicas e até homicídios.

Neste ano de 2009, em decorrência das chuvas, percebi que a reclamação se estende à igreja Nossa Senhora das Dores. Apesar de o tradicional trecho de embarque estar a poucos metros dali, os moradores dizem que o local é estranho, favorável à ação dos ladrões. *Com essa subida aqui da igreja das Dores, enquanto não ajeitarem, não botarem a escadinha, o dinheiro caiu muito porque o pessoal tem medo porque é muito deserto pro pessoal passar. Aí tá muito pouco o dinheirim das canoa, pouquim* (Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009).

Mas a polêmica maior gira em torno da ponte nova, que assusta a população e é onde acontece a maioria dos assaltos. A pé ou de bicicleta, os passantes são vítimas das investidas criminosas. Perguntei a Bubu porque muitas pessoas não utilizam a ponte:

Com medo, é perigoso. Depois que essa ponte foi construída, quantas pessoas não morreram? Mataram um rapaz bem aqui na subida do degrau, cabôco meteu a faca no rapaz. O rapaz vinha na bicicleta e bateu o guidon e o rapaz parou e pediu desculpa e ele pegou mais um cabra véi. O cabra véi pegou, agravatô o rapaz, o outro vagabundo enfiou a faca. E é de risco. Pronto. Você encosta na boca da noite, não vê movimento e vê bichinho ali na quina, pode esperar que você vai ser assaltado, não tem pra onde correr. “Até de dia?”, perguntei. Até de dia. É fatal o nêgo esperar a pessoa e assaltar. (Entrevista realizada em 29 de junho de 2009)



A ponte nova, ao fundo (Foto: Rubens Venâncio).

No burburinho das travessias, um assunto que não raramente era abordado é justamente a insegurança de cruzar o Rio pela ponte nova. Com o passar do tempo, comecei eu mesmo a perguntar sobre a opção pela canoa e, ao lado do fator insegurança os principais argumentos que surgiram eram: para a maioria das pessoas é muito longe caminhar até ponte; para não chegar atrasado no trabalho ou voltar a tempo para fazer o lanche dos filhos, o caminho pela canoa é mais curto. Agilidade do ir e vir no corrido cotidiano é importante e os canoeiros favorecem esse deslocamento.

Encontros não marcados também fazem do atravessar na canoa um ponto de interação. É comum para os moradores dos bairros localizados no lado direito do rio sair para encaminhar os afazeres no Centro da cidade ou em outros locais e, nesse trânsito, encontrar o vizinho ou um conhecido mais distante.

Conversas terminadas na calçada de casa entre vizinhos iniciam-se novamente dentro da canoa; assuntos da ordem do dia são debatidos sob o forte sol que às vezes nem a brisa afaga. Quando o debate é acalorado ele começa na canoa e segue com os moradores até a casa ou até onde o gogó aguentar.

Presenciei inúmeros debates que correm desde a política ao futebol; do marido caçateiro da fulana ao filho desnaturado que abandona o pai idoso. Por vezes, o canoeiro que segue remando é convidado a entrar no assunto e dar sua opinião.

O diálogo a seguir foi gravado durante uma travessia. Um homem e uma mulher, ambos por volta de 40 anos, conversavam sobre conhecidos seus que não ajudavam seus irmãos já idosos e, no meio da conversa, uma senhora mais velha que escutava calada se pronunciou, indignada:

**Senhora** - Mas querem o dinheiro da veia, não querem?

**Mulher** - Não.

**Homem** - Querem nada, eles não querem é de jeito nenhum.

**Senhora** - Que conversa é essa!

**Mulher** - A dona Francisquinha tem dinheiro.

**Homem** - Os dois irmão dela tem dinheiro, eles não querem é ter trabalho.

**Senhora** - Mas tem que cuidar do pai e da mãe.

**Mulher** - Mas é irmã, é moça velha.

**Senhora** - E é porque é irmão que não vai cuidar?

**Mulher** - Mas não é todo mundo que tem o coração... Ivan, depois eu te dou (o pagamento pela travessia – grifo meu), amanhã ou depois seja quando eu vier. Minha filha, filho lá quer tomar conta de ninguém. Vêi só o asilo mesmo.

**Senhora** - Você vai botar sua mãe no asilo?

**Mulher** - Não, mas eu tô dizendo, mas não é todo mundo que é igual

**Senhora** - Todos são iguais, eu só quero justiça. Eu tenho minha mãe, mas não vou deixar ela no asilo.

**Mulher** - Não vê na televisão não? Os pobi dos véi chorando porque a família não quer.

Mas também de amenidades, conversas amistosas e, sim, encontros marcados é tecida essa sociabilidade à beira do rio. Durante o período escolar – época boa para o faturamento dos canoeiros – quando o movimento de alunos é maior, assuntos da sala de aula ali continuam; trabalhadores retornando do serviço marcam o que fazer na sexta-feira à noite.

Os próprios canoeiros esperam amigos para conversar. Seu Valécio que toda manhã atravessa para ir a um comércio no Centro encontrar conhecidos, não deixa de dar algumas voltas na canoa e parar debaixo de uma sombra no lado direito, observando o movimento, sentado numa pedra conversando com o canoeiro que espera um cliente.

As notícias mais atuais veiculadas em grandes emissoras de televisão têm espaço reservado nas canoas, nacionais ou internacionais. Assim escrevi em meu Diário de Campo quando cheguei a Sobral (25 de junho de 2009), numa conversa com seu Valécio e Coco, diz o primeiro: *“Duas coisas que tão dando assunto hoje em Sobral: é as enchente e o ‘Mike Jaks’”*. Assim que cheguei no sábado e entrei na canoa, foi essa a conversa com que fui recebido há pouco em Sobral, notícias à beira-rio<sup>46</sup>.

A canoagem, como uma rotina tão presente para quem se serve dela, estabelece e estreita relações de interação entre os clientes e os canoeiros. Vários canoeiros têm até cliente mensalista – e também o conhecido como mal-pagador. Ivan me dá notícias da regularidade do pagamento:

Ivan - Paga nada! (risos – grifo meu) Uns paga e outros não paga. Ah bom! Se todo mundo pagasse era muito bom, né?

Rubens - E eles dizem o quê?

---

<sup>46</sup> Referência à morte do cantor norte-americano Michael Jackson em 25 de junho de 2009. As notícias das enchentes em Sobral esse ano, assim como em todo Ceará e outros estados do Nordeste, tiveram bastante repercussão na mídia local e nacional.



Ivan- Diz “pra depois”. Aí a gente não pode dizer nada, é tudo conhecido da gente aqui do bairro. Às vezes eles paga, às vezes ficam devendo, mas pagam. Tem uns que passam assim, com um mês paga.

Rubens - Então ninguém fica devendo?

Ivan - Alguma pessoa desconhecida que a gente não vê outra vez, a pessoa custa a passar e ninguém se lembra mais. E é desde esse tempo do inverno, é nessa mesma formação: *Depois eu lhe dou, na volta...*(risos – grifou meu). Toda vida teve esse negócio. (Entrevista realizada com Ivan em 22 de janeiro de 2008)

Ivan me dizia nomes de pessoas – e até me mostrava essas pessoas quando havia oportunidade – que com frequência deixam pra pagar depois e não voltam. No mesmo tom, segue Valécio, comparando com tempos passados:

Porque se naquele dia ele não viesse pra lhe pagar, mas ele guardava o dinheiro e no outro dia me pagava. E hoje em dia não. Se você não tiver na hora pra receber, você não recebe mais aquele dinheiro. Naquele tempo, o pessoal era uma consciência mais limpa. Hoje em dia eu acho a consciência mais suja. (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Valécio, antes da aposentadoria, tinha uma cliente cujos dois filhos atravessavam todo dia para ir à escola e ela preferia pagar por mês. A mensalidade cobria as despesas dos filhos, e ela mesma quando passava pagava na hora.

Nessa relação, o usuário da canoa tanto é um cliente como pode ser um amigo, vizinho de bairro, familiar ou mesmo pessoas que vão para passear – o passageiro caracterizado como cliente não elimina a possibilidade de ser um amigo ou primo.

Interessante perceber que, em algumas relações, o dinheiro figura como indicativo de sociabilidade: o vizinho que não paga, o mensalista, o que paga por quinzena, aquele que é alvo das piadinhas entre os canoeiros e mesmo entre outros passantes.

Vale dizer que essas situações giram em torno da quantia de 25 centavos preço da travessia. Para alguns parece pouco, mas para o assalariado, desempregado ou aquele que vive de bico, esse valor pesa no orçamento, ainda mais se considerarmos seus filhos e se a travessia é feita mais de uma vez. Mas por que 25 centavos? Assim Ivan explica a formação do preço:

**Rubens** - E o senhor cobra quanto?

**Ivan** - A gente cobra R\$ 0,25.

**Ruben** - Mas por que o senhor cobra R\$ 0,25, porque sempre foi?

**Ivan** - Não, antigamente era R\$ 0,10, acredita?

**Rubens** - E por que aumentou?

**Ivan** - Aumentou porque aumenta tudo! (risos – grifo meu)

**Rubens** - Se juntam vocês três pra dizer o preço novo ou cada um diz o seu?

**Ivan** - Não. Foi a negada que botaram mesmo e os outros se acostumaram.

**Rubens** - Mas o senhor conversou com o Ivan, por exemplo?

**Ivan** - Não. Mas se fosse na época, se fosse pelo Cid<sup>47</sup>, o Cid queria que cobrasse era um real aqui. Como é que o povo tem condição de pagar um real? Tem não. Tem gente aqui que passa quatro vez. O povo que trabalha paga 4 vez... Ia se embora quanto por mês? (Entrevista realizada em 22 de janeiro de 2008)

O valor da travessia é fixo e todos que a utilizam com frequência sabem que o valor é 25 centavos, mas nem todo mundo quer pagar. Muitos dão o que têm na hora e outros pagam menos por achar caro o serviço. Os canoeiros simplesmente recebem o valor e não cobram a diferença depois de o passageiro dizer que não tem ou que lhe dá depois – na pesquisa nunca presenciei nenhum canoeiro cobrando o valor que falta de forma indelicada ou agressiva



Passageiros no embarque (Foto: Rubens Venâncio).

---

<sup>47</sup> Então prefeito da cidade de Sobral.

Chiquim fala sobre essa característica, tida quase como um hábito: *Rapaz, tem pessoas que não chegam nem a pagar. “Esse pessoal que não quer pagar, é por quê?”*, perguntei. *Porque já é mania fazer isso aí, desde as primeiras canoas* (Entrevista realizada com Chiquim em 22 de janeiro de 2008) - apesar de ter 25 anos, Chiquim se utiliza do convívio com canoeiros mais velhos e de suas memórias.

Seu Valécio é visto por muitos canoeiros como intolerante pelo fato de chamar a atenção dos clientes que não pagam. Lembrar ao cliente, no embarque, que da última vez ele não pagou ou, mais incisivamente, pedindo que da próxima vez ele utilize a ponte, foram algumas das advertências feitas por seu Valécio.

Enquanto atravessava em outras canoas, presenciei algumas pessoas dizendo que preferiam esperar a canoa seguinte a ir com ele. Os outros canoeiros, ao mesmo tempo em que fofocavam entre si e com os passantes, admitiam que seu Valécio estava certo. Apesar de sua postura, várias pessoas atravessavam sem pagar e ele não cobrava depois – talvez pela amizade ou simpatia.

*De moedinha em moedinha* – como dizem – eles seguem dando vida a este ofício e gerando sua sobrevivência. Sem carteira assinada – como sempre lembram –, vão apurando entre R\$ 10 e R\$ 20 por dia utilizando o rio como rodagem e a canoa, como transporte. Nos *dias bons*, eles chegam a ganhar um pouco mais: quando os alunos não estão em férias escolares; quando os clientes pagam ou se aparece um movimento extra, como turistas ou alguém contratando para fazer um bico.

O Rejubilar é um evento católico que ocorre em meados de novembro na Igreja da Sé e gera um público extra que utiliza a canoa. *É até as duas da manhã*, diz Roberto. *Em dois dias, apurei R\$ 150*. Disse que levava barraquinha e bicicleta: *Tudo o que desse*. E este era um dos melhores eventos no sentido da tranquilidade e de ter um público bom de se trabalhar. *Só da dona fulana de tal recebi R\$ 18* (Diário de Campo, 24 de novembro de 08).

Até mesmo Roberto – conhecido como o canoeiro da noite –, no pouco tempo que passa no Rio quando chega da fábrica consegue complementar sua renda de operário e ainda ajudar a mãe. Tirando Roberto e Seu Valécio, todos os outros têm a canoa como única fonte de renda.

Básicas de verdade, tendo em vista que todos são desassistidos por políticas sociais, habitacionais, de saúde; e todas as políticas públicas que se direcionaram para o Rio ou suas margens foram em decorrência dos processos de tombamento e reurbanização do espaço.

As pessoas contempladas por essas ações são justamente aquelas que não passam o dia trabalhando entre as margens do rio Acaraú. São pessoas que dividem os usos desse espaço entre o lazer e o entretenimento, entre um passeio e um dia festivo. É difícil compreender esse contexto, ainda mais quando as políticas são alcunhadas de públicas e quando são apresentadas como ações para o bem-estar do sobralense.

Nesse capítulo apresentei algumas características do trabalho dos canoeiros, como eles se organizam no espaço, sobre a sociabilidade tecida entre eles e com os usuários das canoas e sobre os feitores. Um outro momento ganha os próximos capítulos: um momento para as experiências de canoeiro; para as memórias das enchentes antigas e para como se apropriavam do espaço antes da reurbanização.

## CAPÍTULO 4. DE ENCHENTES E REGATAS: MEMÓRIAS DE UM RIO

O Acaraú passou dez dias tomando água nas cabeceiras, sem parar. Parecia um mar turbulento. Destruiu as ilhas. As plantações adjacentes. Carregou as vazantes. Os ranchos. Afogou os moradores. Bichos e répteis que habitavam os buracos. E ameaçou engolir os povoados. As trombas-d'água entraram nas casas. Chegaram socorro de Sobral, Santana, Marco, Morrinhos, Santa Cruz, Bela Cruz e Acaraú. Canoeiros sobreviveram na noite tumultuosa seus búzios marinhos, orientando o pessoal. Umhas vinte canoas transportavam, durante a noite toda, toda a população do povoado e utensílios domésticos para a mata onde a fúria das águas não chegava. “Era castigo” – bradava o vigário, de calção, saltando como um macaco na proa das canoas. – “esta gente do Alto não trabalha” (PINTO, 1964: 20).

Alguns acontecimentos da memória, alguns são contados e recontados pelos canoeiros, lançando uma luz própria – a do homem ordinário (CERTEAU, 2007) – sobre suas próprias trajetórias e a história de Sobral. Nesse tópico, as enchentes, as políticas de reurbanização, as obras na Margem Esquerda e outros esclarecimentos são analisados. *A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças* (PORTELLI, 1997: 18)

### 4.1 Da beira do rio à beira-rio: espaços construídos entre usos e contra-usos

Uma distinção comentada rapidamente na introdução dessa pesquisa chama atenção e é posta em perspectiva quando analisada pelos canoeiros: no caso o que é convencionalmente chamado de *Margem Direita* e *Margem Esquerda*.

Numa primeira tentativa de entendimento, essa denominação tem como referência o curso do rio Acaraú da nascente até o mar – como também se denomina, *rio abaixo*: acompanhando o sentido da água, o que está à esquerda são as obras de reurbanização e o

Centro da cidade (num entorno imediato); e o que está à direita são o bairro Dom Expedito e vários outros.



Vista da margem direita (Foto: Rubens Venâncio)

Pode parecer simples, se levarmos em consideração apenas essa explicação e negligenciarmos tanto os sentidos produzidos pela prefeitura de Sobral juntamente com seu corpo de técnicos, em sintonia com seus projetos urbanos para a cidade; como os sentidos agenciados pelos canoeiros no dia-a-dia.

Durante as entrevistas gravadas e em outras conversas, todos os canoeiros dão explicações que desconstruem a naturalidade da ideia de MD e ME<sup>48</sup> - como se sempre fossem assim chamadas. Conversando com Bubu expus minha dúvida sobre essas denominações, achando que eram antigas:

**Bubu** - Não, foi de um tempo pra cá. Só falavam da beira-rio! Quando foi pra construir, era só beira-rio. Não falava “Margem Esquerda”. Nêgo chamava era de “o outro lado do rio”; do “outro lado do rio” para “o outro lado do rio”.

**Rubens** - Onde era o outro lado do rio?

---

<sup>48</sup> Dou-me a liberdade, neste capítulo, de usar a abreviação ME (margem esquerda) e MD (margem esquerda).

**Bubu** - Era pra cá. Iam pra lá e iam pra cá, do outro lado do rio. O outro lado do rio cá e o outro lado do rio lá. Era um troca-troca. Não tinha esse negócio de ME e MD não. Inventaram foi quando fizeram isso<sup>49</sup>. É porque o português deles é assim.

**Rubens** - Então, só com o calçadão que começou essa linguagem de “esquerda” e “direita”?”.

**Bubu** - Foi, esquerda e direita. Mas antigamente não: ‘*vamo’ pro outro lado do ri.* (Entrevista realizada com Bubu em 29 de junho de 2009)

As intervenções no rio Acaraú geraram outra denominação para sua ribeira: a *beira-rio*. Nos projetos e documentos citados no capítulo anterior, a *beira-rio*<sup>50</sup> surge como denominação recorrente, incorporando os novos sentidos e caindo no uso cotidiano; é o *português deles* saindo do papel para a boca da população. Contudo, não se trata de abolir a *beira do rio* - a população continua falando -, mas perceber a transferência de sentidos que abarquem as novas intervenções urbanísticas, incorporar o outro termo à sua dinâmica e dotá-lo de expressividade. Seu Valécio acompanha essa dinâmica:

**Rubens** - Seu Valécio, eu sempre ouço o pessoal falar, quando tão falando do rio, em ME ou MD. Sempre existiu essa denominação?

**Valécio** - Não. Veio tudo isso formado depois do Cid pra cá. Antigamente tudo corria frouxo, não tinha esse negócio. Mas do Cid pra cá é que vêi formada muitas leis, muitas coisas. (Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009)

Dona Graça fornece pistas para melhor visualizar aquele momento:

Agora, quando foi fazer essa beira-rio, o Cid preveniu a turma porque não era pra botar canoa no rio porque eles tavam fazendo o serviço e a pessoa pisava em riba e a calçada do cimento tava tudo mole.

Mas ele pagou tudim certo. Ele pagava 30 real a diária, que era pra dona da canoa e o canoieiro repartir, era 15 pra cada pra não pisar na calçada. Ele pagava tudim enquanto a canoa tava parada, quando enxugou lá o serviço, ele liberou as canoa pra botar. No tempo que o Cid Gomes era prefeito - né? - de Sobral. (Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

Ao mesmo tempo, é muito difícil apontar quando ambas as denominações começam e terminam, indicar quando a população começa a utilizá-lo, inclusive os canoieiros. Percebe-se que a denominação *beira-rio* se solidificou após as obras, mas a sua divulgação veio antes, com o seu anúncio. O próprio Bubu expressa pouca segurança diante da fluidez do termo, o

<sup>49</sup> Referência às construções feitas na Margem Esquerda – ou no outro lado do rio, segundo Bubu.

<sup>50</sup> Assim como o termo ME é recorrentemente citado em documentos e livros.

“lá” e o “cá” sempre são circunstanciais e dependentes da localização de cada um em determinado momento.

Um momento que diz respeito à sociabilidade no rio Acaraú eram os festejos de São Pedro: onde ocorriam procissões, regatas, festa da canoa, leilão e missa do canoeiro. Estas, memórias da época da *beira do rio*.

Durante o mês de junho, ocorrem os festejos relativos ao padroeiro do bairro Dom Expedito, São Pedro. Durante dez dias, os festejos são realizados: no primeiro dia tem a abertura, seguido de mais nove dias de atividades e em cada um deles é realizada uma novena que homenageia um ou mais profissionais.

Paralelamente às atividades na igreja, existiam as procissões com a participação da população e canoieiros: *Na procissão, um canoeiro saía trajado de Jesus, outro com uma canoinha feita de madeira e a vara; o Valécio saía com um barquinho na mão. Os canoieiros “tudim” acompanhava a procissão* (Entrevista realizada com Ivan em 27 de junho de 2009). Os leilões eram realizados para arrecadar dinheiro para a festa: *Cansei de ir pra lá, levava jirimum pra dar pro leilão, ia fazer minha fé. Todos nós* (Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009).

Tradicionalmente, o padroeiro é homenageado dia 29 de junho, mas a data foi modificada em 2009 por causa da instabilidade causada pelas enchentes ocorridas no Rio.

Aqui no bairro Dom Expedito, nós temos nosso padroeiro, que é São Pedro, né? E cada dia a gente dedica (são 10 noites) a um profissional. E nosso programa parece que só vai começar dia 2. O dia de São Pedro é dia 29, mas em virtude aqui dos movimentos do município, a gente muda um pouquinho a data da festa de São Pedro dentro do nosso bairro. Aí a gente começa dia 2 de julho e vai até o dia 12 que é a festa de São Pedro aqui. Então o dia 7 vai ser dedicado aos comerciantes da nossa comunidade e aos canoieiros, em homenagem a eles. Todos é convidado a participarem das novenas, das missa aqui, na igreja de São Pedro. (Entrevista realizada com Juscelino em 30 de junho de 2009)

Juscelino, presidente da associação<sup>51</sup> do bairro, diz que há mais ou menos 25 anos presencia a missa que homenageia os vários profissionais do bairro: *Como existem muitos tipos de profissões, existem oleiros, canoieiros, sapateiros, mecânicos, sempre nós juntamos dois, três e dedicamos aquele dia àquele profissional* (Entrevista realizada com Juscelino em 30 de junho de 2009).

---

<sup>51</sup> Juscelino de Almeida Monte, hoje, está à frente da Associação Comunitária Padre Oswaldo Chaves, situada no bairro Dom Expedito, na cidade de Sobral.



Esses canoeiros: o Valécio, o Chagão, o Chico Preto, esse pessoal. A maioria já falecido, era um pessoal que participava das regatas de canoa. Os canoeiros mais antigos, tinha o Peba, tinha o Cocão, canoeiro. Tudo era conhecido por apelido. Se você for botar o nome dele, próprio, pouca gente vai conhecer. O povo conhece mais por apelido. (Entrevista realizada com Juscelino em 30 de junho de 2009)

Ainda no circuito dos festejos, um pouco antes, no dia primeiro de maio, era organizada uma regata de canoa na forma de corrida, onde os canoeiros disputavam prêmios em dinheiro ou mercadorias. A regata só ocorria quando o Rio estava cheio no Dia do Trabalhador e era uma forma de entretenimento para a própria comunidade.

Ah! E era animado. 1º de maio. Eu tenho uma camisa lá em casa, ainda foi ganhada na 1º corrida de canoa, me deram uma camisa. Isso tá mais ou menos com uns 20 ano já, ou mais, eu lhe garanto.

Partia lá da ponte até a outra. Sujeito ia na frente da canoa, levava uma pistola, um foguete e “páá”! Desabava tudo (risos – grifo meu). Cada canoa vinha 5 pessoa: 4 remador, dois aqui, dois aqui e o lá da ponta.

Tinha festa de começar na boca da noite e ir até o outro dia. Na beira desse rio, ninguém via chão não, era só gente, tanto na banda de lá como na banda de cá.

(Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009)

Apesar da empolgação da lembrança e da certeza que São Pedro era canoeiro, seu Valécio não participava (assim como Lácio):

Não queria e tinha que ficar uma canoa aqui. Porque ele levava quase meio dia só nessa arrumação e o pessoal tinha que passar. Mas eu nunca fui nenhuma vez. Mas como eu era canoeiro mais “véi” e a negada gostava muito de mim, os mesmo prêmio que os outros ganhava, eu ganhava. (Entrevista realizada com Valécio em 30 de junho de 2009)

Todo primeiro de maio nós faz uma “carreira de canoa” aqui, uma brincadeira. Quando aqui antigamente tinha 12 canoa, tinha que ficar uma de plantão, na linha, as outra ia correr, daquela ponte pra outra. Quando não era eu era o “veim”<sup>52</sup>, nós num bebia, nós num fumava, nós num brincava. (Entrevista realizada com Lácio em 30 de junho de 2008)

Quando Lácio se refere às duas pontes – *daquela ponte pra outra* – é para localizar espacialmente o trecho da corrida. A segunda ponte ainda não existia e foi justamente a sua construção que minou a corrida de canoa, pelo medo de tombar em uma das colunas da ponte.

Além da *Prainha* na margem esquerda, a regata de canoa e os bancos de areia formados no meio do rio quando a água baixava<sup>53</sup>, foram acontecimentos que encerraram devido ao processo de reurbanização. Acontecimentos que envolviam tanto a população

---

<sup>52</sup> Referência a Valécio.

<sup>53</sup> Este ano, foi possível ver bancos de areia formados antes da ponte nova – sentido rio a baixo – por causa da abertura prolongada das comportas da barragem.

quanto os canoieiros, numa rica interação social, tendo o rio como palco, e que se tornaram invisíveis para o poder público.

Desta forma são determinadas ocupações que tornam o espaço um local vivido e que ensejam sociabilidades interpessoais em vários níveis, misturando lazer e trabalho, com mesclas imprevisíveis e assimétricas; cidade que, tendo seus espaços assim ocupados, surge em suas improvisações, multirreferencialidades, agenciada por vários indivíduos, anônimos ou não.

(...) cidade narrada com diversas técnicas interpretativas, cada qual diferente uma da outra, mas convergindo todas para a focalização de um *paradigma inquieto*: a abstração epistemológica da forma-cidade e as emoções do perder-se no urbano. (...) Uma cidade que será lida e interpretada utilizando-se pontos de vista diferentes, vozes autônomas, com as suas regras, os seus estilos, as suas improvisações. (CANEVACCI, 1993: 18).

A racionalidade imposta ao espaço não diminui a riqueza nem a dinâmica do cotidiano, que continua sendo inventado, posto por práticas sociais, numa relação com o possível e o impossível, com o tempo e o espaço, com o necessário e o contingente.

## **4.2 Quando antigamente era melhor?: a Ponte Molhada e a Ponte Nova**

Os termos utilizados pela municipalidade ou pelos canoieiros, para além do aspecto da distinção, falam de uma cidade planejada e de uma cidade criada (CERTEAU, 2007). Versam sobre espaços praticados e por trás dos termos vemos o espaço sendo organizado e indivíduos sendo organizados por eles.

A ponte nova e a antiga ponte de madeira que era construída antes de a primeira ficar pronta foram marcos no trabalho dos canoieiros e síntese de tempos distintos. A ponte nova foi um marco que uniu uma margem à outra do rio Acaraú e diluiu um grupo de canoieiros.

Esse momento do trabalho merece uma contextualização que anteceda qualquer problematização. Antes da construção da ponte Prefeito José Euclides, os canoieiros alternavam o trabalho no Rio com o período em que este estava cheio – período das chuvas – e a época em que estava vazio. Trabalhavam de 3 a 6 meses no Rio e o resto do ano nas fábricas e em trabalhos informais.



No lado baixo da foto, a ponte nova e ao fundo pode ser vista a ponte velha. Entre elas, o Espelho D'água (Fonte: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br)).

Antes de ser represada para a criação do *Espelho D'água*, essa água descia livremente, causando uma baixa em seu nível que impossibilitava o tráfego de canoas e, ao mesmo tempo, impedia que a população passasse por dentro do Rio. Assim, foi construída uma ponte que desse acesso a ambos os lados, cujo tempo de vida durava o tempo em que o nível da água estivesse baixo, somado à impaciência dos canoeiros em voltar para as canoas.

Tinha muito canoeiro e, quando secava, todo mundo ficava parado. Tinha condição de fazer mais nada. Aí “nêgo” fazia era um regozim com a enxada pra poder passar a canoa que tá descolando. Enquanto não desfazia essa ponte de madeira, “nego” não saía, depois que desfazia, pronto! Nós virava a canoa e ficava só no inverno; estopava pra quando começar a chover.

Era só esperar encher, e na hora de encher os canoeiro tudo asilado, tudo doido por dinheiro fazia era arrancar logo a ponte (risos – grifo meu). Era! O pessoal doido por dinheiro, seis meses sem botar canoa. Só bastava lamber a ponte o pessoal ia logo lá e começa a arrancar de pouquim em pouquim. Ai pronto, não passava mais ninguém em cima da ponte, e a negada começava a botar canoa, brigava pra passar gente, macho! (Entrevista realizada com Bubu em 29 de junho de 2009)

Esse fato, além de ter uma forte disposição espacial, era um elemento estruturador das lembranças dos canoeiros. Existe uma série de características ligadas ao tempo que precede a construção da ponte de madeira e que sofreu modificações com o seu fim: características de ordem espacial e organizacional, como o revezamento e a quantidade de canoeiros; a

distribuição das rotas; o preço da canoa e o faturamento mensal; as dificuldades que vinham com as grandes enchentes; o que faziam quando o Rio estava seco; a vida de operários.

Todos, acontecimentos, lugares e situações que pautavam a memória dos canoeiros em tempos passados cuja acessibilidade é permitida pela memória de cada um dos que fizeram essa história.

Oito, dez canoeiro era até aqui. Aculá já era mais 4 (nos Gaviões – grifo meu), no tempo que não tinha ponte, né? Pra lá daquele ponto é outro, tinha 2, 3 canoa lá, era a negada da Marreca. (Entrevista realizada com Lácio em 27 de junho de 2009)

Tinha o finado Ferro Vêi, o nome dele era Raimundo, mas o apelido era Ferro Vêi. Tinha o finado Pitui, também era canoeiro - o Roberto esqueceu foi de muitos. O Quinca, finado, que era o pai desse rapaz que tem um comércio aí na esquina, ele tinha uma canoa no rio. (Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

De primeiro era cheim a beira do ri, as canoa não dava vencimento! Agora só duas é bem pouquinha gente. Aí meu filho, depois que fizeram essa ponte, piorou muito o ganho dos canoeiro. (Entrevista realizada com Graça em 30 de junho de 2009)

Os conhecido mesmo, os daqui, é o Coco, o Valécio, Fernandes, Chico Preto, Mestre Dé, o Quinca, Chico Dudra, Cafagé, Mauro, Chaga. Tinha o Cabôco e o Furtuoso. Nesse tempo, canoa era só era no inverno, no verão ninguém botava. No verão, a gente trabalhava em fábrica, no inverno era canoa. Nós viemo trabalhar no verão todo agora depois de fazer isso aqui.

Era ponte de madeira. Todos os anos fazia, quando chegava no inverno o rio carregava. Pontezinha de madeira, de tauba mesmo. A gente passava né? E aí... o resto do ano a gente trabalhava em firma, no verão a gente trabalhava empregado na firma.

Eu trabalhei 20 ano nessa fábrica “veia” Randau. Essa daí que acabou-se, onde é a biblioteca era uma fábrica de algodão. Eu no verão trabalhava na fábrica e no inverno na canoa. Essa fábrica ela rodava seis meses. É só a época do verão também, que é a época do algodão. Quando era no inverno parava, eu vinha pra canoa. Era todo tempo assim. (Entrevista realiza com Ivan em 22 de janeiro de 2008)

Tinha a ponte de madeira, não tinha canoa. Quando o rio secava, continuava no rio, ficava o areialzão. Ai quando secava total eles faziam a ponte acabava a canoa. Só era 3 meses, 6 meses de canoa. Agora é inverno e verão, né? (Entrevista realizada com Bubu em 29 de junho de 2009)

Antigamente, acho que é porque você não andava por aqui, dia de domingo nesses bancos de areia era cheia de gente jogando bola, tomando banho, queimando. A negada trazia aqueles “guarda-chuvão”, destamanhão, enfiava no chão, trazia as cadeirinhas. Passava a tarde bebendo e tudo. Acabou-se tudo, acabou-se tudo. (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Um dinheiro bom. No inverno, eu trabalhava nas canoas. No verão, nas olarias. E plantava um roçado, também. Eu gostei de plantar. Eu tô com uns quatro anos que não planto porque a minha filha vêi pedir pra mim não plantar mais: “*Pai, faça mais isso não, papai não tem nem dente pra comer milho. E outra coisa, quando tiver de comprar milho compra ali. Feijão aqui em casa não se gasta*”.

Olaria é de tijolo, comum. Porque tem hoje em dia esse tijolo da cerâmica, mas foi inventado. Essa cerâmica foi quem acabou essas olaria manual daqui.

Todo mundo que bota canoa, eu, Coco e o Ivan, todo verão trabalhava nas olaria. Quando era no inverno era nas canoa, quando era no verão nas olaria. Todo tempo assim! Mas as canoa dava mais dinheiro... (Entrevista realiza com Valécio em 12 de maio de 2008)

Um dos pontos mais caros ao entendimento das transformações do espaço e a relação/reação com os canoeiros, foi apreender a lógica com que estes figuravam no cenário de mudanças. Em questão, vários fatores: a política do então prefeito Cid Gomes para a cidade e sua imagem para os canoeiros; o espaço transformado radicalmente e os lugares sendo concomitantemente construídos; a ameaça do fim da canoagem; e mais uma ponte no Rio.

Todos estes, novos elementos que iriam interferir na memória e na elaboração das futuras lembranças. É claro – como foi exposto – que a inserção de novos elementos no espaço urbano foi gradativa, mas obras como a da ponte nova e da margem esquerda foram significativas.

Nessa mudança de cenário, a brusca redução do número de canoas e a falta de espaço para todos trabalharem geraram conflitos com a outra urbanidade surgida. Dos canoeiros que tiveram seus testemunhos privilegiados, nenhum lidou de uma forma coerente, desprovida de contradição, com a situação imposta – não foi fácil sintetizar todo esse ambiente.

Se a construção da ponte nova impossibilitou a existência de mais de 10 canoas, a situação gerou piores condições de trabalho? Talvez não.

**Ivan** - Só que era bom na época do inverno, era muita canoa mas a gente ganhava mais. O sujeito não parava aqui não. Era 11 canoa e a gente era trabalhando todo tempo. Começava a trabalhar quatro e meia da madrugada, dez hora da noite ainda era passando gente. O último corpo que passava era 11 hora da noite, depois que as fabricante largavam o serviço.

Os menino venderam as canoa dele, pensava que ia se acabar. O Coco foi um que vendeu a canoa dele porque pensava que não ia ter mais canoa aqui. Rapaz, essa construção só foi boa porque a gente trabalha direto.

**Rubens** – E o senhor acreditou que ainda dava?

**Ivan** – Dava, que o homem disse aqui, o Cid disse: *Canoa não se acabava não.*

**Rubens** – O que foi que ele disse pra vocês?

**Ivan** – Mandou ajeitar as canoas e falou que: *canoa não se acabava aqui não.* Mandou que ajeitasse as canoas, mas ele mesmo não ajeitou não.

(Entrevista realizada com Ivan em 22 de janeiro de 2008)

Percebe-se que diminui consideravelmente o número de canoas e que vários canoeiros que trabalhavam durante o período das chuvas tiveram de abandonar a canoa. Os que ficaram,

mesmo admitindo que ganhavam mais, passaram a trabalhar o ano inteiro. Roberto concorda com Ivan, ao contrário de Mestre Dé, que dos canoeiros mais antigos foi o primeiro a largar a canoa após a construção da ponte nova:

Comparando com hoje, a gente não pode nem dizer assim ao certo, porque uma parte do movimento caiu porque foi feita a ponte grande. Tá melhor mesmo, agora é inverno e verão, a gente só para um mês, dois, no inverno. Diminuiu o movimento, mas de qualquer maneira diminuiu muita canoa. Na época, era 16 canoa, só o papai aqui tinha quatro, a mãe tinha uma, tinha cinco canoa só daqui. Era que nem uma empresa, que nem uma firma: só pegava de 6 da manhã até 11 hora era um canoeiro, uns pegava de 11 hora até 5 hora, os que largava de 11 hora retornavam 5 hora até uma 7 hora da noite. Era assim, era vários canoeiros.

(Entrevista realizada com Roberto em 28 de junho de 2009)

Mestre Dé, discorda, ao falar da alternância entre período seco e chuvoso:

Era 6 meses, era 7. Muitas vezes dava 8 meses, também. Porque esse rio aqui, ele enchia, porque no verão ele secava, entendeu? Ficava uma areia tão bonita! Quem esculhambou aqui foi o Cid. Fez aquela porcaria ali. A água apodrece, ninguém bebe mais dali. Lavadeira não lava mais roupa. A água aqui era muito limpa. Tampou a água, pronto, fez foi um mau pro povo.

(Entrevista realizada com Mestre Dé em 12 de maio de 2008)

Quando a ME estava sendo construída, a dúvida sobre o futuro dos canoeiros fez vários deles se preocuparem, Roberto sintetiza esse momento:

Prefeito nunca ajudou em nada nós. Ele atrapalhou, mas no mesmo momento, o Cid Gomes tava certo. Nois falemo com o Cid Gomes pessoalmente que na época da inauguração ela tava regulando os “viadutozim” que agua as grama, e tinha um tal de Quitinho, secretário dele, chegou e: “Pode interromper as canoa que vai se acabar?”. “Por que vai se acabar?”. “Porque o prefeito disse”.

Nóis cheguemo pro prefeito, lembro como hoje, nós falemo: eu Coco, seu Valécio, bem uns 4, comuniquemo e falemo pra ele. “Não, eu não mandei acabar as canoa. As canoa não pode acabar porque é um patrimônio da UVA”. Falou até assim ele (ouvi dizer que tem uma foto dele bem grandona na canoa, que é até eu que tô na foto, no birô do prefeito. Eu não vi, a negada foi que disseram).

Aí: “Eu não mandei acabar, é porque aqui nós “tamo” sentando a cerâmica e o pessoal fica passando e a cerâmica tá levantando. Eu tô só interditando por 15 dias, um mês, e vocês cobram quanto vocês apuram por dia e procurem Solange, no terceiro andar, pra ela providenciar o dinheiro do tempo que vocês vão ficar parado”.

Nóis providenciamo, ela mandou falar com o Quitinho, e nós falemo quando nós ganhava. “Vocês tão ganhando mais do que os bancários, dá esse hórro de dinheiro uma canoa dessa?”. Ai ele calculou uma conta veia lá, deu 450 real pra três durante um mês. Aceitei mesmo pra não ter confusão. É melhor do que ele acabar a canoa.

(Entrevista realizada com Roberto em 28 de junho de 2009)

Hoje, a opinião que alguns deles dão sobre essas transformações, falando do ponto de vista das melhorias não reflete inteiramente o momento em que eles estavam ameaçados - estas opiniões foram colhidas anos depois. Em outro momento Roberto fala da atratividade turística que as canoas podem gerar se tivessem apoio do município. Assim, concordo com Nora:

Penso que a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação. (...) A memória sofre flutuações em função do momento em que é articulada. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (p12-4, ano – memória e identidade social).

### ***4.3 Quando é água pra matar até Cururu: as enchentes no rio Acaraú e suas inscrições na memória***

*Foi dos 8, dos 5 e do 4, é água pra matar até Cururu!*<sup>54</sup>

*Porque nós saímos nas carreiras mesmo, era água que não dava tempo nem a gente sair do lugar, era água tomando tudo*<sup>55</sup>.

Apesar das discordâncias em torno de alguns acontecimentos, lembrar o nome dos antigos amigos de trabalho, das mudanças que a reurbanização da Margem Esquerda e das grandes cheias, todos são pontos que, no ato de lembrar, são comuns a todos os canoeiros.

Se a experiência vai construindo o discurso, as grandes cheias do rio Acaraú (que causaram enchentes históricas no estado do Ceará) foram fatos narrados que marcaram a história dos canoeiros – assim como a da própria cidade de Sobral.

Alguns relatos ressaltam o aspecto coletivo da memória, como a participação dos canoeiros na retirada e no transporte dos desabrigados das áreas inundadas. Ao mesmo tempo em que as enchentes são marcos na memória de todos os canoeiros, cada um experienciou esses acontecimentos com as particularidades inerentes à sua própria trajetória de vida.

---

<sup>54</sup> Para Seu Valécio, os anos terminados nesses números indicavam forte período de chuvas (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008).

<sup>55</sup> Entrevista realizada com Graça em 29 de junho de 2009.

Olha, eu vou dizer uma coisa: nós, quando a enchente é grande aqui, ninguém trabalha não, é só ajudando o pessoal! Tirando as coisas, uns paga, outros não paga; é complicado você botar uma canoa dentro da bodega e tirar a bodega todinha e botar dentro da canoa. (Entrevista com Valécio realizada em 12 de maio de 2008)

Ora! Eu tirei muitas vezes o pessoal daqui. Em 74, foi a maior enchente que deu! Quando foi em 80, 88, deu outra enchente, quase do tamanho, mas não foi. A água entrou aqui e deu água na minha cintura. Aí eu levei um povo pros alto, lá pra Cancela. A primeira eu levei, em 65, um povo daqui lá pro Alto do Cristo, foi enchente grande também.

Em 88 foi lá na frente da Santa Casa. Meu irmão era trabalhador da Coelce, e a Coelce tinha uma casa muito grande, “chêi” de máquina, ele levou “nois” pra lá, na frente da Santa Casa, viu? Mas eu era difícil dormir lá, porque eu tinha que pasturar aqui também, né? A gente tinha um bocado de galinha aqui. Os ladrão ainda roubaram, quando cheguei a vizinha me contou quem era e eu fui buscar. (Entrevista realiza com mestre Dé em 5 de maio de 2008)

Seu Valécio acha que a maior enchente foi a de 1924. Mesmo não tendo nascido ainda àquela época, sua crença é baseada nas lembranças dos pais e canoieiros mais antigos, são transferências e projeções da memória (POLLAK, 1992: 202).

A maior enchente que houve foi a de 24! Nesse tempo eu não era nascido não. Mas o Cabôco do Rolinha, pai do Coco, já era canoieiro e disse. Foi a maior enchente. Nesse tempo, os canoieiro tudo era o Cabôco do Rolinha, Dedé, Chiquim Policarpo, “Véi” João Gavião, que era pai do Chico Gavião, tudo era canoieiro... É o Véi João Gavião! Eram canoieiro “véi”, antigo. (Entrevista com Valécio realizada em 12 de maio de 2008)

Mestre Dé também se apoia nas lembranças dos pais e dos antigos canoieiros:

**Mestre Dé** - Foi, 74. Foi a maior enchente que deu aqui nesse rio Acaraú.

**Rubens** – Me disseram também que teve uma, há muito tempo, que foi a de 1924.

Ah! 24! Meus pais já moravam aqui na casa.

**Mestre Dé** – Tinha uns buraco aqui, quando eu mexi perguntava: Mãe, que cacimba é essa aqui, de onde veio essa cacimba dentro de casa? Foi no 24, foi quando a enchente do 24 deu aqui foi muito grande. Encheu essa areia todinha, que era um oiticica danado, arrancava era oiticica duma vez, as correnteza”.

A enchente foi em 24 e eu nasci no 28. 24 pra 28. Quem contava era os mais véi, os canoieiros mais velhos, né? Aqui, a correnteza quebrou uma ruma de canoa, porque os canoieiros não aguentavam, né? Porque a água é forte e dura, tem que aguentar a canoa. Eles diziam que a canoa se soltava do canoieiro, desabava e batia as costelas no meio duma oiticica, ficava uma banda do lado e a outra “doutra”. (Entrevista realiza com mestre Dé em 5 de maio de 2008)

Um fato interessante é que nas narrativas sobre as enchentes as lembranças são entrecortadas pela presença dos demais canoieiros, como se cada experiência, mesmo que particular, não se desvencilhasse da dos colegas que se encontravam no mesmo drama.



Num tô dizendo que uma vez eu mais o mestre Dedé passamos uma noite todinha fazendo uma mudança! Eu, mestre Dedé o Chico Preto. O rapaz pagava por canoada. Eu tirei 14 canoada, o Dedé parece que tirou seis porque chegou mais tarde; Chico Preto tirou 9. Eu sei que nós levemo a noite todinha. Ele arrumou parece que dois carreteiro pra modo de pegar as máquinas e botar dentro da canoa. Nós só fazia levar. (Entrevista com Valécio realizada em 12 de maio de 2008)

Talvez pela situação de calamidade, os canoeiros tivessem suas experiências próximas, entre si, e com as da própria população que era a principal beneficiada com a sua ajuda. Quando falamos em retirantes das cheias, a imagem que surge é a da população pobre. Mas pela experiência dos relatos orais, é possível notar que pessoas que se encontram em melhores condições sociais faziam uso da canoa; muitas dessas famílias pagavam pelo transporte de vários membros seus ou mandavam os canoeiros resgatarem algum outro parente.

É comum a retirada de mercadorias, como descreve seu Valécio acima sobre a retirada de máquinas de algum comércio ou indústria. Tanto nessa época passada, como na cheia de 2009, os canoeiros transportavam pessoas e mercadorias. Como citado, Coco foi contratado pela SAAE (Serviços Autônomos de Água e Esgoto) para levar máquinas que não podiam ser molhadas. E algumas cidades do Interior próximas a Sobral, como Santana do Acaraú, estavam tanto alugando canoeiros como comprando canoas de outra cidade – como a de seu Valécio, por causa da estação chuvosa

Contudo, é difícil negar que a população de baixa renda é a mais atingida, devido às condições de habitação e a proximidade com o Rio. Para estes, o deslocamento habitacional sempre foi uma realidade, até os dias de hoje. Mesmo com a situação financeira ainda difícil, percebi nos relatos dos canoeiros e de pessoas que já foram socorridas que a quantidade de objetos e bens antigamente era menor: resumia-se à rede, uma trouxa de roupa, e quando dava, o pote d'água.

A gente ia ajudar o povo aqui do Tamarindo, tirar das casas, né? Era tudo “ingiado d'água”, todos os anos a gente tirava gente do Tamarindo, todos os anos! Aí, com essas enchente grandona, a gente tirava “detrás” da Santa Casa. Eu tirei uma família do lado de baixo da Santa Casa, tem uma rua lá chamada rua de Baixo, ainda hoje tem a casa.

E eu fui buscar um pessoal lá, eu tirei de nado de dentro de casa, mergulhando, tirando as roupas, uma redezinha, um resto de comida, o “poquim” que tinha escapado e botando dentro da canoa. Até que eu fui mais uns dois colega, nós tiremo tudo. (Entrevista realiza com mestre Dé em 5 de maio de 2008)

Muitos pontos de alagamento eram distantes um do outro, fazendo com que os canoeiros percorressem grandes distâncias. Da Santa Casa – situada no Centro de Sobral -

para a Cancela – depois da ponte nova – é uma distância considerável para ser percorrida a pé, imagine de canoa durante uma enchente.

Um rapaz perguntou se eu me atrevia deixar eles lá na Cancela, acolá. Eu digo: *Vô, aonde você quiser ir eu vou se tiver água. Só não vou se não tiver água pra levar a gente, mas tendo água...e pra lá tem, tem muita água.* Ora! Se lá na minha casa dava aqui na minha cintura! Precisa o cabra ter sangue no olho, porque se não tivesse ele descia e barroava na ponte. Ave Maria! (Entrevista realizada com mestre Dé em 5 de maio de 2008)

Se o real que se inscreve no discurso biográfico provém das determinações de um lugar abalizando seu ato enunciativo (LUCENA, 1999: 24), a população vítima da enchente vai tecendo suas lembranças a partir de suas vivências. Seu Valécio entrelaça suas memórias enquanto canoeiro misturando-as com acontecimentos de ordem familiar:

- Pai de Valécio: Meu filho, você vai casar?

- Valécio: Eu vou.

- Pai: Você já tem onde morar?

- Valécio: Tem não senhor.

- Pai: Pois tem umas casinha ali, umas 4 casinha. Vamo lá escolher uma pra você morar.

- Valécio: Aonde é, pai?

- Pai: Aqui no “campo dos véi”.

- Valécio: Papai, é o seguinte: eu não quero não.

- Pai: Que é isso, meu filho! Você deixa de pegar a casa já feita. Você vai morar aonde?

- Valécio: Eu vou morar lá na beira do rio. Agora, se o senhor quiser me dar uma ajuda, eu quero.

Ele foi, levou duas carroça com isso, com aquilo. Quando fui morar lá achei muito bom, tinha muita galinha, tinha porco, plantava lá, tinha o roçado...

Acontece que quando foi em 74 a água botou dentro de tudo e levava tudo. Eu criava muita galinha, e as bichinha foram escapar em riba das oiticica, treparam tudo. A mulher encheu um saco deste tamanho, saco de estopa cheim, aí botemo assim no pé da parede, e a parede arriou por cima, “vraaaaa”. Achatou tudo, achatou tudo! Num prestava mais.

E a água tinha que passar tudo aqui no rio, não tinha pra onde ir. A passagem de água era ali onde bota as canoas. É tanto que o rio, no 75, ele passou oito dias com oito noite sem baixar um centímetro. Eu marquei lá em casa – eu morava bem na beiro do rio, com o fundo da casa voltado para o rio e nois tinha feito uma coisinha muito boa, muito grande -, marquei com um gesso até onde a água foi. (Entrevista com Valécio realizada em 12 de maio de 2008)

No ano em que as enchentes não eram tão devastadoras, seu Valécio atenta para um momento alheio a tanta dificuldade:

É por isso que eu digo: que enchente no Rio não era mais como eu via. Rapaz, quando o rio tava cheio aqui, antigamente, era bonito! Era cada “bolãozão” de espuma que você ficava “bestim”. Mas era bonito, era bonito mesmo! Parece assim um bocado de ovelha descendo Rio abaixo. Eu vou dizer uma coisa: o rio já foi rio! (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Quando o calçadão da ME foi inaugurado em 2004, as chuvas foram fortes e a água subiu a ME, deteriorando o piso e alguns equipamentos. Dessa época, Seu Valécio tece a seguinte lembrança:

Toda Era de 4 é boa. Mas você olhe que, em 2004, no dia 9 de janeiro, aquela avenida ali tava “chei” d’água. Já tinha sangrado Jaibaras, já tinha sangrado o Araras. No dia 6 já tinha sangrado tudo que era açude. Foi tanto que eu discuti mais o chefão lá, “comé” que chama? O engenheiro, né? Eu disse:

- **Valécio:** Ô! Isso daqui vai se banhar é cedo.

- **Engenheiro:** Aqui não.

- **Valécio:** O quê? Moço, o senhor não sabe é de nada. Eu ainda vou dizer por onde a água vem. A água desce por acolá e desce cabeça abaixo. Olhe, eu já vi foi essa água do rio aqui dentro dessa igreja. O senhor já entrou nessa igreja? Aquela Das Dores, aquela bem na beira d’água? Eu já vi foi a água no “mêi” do altar daquela igreja. Será que ali é mais baixo que aqui?

Ele calou-se. Quando foi no dia em que a água entrou ele tava lá. Eu digo: “Cadê moço?”. Nesse rio eu nasci e me criei, só não sou peixe! Mas eu sei tudo aqui. Eu disse: “Vocês também tão errado, esse esgoto “véi” vai cair todim dentro do rio”. Depois ele olhou pra mim e eu disse: “Cadê, moço? O senhor disse que a água não dava aqui? Eu não tô vendo é enchente que eu não tenha visto aqui no rio! Essa enchente aqui ainda não é igual as que passou pelo ri!” Calou-se. (Risos – grifo meu) (Entrevista realizada com seu Valécio em 30 de junho de 2009)

O que os homens de *pouca escrita* podem informar aos técnicos? Pensando sobre o desencontro entre o senso comum e a história, Martins argumenta que: (...) *Na perspectiva erudita, o senso comum é desqualificado porque banal, destituído de verdade, fonte de equívoco e distorções. E com ele o mundo de que faz parte, o da vida cotidiana* (2000: 57).

Ora se aproximando, ora se afastando, os relatos misturam lugares, personagens e tempos diferentes, numa tessitura onde as lembranças vêm à tona *com incrível facilidade de se mover para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como se fosse uma escada* (BENJAMIM, 1994: 215). Nessa *heterogeneidade multitemporal* (CANCLINI, 2008) em que a memória é composta, a memória dos canoeiros representa a experiência humana de uma destas temporalidades (PINTO, 1998: 209), fornecendo elementos para analisar os fatos expostos.

Além de socorrerem a população os canoeiros também foram vítimas das invasões das águas. A linha entre a sua perícia e as adversidades de uma época tão instável é tênue. Fazendo com que os acidentes sejam capítulos indesejados na história da canoagem em Sobral.

O caso mais conhecido de canoa virada seguida de morte foi protagonizado por Bubu, e assim narrado por ele mesmo:

**Bubu** - Enchi de gente a canoa, chovendo, a canoa encheu d'água e todo mundo em pé e o "Pedim" pisou na beira da canoa.

**Rubens** - Qual foi a enchente?

**Bubu** - De 84. O cara pisou na beira da canoa, chovendo, tava só eu do lado e um horror de canoa aqui encostada. Tinha uma moçinha que costumava passar: "Bora" Bubu, que eu to avexada". "Rapaz, num vou não, só vou quando parar a chuva". Pronto, tinha aquela multidão de gente pra pegar um transporte, doido pra vir tudo simhora, né?

Começou a encher de gente eu mandava sair e eles: "não, 'vamo' sair mais não!". Tava chovendo, serenando, aquele serenim molha e não molha. Ai aconteceu, pronto! Abandonei a canoa fiquei até com medo de ir preso. Passei bem uns 15 dias, um mês, no Sinhá Sabóia escondido. Comecei a vir de novo pra cá. Passei um bocado de tempo, passei bem uns três meses ou quatro meses sem botar canoa com medo, aflição, né? E tinha uns soldados "véi" que eles acochavam a negada. Parei de botar canoa e fui atrás de emprego numa firma, arrumei emprego na firma e deixei de ir. Saí da firma e comecei a botar canoa de novo.

**Rubens** - Mas chegaram a falecer três pessoas.

**Bubu** - Foi, três pessoas.

**Rubens** - O pessoal achou que a culpa não era tua?

**Bubu** - Viu que não era minha. Tinha o funil, o funil rodava as pessoas. Na hora que ele rodou, ele mexeu na canoa, a bicha afundou logo. Porque ela afunda e depois que ela vira. No que ela vira um casal pulou em cima do outro, nenhum sabia nadar, um pulou. E eu não mandei pular: "não pula ninguém!". Uma pulou em cima do outro e tinha uma criançinha de quatro anos, cinco ano, não deu tempo pra pegar...mas o resto eu pulei dentro d'água ainda salvemo um bocado de gente.

Tinha dois meninozim eu salvei os dois que tava remando mais eu, porque toda vida eu botava uns menino pra remar porque os menino queria dinheiro pra merendar, ajudava eles, dava um trocadozim.

**Rubens** - E o restante que não sabia nadar...

**Bubu** - Não sabia nadar... foi só esses três mesmo. Pois é, tinha os meninozim, eu ajudava eles, eles me ajudavam, quando era de tarde a gente repartia o dinheiro e eu dava um trocadozim a eles.

**Rubens** - Mesmo sabendo que não foi culpa tua, teve alguém que quis botar?

**Bubu** - Não, nunca ninguém quis botar não. Ficaram magoados, né?

**Esposa** - Foi dando tempo ao tempo. É tanto que hoje tudo falam com ele. Ele ainda tem assim aquele receio de olhar pra pessoa. Mas ele ainda costuma de comprar alguma coisa lá, mas tem aquela cerimônia. Mas no começo foi difícil.

**Bubu** – Quando eu passava assim, ela dizia: “Taí, matou meu filho, não sei que”. Não foi culpa minha. E todo mundo sabe aqui. Quem tava e se salvou disse que eu não tinha culpa. A própria mulher que mora nesse prédio ela disse isso, que não tinha culpa, quem me chamou foi ela, ela e outros que me chamaram. Na hora que eu saí, a bicha começou já a rodar e o “cabôco” mexeu na canoa, mexeu logo na traseira aí começaram a pular gente, encheu d’água e ela virou. O tal Pedro Guimarães se tacou em cima do peito da canoa, ela virou e ficou assim de peito.

**Rubens** – Ela virou, mas ficou boiando?

**Bubu** – Ficou boiando, ela não afunda não.

**Rubens** – E como é que vocês voltaram pra margem?

**Bubu** – A negada tava tudo jogando baralho, neste beco aqui, e as canoa tudo amarrada, aí foi o tempo que saíram tudo pra salvar os outro.

**Rubens** – Esse pessoal que faleceu afundou, a maré levou?

**Bubu** – Acharam quase perto de Santana, passaram três dias ou quatro dias.

**Esposa** – Acharam por detrás da AABB. Foi a finada Valdênia, mas ela nunca soube nadar. (Entrevista realizada com Bubu em 29 de junho de 2009)

Essa recordação é muito importante porque cria um ponto de conexão entre a memória de todos os canoieiros entrevistados e de vários moradores, onde todos recordam com uma grande quantidade de informações compartilhadas entre si. Seu Valécio, em entrevista na beira do Rio, traz detalhes do dia do acidente e descreve como quem estivesse vendo passar a cena novamente:

É, ali foi um pessoal desleixado. Porque a canoa cheia d’água, pegou gente que não podia tá, quando a canoa fez isso, ela deu um “remonte” muito forte, todo mundo pendeu e a canoa virou. Agora eu fiquei com pena foi da moçinha, ela passou mais de uma hora e meia na chuva, bem ali, e entrou na canoa só pra morrer. Morreu toda “aparatadazinha”, relógio novo, cordão... (Entrevista realizada com seu Valécio em 12 de maio de 2008)

Apontando para o local e com um tom de pesar, descreveu esse momento como quem quer *fazer o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história* (THOMPSON, 1992: 41).

Mesmo não tendo certeza do ano do ocorrido, dona Graça lembrou alguns detalhes, enquanto conversávamos em sua residência, no mesmo dia em que Bubu me relatou o acidente:

Não sei se foi no 74 que houve...O “véi” balançou a canoa “chei” de gente e chovendo. Só tinha essa canoa dentro d’água, era a canoa aqui da minha casa, quem tava botando era até um filho meu - mas não era o Roberto, era o Bubu.

Foi, pois é. Ele vinha trazendo a canoa “chei” de gente e seu Pedro Guimarães balançando a canoa. Quando ele balançou a canoa, o “véi” despencou dentro

d'água e segurou na canoa - ele muito gordo - aí começou a canoa a virar. Teve o pessoal que escapou, mas morreu foi muita gente. (Entrevista com Graça realizada em 29 de junho de 2009)

Lembranças e momentos situados no novo cenário reconfigurado pela reurbanização do Rio, como a das enchentes históricas quando os canoieiros eram mantidos em uma espécie de cárcere sem grades. Várias décadas depois, seu Valécio lembra com uma indignação que parece a mesma da época:

**Seu Valécio** - Eu levei uma mulher com 5 meses de resguardo, fui deixar lá no final do Sinhá Sabóia. Quando eu cheguei, a polícia tava lá, o exército, né? Eu fui saindo:

- Soldado: E essa canoa?

- Seu Valécio: É nossa.

- Soldado: A canoa tá presa.

- Seu Valécio: Vamo fazer negócio: vamo lá em casa eu e você pra modo de tirar minha família que a água tá batendo na janela.

- Soldado: Ai não. Vai não.

- Seu Valécio: Rapaz, o que é isso? O sujeito não manda mais nem no que é seu mais? Já chegou o tempo do sujeito não mandar mais nem no que é seu? Sabe de uma coisa? Pois me acusa disso, eu não vou tirar ninguém, porque essa porcaria aqui eu fiz sem pedir um tostão a “fela da puta” nenhum, eu fiz do meu suor. Eu deixo de escapar o meu pra escapar o dos outros?

- Soldado: Então, vai não?

- Seu Valécio: Vou não!

- Soldado: Então tá preso.

- Seu Valécio: Tá certo. Mas num “vô”! Agora me obrigue!

É porque tinha que tirar o pessoal antes de tirar os meu. Ali naquela Tamarinda ficou tudo debaixo d'água, tudo era água. Ali era igual ao “ri”. Ninguém via chão, tinha casa que só tava a cumieira de fora. (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008)

Nesse dia, seu Valécio foi levado à delegacia e depois solto. Na mesma entrevista, ele lembra que outros canoieiros, como o Cabôco do Rolinha, foram presos também, mas de forma diferente: *O Cabôco do Rolinha tava preso, mas tava encostando o pessoal. Com o Cabo todo tempo dentro da canoa, né? Tava como preso* (risos – grifo meu) (Entrevista realizada com Valécio em 12 de maio de 2008).

O drama vivido pelos canoieiros era também de suas famílias. Mesmo com medo do Rio por não saber nadar, dona Graça é memória viva do ofício. As dificuldades de seu Chagas e as rotas dos desabrigados são trazidos à tona.

Ave, Maria! O Chaga trabalhava era o dia todim mais esse Roberto. O Chaga saía bem cedim, quando vinha aparecer era morto de cansado. Ele tirava nós junto com os menino, levava pra perto do aterro; nas caçamba do prefeito levava nós pro Sinhá Sabóia. Quando o Chagas chegava, já era de noite sem saber se eu não tava já em alguma parte, porque eles não tinham direito, as canoa ficava presa.

Prefeito prendia as canoa e os canoieiro só tinha direito de acudir só a família. Mas não sabia onde era que eu tava hospedado, não sabia de nada. Andava ele me caçando sem saber onde é que eu tava. Lá morava uma irmã minha na Cancela e me botava lá. Depois, no outro dia, é que ela arranhou uma casa, que minha família era grande e não cabia na casa dela. Uma época era nesse colégio ai, outra época ficamo na igreja de São Pedro. Rapaz, teve muita enchente aqui violenta, só Deus sabe!

Os prefeito queriam as canoa pra acudir o pessoal, meu filho. Porque prendia as canoa e dava aquela mixaria. Já no fim das conta, quando ia receber, já não tinha mais nem graça e eles *botando boneco* pra pagar. A época mais ruim mesmo que os canoieiro ficava assim sem receber dinheiro foi no tempo do Joaquim Barreto e do Zé Prado. Ave, Maria! Tem dia que, quando dava, era uma mixaria, dava nem pra começar!

Eles queria ficar liberto. Mas a prefeitura queria que trabalhasse pra eles pra acudir esse pessoal. Era os bombeiro, é as canoa, tudo trabalhando de noite e de dia pra acudir o pessoal. (Entrevista realizada em com Graça em 29 de junho de 2009)

Atualmente, a Prefeitura não prende os canoieiros, assim como não lhes direciona qualquer atenção. Após a construção da ponte nova, as canoas param de atravessar porque a correnteza do Rio é muito forte e eles mesmos admitem que é muito perigoso, não precisando que o corpo de bombeiros intervenha. Com a construção do calçadão, o aumento da velocidade no trecho em que trabalham os canoieiros foi encurtado, ocasionando a velocidade da correnteza quando o Rio está cheio.

O fato é que, antigamente, o leito do Rio não tinha sido invadido por tantas obras e não existia a barragem da água na *ponte velha*. E, ao contrário do período de intenso trabalho, hoje eles param durante algumas semanas, como em 2009, ou alguns dias, como em 2008.

A importância dos canoieiros durante as enchentes é inquestionável frente às necessidades surgidas em época de calamidades. Apesar do lamentável acidente na canoa de Bubu – único caso contado durante a pesquisa -, essa importância é vista nos inúmeros casos de resgate de pessoas se afogando. Eu mesmo já presenciei um possível afogamento quando estava na canoa com Roberto.

Já estava há certo tempo com Roberto e ventava forte. Dez minutos antes assistíamos uma pessoa perto da gente, a uns 30 metros, movendo-se no mato - era um homem visivelmente bêbado. Estávamos na margem direita, conversando e esperando passageiros. O senhor começou a entrar na água. Roberto, receoso, já puxou a canoa pra lá: *Patrão, venha pra cá* (Diário de campo, 11 de fevereiro de 2008).

Movendo-se com dificuldade, conseguiu entrar na canoa e levamos para o outro lado, para seguir viagem. Um senhor, 50 anos aproximadamente, visivelmente embriagado e morador do pé-da-serra – disse que iria atravessar o Rio. *Esse seria mais um, tenho nem dívida*, diz Roberto (Diário de campo, 11 de fevereiro de 2008).

Não há um canoeiro, pelo menos, que não tenha um desses casos para contar. Já aconteceu um caso de afogamento envolvendo até os próprios canoeiros – isso para se ter uma ideia da diversidade de pessoas que passam por esse risco ao entrar no Rio, seja um banhista ou pescador, criança ou velho. Com o título *Bombeiros resgatam corpo de canoeiro no Acaraú*, foi anunciada a morte do canoeiro Chico Velho pelo jornal local *O Noroeste*:

O Corpo de Bombeiros Militar de Sobral encontrou na tarde da última quarta-feira, dia 28, boiando nas águas do rio Acaraú o corpo do canoeiro Raimundo Bezerra de Sousa, 48 anos, mais conhecido por “Chico Velho”, que residia na rua Dom Expedito. Ele havia desaparecido desde o início da noite de terça-feira, 27.

Chico Velho estava na margem esquerda do rio quando pulou na água para fazer a travessia a nado. De acordo com testemunhas, o canoeiro recusou-se a fazer o percurso de canoa e resolveu enfrentar as águas. Mas, antes mesmo de atingir a metade do caminho, gritou por socorro, desaparecendo em seguida.

Patrulheiros da Guarda Civil que faziam o monitoramento do espelho d’água tentaram, de imediato, socorrer o canoeiro. Devido a visibilidade do local e à falta de equipamento necessário, as buscas foram suspensas só retornando no dia seguinte, com o auxílio dos mergulhadores do Corpo de Bombeiros. Com a morte de Chico Velho, sobe para cinco o número de vítimas de afogamento no espelho d’água do rio Acaraú, desde a sua inauguração. Apesar da vigilância diuturna da Guarda Civil na margem esquerda do rio Acaraú, o local é propício para este tipo de acidente devido à falta de uma grade de proteção em toda a extensão do logradouro, bem como a inexistência de salva-vidas. (30 de abril de 2004)

De alguns anos para cá – pelo menos desde 2006, início da pesquisa –, vejo salva-vidas circulando pelo calçadão. Os canoeiros dizem que eles são importantes, mas o afogamento acontece de repente, de forma rápida, e entre o tempo que a pessoa está se afogando e o tempo dos salva-vidas perceberem e chegarem ao local, a pessoa já pode ter se afogado. O que torna o canoeiro uma figura central nesses casos, por estarem o tempo inteiro dentro do Rio, possibilitando que, mesmo ocorrendo o afogamento a certa distância de onde eles trabalham, eles possam socorrer a vítima de forma mais rápida.



O município, por meio da investida de algumas autoridades, já alegou o perigo representado pelas canoas, que podem virar e não tem segurança - mas nunca conseguiram paralisá-las. O que escutei dos canoeiros como possível apoio da prefeitura foi sobre a doação de colete salva-vidas e de um uniforme. O uniforme viria, segundo Roberto, quando realizarem as obras na outra margem, anunciadas desde a gestão Cid Gomes.

Segundo as reuniões que teve na associação, segunda as pessoas de lá, falaram que ia dar era um apoio pra gente, porque as canoa não podia se acabar. Ele ia dar um dinheiro a gente pra renovar as canoa e cada canoeiro ter 10 colete de segurança, que ia ser tudo pintadinha, os remo tudo novinho. Ia era melhorar porque ia ficar um ponto turístico pro pessoal passear. (Entrevista realizada com Roberto em 28 de junho de 2009)

Nesses momentos, vejo a convicção dos canoeiros quando se referem à necessidade de seu trabalho. Roberto ao me contar sobre os rumores de tirá-los do rio, disse: *A gente é daqui já*. “Patrimônio?”, perguntei. *É, patrimônio*” (Diário de campo, 11 de fevereiro de 2008).

Com as experiências da memória, os temas que sobressaíram à problemática da enchente foram os que se relacionam à situação de calamidade: os desabrigados; o perigo do transporte de pessoas durante fortes chuvas, traduzido no acidente de canoa; a opressão do poder público que confiscava as canoas; as lembranças sobre o Rio.

Entre outros desenvolvidos neste capítulo, eles foram pontos de referência que estruturam (POLLAK, 1989) a memória dos canoeiros, utilizadas não só para trazer um passado à tona, mas construir um saber dotado de presente e que faz projeções para o futuro. O trabalho de enquadramento da memória (POLLAK, 1989), possível a partir destes pontos de referência,

(...) Pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989: 10)

As narrativas a que tive acesso, amparadas nas trajetórias dos canoeiros, foram não só coletadas, mas negociadas durante o trabalho de campo. Onde o ato de lembrar, funcionou como chave de compreensão de memórias e lembranças, construídas e desconstruídas em meio a transformações coletivas e da ordem do indivíduo.

## ***A GERAÇÃO DAS CANOAS NÃO ACABOU:***

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pude acompanhar a trajetória de vida destes canoeiros durante os últimos três anos. Foi um desafio à sensibilidade e à observação estar próximo deste grupo, percebendo mudanças, continuidades, digressões e contradições - nestes homens, e em mim.

Entre todos, alguns: Chiquim não almeja o futuro na canoa; mas há Roberto, um aprendiz de feitor, que alimenta a tradição do ofício enchendo a contemporaneidade de sentidos. E ainda, um tal Valécio, que resolve sair de dentro da canoa e ficar, por assim dizer, só espreitando, da ribeira e que, na firmeza de opinião, diz que a geração das canoas não se acaba.

Nessas *autobiografias dos que não escrevem* (LEJEUNE, 2008) enxergo as possibilidades trazidas pelos estudos da memória, tanto a encarando como um fértil campo para o conhecimento da sociedade, como para subverter do esquecimento esses saberes. Afasto-me da pura ideologia de dar voz aos dominados e pensar estas possibilidades no campo da reflexão sociológica:

(...) A de tomar o que é liminar, marginal e anômalo como referência da compreensão sociológica. É nos limites, nos extremos, na periferia da realidade social que a indagação sociológica se torna fecunda, quando fica evidente que a explicação do todo concreto é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. É nesses momentos e situações do protagonismo oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns, dos que foram postos à margem da História, do homem sem qualidade, que a sociedade propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos, sua diversidade teórica mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2000: 13).

Não me tornei nativo, nem almejo ser canoeiro, mas nas travessias que pude fazer fui levado a locais desconhecidos que com o tempo foram se provendo de sentido. Tive a oportunidade de melhor palmilhar a história do Estado, travessia a um outro rito de iniciação do Ceará: entender o caminho das boiadas, as ribeiras que deram origem a cidades, os rios que levavam e traziam. Aprendi a andar, entre outros locais, pelas vicinais da história, pelas suas estradas carroçáveis e rodagens de água.

Sobre a minha relação com a pesquisa, carrego até hoje este sentimento expresso no meu Diário de Campo:

Sou apenas um viajante bem recebido. Um viajante, passante, que deteve o olhar e a atenção sobre alguns moradores da cidade e na impossibilidade de conhecê-la toda pediu que alguns lhe apresentassem, do seu jeito; com suas versões da história, tão verdadeiras e verossímeis quanto às inúmeras outras.

O viajante também escolhe e seleciona. Possui uma bússola, mesmo que sua nau ceda aos movimentos do rio. Nada vende ou compra, a moeda pode ser a saudade de um, o incômodo da invisibilidade do outro; a disponibilidade para escutar e contar; a vontade de fazer lembrar-se; de aquecer o que no rio arrefeceu. O viajante não quer riquezas, nem desenterrar tesouro algum. Ele quer elaborar um mapa para dizer que os caminhos estão sendo feitos: feitos de suor e conceitos, de varas, remos e canoas. Mesmo sabendo que estes mapas mudam e levam a lugares desconhecidos. (11 de maio de 2008)

Seja fotografando, entrevistando ou escrevendo, busquei compreender os pontos de referência que estruturam (POLLAK, 1989) as memórias dos canoeiros, que afloraram por meio das narrativas sobre o ofício da canoagem e sua relação com a cidade de Sobral.

Sempre informado por essas narrativas, a criação textual e imagética dessa pesquisa deparou-se com conhecimentos sobre o rio Acaraú, sobre bairros da cidade, sobre uma série de relações invisíveis tecidas no burburinho do dia-a-dia e sobre a existência de um cotidiano muito peculiar agenciado por poucos homens e envolvendo uma parte considerável da população.

Acompanhando parte das trajetórias de vida dos canoeiros e um passado transpirado por elas, cheguei a perceber acontecimentos que fogem a sua vida e às vezes até o seu entendimento. Assim como tive acesso a mudanças estruturais na cidade de Sobral por meio e documentos e livros, a forma como essas transformações eram interpretadas por eles me contaminou com outra visão do cotidiano.

Ao estar com eles, as experiências da memória foram minhas também. Acompanhar sujeitos que não escrevem – e sim, inscrevem - suas memórias e trazê-las à tona, colocou-me no honroso, porém difícil, lugar de organizador delas. Dificuldade saudável, que me incentiva a problematizar sobre os próprios termos sobre os quais os relatos são organizados: sejam as trajetórias, relatos, testemunhos de vida; ou autobiografia falada e radiofonia transcrita – para citar neologismos que Lejeune (2008: 114) chama de infelizes.

Mais do que entrar no mérito de cada termo, penso ser mais produtivo inventariá-los e perceber suas lógicas de utilização em cada autor e a partir de contextos específicos. O mais importante é que seus relatos foram *falas fundadoras* (LEJEUNE, 2008) para mim e que o

*pacto* feito entre nós explicita uma intenção de comunicação baseada nas propostas e nas descobertas desta pesquisa.

Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. (...) Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. (LEJEUNE, 2008: 73)

A partir daquele lugar da memória (NORA, 1993) ativei reminiscências que remetiam a outro tempo e espaço – espaço-afeto e tempo-memória. Nas entrevistas com os canoeiros, pela oralidade passei a conhecer outras histórias e que, no momento do registro, esses relatos passaram a ser uma memória-documento. Um conjunto de situações marcantes que, encontradas, puderam ativar uma memória e resignificá-la à luz de situações atuais.

A busca do tempo perdido ultimava-se no tempo reconquistado, nem presente nem passado, nem fusão dos dois, mas algo que, “comum ao presente e passado, é mais essencial que ambos” (...) A revivescência do passado no presente retira o presente do fluxo do tempo. (NUNES, 2003: 62)

O ofício de canoeiro em Sobral não vive apenas de pretéritos, mas de uma contemporaneidade: de sentidos e práticas adquiridas ao longo do tempo que se transformam ao calor das intensidades de um cotidiano que não existe sem história (MARTINS, 2000): *Nessa adversidade, a questão é saber como a História irrompe na vida de todo dia e trava aí o embate a que se propõe, o de realizar no tempo miúdo da vida cotidiana as conquistas fundamentais do gênero humano (...)* (MARTINS, 2000: 11).

Nesta contemporaneidade, vão sendo gestados os novos conflitos, o passado vai sendo reenquadrado (POLLAK, 1989) e apostas de futuro vão sendo feitas; outras e novas interações entre canoeiros, a população, o Rio e o poder público vão se configurando.

Uma das apostas de futuro compartilhada entre canoeiros e o pesquisador é sobre o futuro da canoagem. Dúvida que me inventiva a continuar nesta pesquisa, sem abandonar os canoeiros do rio Acaraú, mas procurando saberes em outras ribeiras, integrando-os numa realidade maior: a investigação da canoagem ao longo do rio Acaraú.

Pela quantidade de municípios cortados pelo Rio, não é difícil imaginar quantos canoeiros ainda existem e a diversidade de questões a serem analisadas. Assim, fica a pesquisa sobre a canoagem ao longo do rio Acaraú e seus ribeirinhos como proposta para voos futuros.

Mais do que um experimento, esta pesquisa foi uma travessia. Sempre em aberto, porque para a travessia ser concretizada, acredito eu, ela pressupõe o movimento. Não o movimento de quem vai e volta, mas aquele de quem está sempre em trânsito, entre as margens. A terceira margem de que fala Guimarães, não é um estado, mas um processo, um porvir incessante, algo em aberto, a deriva de fluxos e refluxos, entre o possível e o contingente: *Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio* (ROSA, 1988: 32)



Seu Valécio (Foto: Rubens Venâncio)

## Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: DODEBEI, Vera; Gondar, Jô (orgs). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AGUIAR JÚNIOR, Paulo Rocha. *A cidade e o rio: produção do espaço urbano em Sobral-Ceará*. Fortaleza, UFC, 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, 2005.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ARAÚJO, Francisco Sadoc. A instalação da Vila de Sobral. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1988. p.144-149.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto; LUCAS, Meize Regina Lucena; SOUSA, Raimundo Nonato R. de; VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. *Sobral patrimônio nacional*. Sobral: Prefeitura Municipal de Sobral, 2000.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: DODEBEI, Vera; Gondar, Jô (orgs). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BATTERSON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinesse character: a photographic analysis*. Nova Iorque: Academy of Sciences, 1962.

BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge no capitalismo*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas, n. 3).

\_\_\_\_\_. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 18 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs). *Os desafios da imagem*. Campinas: Papirus, 1998.

BORELLI, Silvia Helena S. *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson*. São Paulo: EDUC, 1992.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTRO, Celso. *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CAVALCANTE, Peregrina Fátima Capelo. *Matadores de gente: como se faz um pistoleiro*. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *Os fantasmas da cidade*. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1993.
- COSTA, Antônio Carlos Campelo; CRUZ, Andrea Nóbrega da; ALVES, Maria do Carmo. *Sobral, a preservação do Sítio Histórico a partir do seu tombamento*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2008a.
- COSTA, Antônio Carlos Campelo; ROCHA, Herbert de Vasconcelos. *Sobral da Origem aos distritos*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2008b.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
- DUVIGNAUD, Jean. Introdução. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- ECKERT, Cornélia; CAIUBY, Novaes; MARTINS, José de Souza. *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 2005.
- ELIAS, Norbert. Observações sobre a fofoca. In: \_\_\_\_\_. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. (orgs). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FREITAS, Nilson Almino de. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. Fortaleza, UFC, 2005. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo:Global, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S&A, 1989.

GIRÃO, G. M; SOARES, M. N. M. *Sobral: História e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997.

GOLDMAN, Márcio. *Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões*. *Anuário antropológico/93*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GONDAR, Jô. Quadro proposições sobre memória social. In: \_\_\_\_\_; DODEBEI, Vera; (orgs). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LEITE, Rogério Proença. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, junho de 2002, v. 17 n.49.

LAHITE, Bernard. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISSOVSKY, Maurício. Sob o signo do “clic”: fotografia e história em Walter Benjamin. In: BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs). *Os desafios da imagem*. Campinas: Papyrus, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LUCENA, Célia de Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) Lembranças de imigrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril, 1978.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia e fotografia da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.  
\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.



MELO, Denis. *Cama de baleia: imaginário da população da ribeira do rio Acaraú em Sobral-Ceará*. Recife, UFPE, 2001. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

MENEZES, Upiano T. Bezerra. Rumo a uma “História visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

NASCIMENTO, José Clewton do. *(Re) Descobriram o Ceará? Representações dos Sítios Históricos de Iço e Sobral: entre Areal e Patrimônio Nacional*. Bahia, UFB, 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2008.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Projeto História - Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, Etienne (orgs). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 2005.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-homem*. Fortaleza: ABC, 1999.

OLIVEIRA, Almir Leal. *A construção do Estado Nacional no Ceará na primeira metade do século XIX: autonomias locais, consensos políticos e projetos nacionais*. In: OLIVEIRA, Almir Leal; BARBOSA, Ivone Cordeiro. *COLEÇÃO LEIS PROVINCIAIS : ESTADO E CIDADANIA 1835 – 1864*. Fortaleza: 2009.

PINTO, Jober José de Souza. *Os novos palácios da velha princesa: intervenções arquitetônicas contemporâneas no Sítio Histórico de Sobral*. Rio Grande do Norte, UFRN, 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

PINTO, José Alcides. *O dragão*. Rio de Janeiro: GRD, 1964.

PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. *Projeto História - Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, n. 17: Educ, p. 203-211, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p.200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. *Projeto História - Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, n. 15: Educ, p. 13-51, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Histórias de vida e depoimentos pessoais. *Sociologia*, São Paulo, v. XV, nº1, mar. 1953. São Paulo.

QUINTANA, Mário. *Preparativos de viagem*: antologia pessoal. Rio de Janeiro: Globo, 1989).

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROUILLÉ, André. *A fotografia*: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SAMAIN, Etienne. *Revista Studium*, nº6. Campinas: 2001.

SANZ, Cláudia Linhares. *Passageiros do tempo e a experiência fotográfica*: da modernidade analógica à contemporaneidade digital. Rio de Janeiro, UFF, 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação, Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2006.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo, n.16, p. 297-325, 1998.

TACCA, Fernando de. *A imagética da comissão Rondon*: etnografias fílmicas estratégicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e a memória. *Projeto História* - Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 15: Educ, 1997.

## **Jornais citados**

Jornal Expresso do Norte, 24 a 30 de setembro de 2002.

Jornal Expresso do Norte, 22 de maio de 2009.

Jornal O Povo, 13 de maio de 2009.

Jornal O Noroeste, 30 de abril de 2004.

## Apêndice

### **Canoeiros de Sobral: vivos, aposentados e mortos (citados nas narrativas dos canoeiros entrevistados nessa pesquisa)**

**Bubu** (vivo); **Caboco do Rolinha** (falecido); **Coco** (vivo); **Chagas** (falecido); **Chico Cabussu** (falecido); **Chico Cafage** (falecido); **Chico Cará** (falecido); **Chico Dutra** (falecido); **Chico Gavião** (falecido – morreu durante a pesquisa); **Chico Preto** (falecido); **Chiquim** (vivo); **Chico Velho** (falecido); **Fernandes** (falecido) **Fubarú** (vivo); **Furtuoso** (falecido) **Ivan** (vivo); **João Cacetim** (falecido); **Lácio** (vivo); **Mauro** (falecido) **Mestre Dé** (aposentado); **Montenegro** (falecido); **Paca** (falecido); **Quinca** (falecido); **Roberto** (vivo); **Tonhão** (falecido) **Valécio** (aposentado).

### **Canoeiros que tiveram suas trajetórias de vida interpretadas nessa pesquisa:**

Antônio Anselmo dos Santos, nascido em 12/03/58 (**Coco**)

José Anastácio da Silva, nascido em 14/11/1959 (**Ivan**)

José Policarpo da Silva, nascido em 05/11/1928 (**Mestre Dé**)

Roberto Pontes de Souza nascido em 22/09/1967 (**Roberto**)

Valécio Anselmo Boto, nascido em 25/06/1929 (**Valécio**)

### **Outros canoeiros entrevistados:**

Antônio Arinaldo Araújo Frota, nascido em 15/06/1960 (**Lácio**)

Francisco Costa de Oliveira, nascido em 15/08/1912 (**Chico Gavião**)

Francisco Pontes de Souza, nascido em 29/10/1984 (**Chiquim**)

Francisco Sélis Pontes, nascido em 08/08/1968 (**Bubu**)

**Outros entrevistados:**

Emanuel Gaspar Gadelha (Seu Cácia)

Juscelino de Almeida monte (Seu Almeida)

Maria das Graças Pontes de Souza (Dona Graça)